Axl promete: disco novo do Guns N' Roses até o final do ano

SHOWBIZZ

www.uol.com.br/showbizz
R$ 5,00

EXEMPLAR DO ASSINANTE

Discos de vinil: bons, bonitos e baratos. Descubra as melhores lojas por todo o Brasil

Catatonia e o som que vem do País de Gales

Daniel Johns, do Silverchair: talento e sofrimento aos 20 anos

Woodstock 30 anos do festival que marcou uma era

O vôo do Charlie Brown Jr.

Como o skatista Chorão venceu no rock brasileiro falando a língua das ruas

A ressurreição de Mr. Big, Poison e Twisted Sister

ANO 15 Nº 170 EDIÇÃO 170 ANO 15 Nº 2 OUTUBRO 1999

Abril

Editorial&Sumário

Charlie Brown Jr.: 650 mil discos vendidos após muita luta

Foto capa: Shin Shikuma

Poucas vezes se viu tamanha identificação entre público e banda. O que acontece nos shows do Charlie Brown Jr., a grande revelação do rock brasileiro deste fim de milênio, é um impressionante fenômeno de comunicação. Chorão, Champignon, Thiago, Marcão e Pelado falam a língua da molecada de hoje em música, letra, pulos e suor. Para conhecer a história do vocalista Chorão, que criou o Charlie Brown Jr. e convenceu seus parceiros – todos músicos talentosos – a encararem com ele as difíceis manobras de um grupo de rock no Brasil, leia a entrevista na página 20.

Se você preza seu suado dinheirinho, também não deve deixar de conferir a matéria sobre discos de vinil. Usando o serviço com lojas nas maiores cidades do Brasil, é possível economizar e conhecer maravilhas do mundo dos LPs.

Em outras duas matérias de destaque nesta edição, constatamos o reaquecimento da cena farofa nos Estados Unidos e desvendamos o rock do País de Gales, que, depois de décadas de contribuições tímidas, está hoje tomando conta da cena pop da Grã-Bretanha.

A partir do próximo mês, SHOWBIZZ estará chegando às bancas mais cedo, a partir de 4 de agosto. Nossa edição especial de aniversário vai trazer estampada na capa uma grande matéria sobre como o rock mudou o século 20 e outras surpresas para você.

Aquele abraço,

Pedro Só

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Frankyto Lopes – *O Índio Apaixonado*
Com os subtítulos à altura de sua performance ("O Rei Dos Bregueiros" e "Agüenta Coração") e faixas como "Corno Vai, Corno Vem", Frankyto está um pouco gasto, mas ainda agita as noites de Belém.

Polux? – *In Vino Veritas*
Punk rock selvagem com vocais nervosíssimos de garotas cariocas mais descontroladas do que as personagens de Almodóvar. CD independente proibido para quem está com dor de cabeça.

Vários – *The Clash Tribute*
Há de tudo: desde Silverchair "interpretando" "London's Burning" a Ice Cube estragando "Should I Stay Or Should I Go", passando por Moby, os grandes Afghan Whigs, No Doubt e outros.

Afro-Cuban All Stars – *A Toda Cuba Le Gusta*
A continuação da festa cubana do excelente *Buena Vista Social Club*. Impagáveis tiozinhos preservados em barris de socialismo.

20 Charlie Brown Jr.
Skate, hip-hop e rock'n'roll na medida para a molecada brasileira do fim do milênio

28 A solução vinil
Descubra o mundo maravilhoso dos LPs e saia da crise

34 Farofa forever
O hard rock de Poison, Twisted Sister e Mr. Big ressurge das cinzas

38 Woodstock
Lembranças da festa na lama

42 Silverchair
Adolescência atormentada dá rock

44 Rock do País de Gales
Catatonia, Manic Street Preachers e outras bandas que estão dominando o pop britânico

48 A promessa de Axl Rose
Cantor do Guns jura que o disco novo está no forno

50 Frank Black
O ex-Pixies só quer saber de rock tosco

sempre em showbizz

4 CARTAS
Engenheiros, amados e odiados; Raimundos no *Gugu*

8 SHOWBIZZ RESPONDE
Ficha dos Smashing Pumpkins; discografia do Whitesnake

10 BIZZES
A ditadura do Pink Floyd; Cidade Negra na Europa

52 DEMOCRACIA
A nova banda dos ex-Virna Lisi; Sinhô Preto Velho

54 DEZ DISCOS
Para você entender o tecno

56 MINHA COLEÇÃO
Tony Bellotto, dos Titãs

59 DISCOS
Ultraje A Rigor, Jamiroquai, Flaming Lips, Fantômas

70 AO VIVO
Raimundos, Paralamas, Pretenders

74 TESTE
Você entende os críticos de música?

75 LETRA TRADUZIDA
"Last Kiss", do Pearl Jam

76 ENTRE LEITORES

78 PARADA CROWLEY

79 EQUIPAMENTOS DE SOM
Headphones para todos os gostos e bolsos

80 INSTRUMENTOS MUSICAIS
A gaita de Flávio Guimarães, do Blues Etílicos

82 DISCOTECA BÁSICA
Porcupine, do Echo & The Bunnymen

Cartas

Mário Sawaya

Ninguém = ninguém

Recordo como se fosse hoje (com ajuda de minhas *BIZZ*, é claro!) o tempo em que se travavam verdadeiras guerras entre crítica e público: afinal, os Engenheiros Do Hawaii eram ou não uma boa banda? Numa época em que escolinha de crítico era malhar os Engenheiros, a banda se firmava e cativava corações de jovens com espinhas na cara. Humberto Gessinger era guru e sex symbol para uns; tedioso e arrogante para outros. Muito tempo se passou e os gaúchos continuaram firmes (tirando as mudanças na formação) como ditam as leis dos pampas. Hoje, numa revista mais séria e democrática, vejo a banda receber nota 9 pelo competente novo disco, *!Tchau Radar!* (*Seção Discos, edição 166*). Salve as bandas do rock nacional anos 80, que agora é movimento. E obrigado por me deixarem feliz todo mês.
Richelly Bruno Lucindo – São Mateus, ES

A verdade é que eu tenho orgulho de dizer que não sou igual a todos... pois ninguém = ninguém, não sigo modas nem tendências. Me acham meio louco, mas e daí? Daqui a vinte anos nós vamos ver quem era o louco... afinal... somos quem podemos ser. Enquanto eles terão vidas iguais aos pais deles, eu, o louco que sentava lá atrás pra escrever e bagunçar, vou estar nos jornais... no centro de tudo... por dentro de tudo... no olho do coração. E se isso não acontecer, tudo bem, eu compreendo as letras do Gessinger... eles não...

A banda voltou com tudo! O novo CD está perfeito!
Rafael Rodrigues dos Santos – Varginha, MG

Quando li a crítica sobre o novo CD dos Engenheiros não entendi por que falaram tão bem. Para tirar a prova comprei. Aí sim pude entender: o CD é muito ruim. Como, da formação antiga, só restou o Humberto, o mérito de incompetência só diz respeito a ele. É triste, mas Humberto cavou sua própria sepultura. Só lhe resta explorar seus paquitos que atraem garotinhas para os shows da banda. Eu, que dediquei oito anos de fidelidade a essa banda, hoje vejo tudo acabar em pizza.
Augusto Miranda Júnior – São Paulo, SP

"Comercialismo"

Promovo uma constante cruzada pela cultura em meu ambiente de trabalho, sempre ressaltando a qualidade dos artistas independentes/alternativos/originais/não apelativos. Tento mostrar aos amigos o quanto os pagodeiros/axé/sertanejos são guiados por gravadoras para que vendam milhões de discos de forma apelativa e sem qualidade, deixando o povo brasileiro cada vez mais alienado de seus problemas sociais e pobre culturalmente. Porém sofri uma derrota hoje (segunda-feira, 31 de maio de 1999) ao receber a notícia de meus amigos pagodeiros que os Raimundos se apresentaram no programa do Gugu Liberato – a apoteose do mau gosto, da pornografia e do comercialismo. Tá certo que grana alta é tentadora, mas playback no Gugu é demais. Será que os Raimundos não estão confiando nas vendas de seu novo disco? Vale lembrar que o caminho do comercialismo é sem volta, vide Barão, Titãs, Cidade Negra, Skank, Kid... Lembrei daquela música da Plebe Rude – "Minha Ronda": "Pra música vender, tem que ser acessível..." Triste.
Rodrigo Siqueira – Rio de Janeiro, RJ

Santa ingenuidade, Rodrigo! Aparecendo em programas de TV populares, os Raimundos atingem gente como os seus amigos. Com certeza, a imagem e o som deles na TV podem ser bem mais convincentes do que a sua "cruzada" de argumentos um tanto quanto confusos. O que é "comercialismo", afinal? Até o Fugazi, banda americana de hardcore que melhor simboliza a postura independente, "vende" sua música – seja em CDs, seja em shows.

Sim ao Iron

Sou assinante da SHOWBIZZ desde suas primeiras edições e acho que ela publicou uma das mais completas revistas em maio (*edição 166*), quando mostrou matérias do Metallica, do Kiss e, principalmente, sobre o Iron e o Bruce (que finalmente voltou para o Maiden). Já na ótima edição de junho (*Seção de Cartas*) um certo Paulo de Tarso tem a cara-de-pau de dizer que a revista está publicando muitas reportagens sobre o Iron Maiden. Eu acho melhor ele começar a ler a *Capricho*, se é que ele já não lê.
Renan F.G. – São José dos Campos, SP

"Franga louca"

Só mesmo lendo a entrevista com Duff McKagan que saiu na última SHOWBIZZ (*mês de junho*) para ter certeza de que ele é o ex-integrante mais sensato do Guns. Estava na hora de alguém muito próximo de Axl tirar sua máscara de bom moço. Eu amo o Guns, mas W. Axl Rose não é flor que se cheire. Enquanto ele usa e abusa de nossa paciência, podemos nos alegrar vendo que Slash, Duff, Matt, Izzy e todos os outros que entraram e saíram da banda não deixaram de seguir em frente. E Axl que ouse demorar mais um ano para lançar o tão esperado CD... Juro que vou até Malibu e, com muito amor, carinho, admiração e consideração, estrangularei a franga louca! Não terei piedade... Te cuida, Mr. Rose...
Tahina Lameiras Diniz – Brasília, DF

Radicais livres

Li a resenha sobre o álbum de estréia do New Radicals e, contrariando a medíocre nota 6, tive uma agradável surpresa ao ouvir o CD. Gregg Alexander sintetizou muito bem o que diversas pessoas queriam dizer há tempos, no hit "You Get What You Give", criticando figuras monstrengas criadas sob medida para cabecinhas debilóides. Quando vejo aberrações musicais como Marilyn Manson ganhando proporções de megastar, fico pensando se realmente há vida inteligente no planeta em que habitamos.
Nielsen Braga – Rio Branco, AC

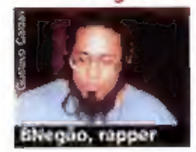
Outro mangue

Acho que o problema da cena manguebeat não é só amadorismo e falta de preocupação com os vocais nas bandas novas (*"Abril Pro Rock Fecha O Foco" – edição de maio*). Nem o fato de "bandas novas investindo no som pesado para ganhar um público imediato", como pensa Pupilo, da Nação Zumbi. Sou roqueiro há vinte anos e tenho acompanhado a evolução da música pernambucana muito antes de existir o Abril Pro Rock e a cena manguebeat. Vocês não sabem quanto caldo pode ser extraído dos manguezais pernambucanos! O problema é que o Abril e outros festivais que acontecem por aqui insistem em todo ano colocar as mesmas bandas. Gosto muito de som porrada e também de todas as bandas dos APR, mas a chamada cena manguebeat precisa se reciclar. Há ótimos grupos que não aparecem nos festivais. Poderia citar dezenas, mas se liguem nestes nomes: Girimum e Seus Machiches (funk metal), Inhame Jam (hard rock), KZF (black music), Chão E Chinelo (som regional), Andaluza (fusion) e Carcará De Gueto (trash-baião).
Carlos Alberto Melo Coutinho – Recife, PE

Na viagem trip hop

Surpreendente seria uma boa definição para a edição de maio. De Metallica a Fatboy Slim, passando por uma nota 9 (?!) para o novo disco dos Engenheiros... O que mais me agradou, porém, foi o mapeamento de dez discos essenciais de trip hop, meu gênero preferido atualmente. Dos álbuns citados, tenho só o *Big Calm*, do Morcheeba, que é disparado o melhor disco que comprei em 1998 e que conheci graças a uma resenha na SHOWBIZZ. Aliás, outro que descobri por meio de uma crítica (foram só elogios...) foi o *Becoming X*, do Sneaker Pimps, injustamente excluído dos álbuns básicos do gênero. O trio (na capa são três, nos créditos são cinco) inglês investiu pouco em samplers e muito em sintetizadores e nos chamados instrumentos de verdade, criando obras-primas incontestáveis, como "6 Underground".
Luis Carlos Kunde – Cristal, RS

Correções:



• Na página 30 de SHOWBIZZ 167, uma foto do rapper Gustavo Black Alien saiu onde deveria estar a imagem de BNegão, do grupo Funk Fuckers.

• O chemical brother Tom Rowlands teve seu sobrenome grafado incorretamente na página 68 da edição 167.

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor.

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail: showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Correio: Caixa Postal 66157 - CEP 05315-970 São Paulo, SP
Fax: (011) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail: abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (011) 3990-2112 *(Grande São Paulo)*
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (011) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

NÚMEROS ATRASADOS
Seis últimas edições de SHOWBIZZ

E-mail: dinap.na@email.abril.com.br
Tel.: (011) 810-4800 / **Fax:** (011) 868-2400

PUBLICIDADE
Tel.: (011) 3871-7019 / **Fax:** (011) 262-8696

EDITORA Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 -1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Marcel Caig
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Nicolino Spina

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Redator Chefe: Pedro Só
Editores: Bernardo Araujo e Tominho Spessotto
Repórter: Leticia Calmon
Editor de Arte: Rodolpho Vasconcellos
Editora-assistente de arte: Graziella Iacocca
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboraram nesta edição: (Texto) André Gordirro, Bruno Lancelotti, Carlos Eduardo Oliveira, Celso Masson, Celso Pucci, César Carpanez, Daniel Oliveira, Fabian Chacur, Isabel Flores, Izabel Oliveira, Jaime Biaggio, José Flávio Júnior, Luciano Vianna, Maira Mee, Pedro Serra, Rodrigo Brandão, Silvia D., Valeria Rossi (Fotos) Alex Silveira, Daniela Dacorso, Marcelo Ximenes, Marcos Hermes, Ricardo Fasanello, Shin Shikum (Ilustração) Felix Reiners, Milton Trajano (Revisão) Jorge Cotrin

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo
Abril Press: José Carlos Augusto
Nova York: Grace de Souza
Paris: Pedro de Souza
Publicidade
Diretor de Publicidade: Moacyr Guimarães
Executiva de Conta: Márcia Regina Braga
Marketing
Gerente de Produto e Promoção: André Felipe D'Amato
Assistente de Produto: Fernando Euzébio dos Santos

Recursos Humanos
Diretor de RH: Marcio Ogliara
Planejamento e Controle
Gerente de Planejamento e Controle: Aluro Luis de Iasi

Assinaturas
Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Lídia Colavitti
Diretor de Vendas: William Pereira
Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritórios Regionais: Jacques Ricardo
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Abril

Presidência
Roberto Civita, *Presidente e Editor*
José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes:
Geraldo Nogueira de Aguiar,
Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal,
Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Agosto. Mês de aniversário da melhor revista brasileira de música. Você vai ganhar altos presentes e novidades.

Grátis!

Chaveiro exclusivo+ revista em quadrinhos da Abril Jovem.

SHOWBIZZ 14 ANOS

Edição especial com 100 páginas.

Mais cedo nas bancas!

Entre nesta festa a partir de 04/08.

Não perca!

Abril

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Pop charmoso

Gostaria de saber mais informações sobre a banda Penélope Charmosa.

José Mendes Neto – Uberlândia, MG

Para evitar problemas judiciais com a Hanna-Barbera, a banda soteropolitana agora se chama apenas Penélope (o Charmosa dançou). Seu disco de estréia, *Mi Casa, Su Casa*, deve sair na segunda quinzena de agosto. O quarteto está no Rio de Janeiro ensaiando no estúdio de Tom Capone, que dividiu a produção do CD com Antoine Midani, e shows já estão começando a ser agendados em casas alternativas do Rio. Será lançado em breve um single com "Teen", "Tão Seu" (versão do sucesso do Skank que foi incluída no CD ao vivo *Cinco Anos De Chaos*, que reúne diversas bandas do selo) e "Harold". Apesar da temporada carioca, Erika (vocais e guitarra), Constança (teclados e flauta), Erika Nandi (baixo), Luizão (guitarra) e Mário (bateria) têm planos de continuar morando em Salvador.

Erika, a vocalista *(ao centro)*, é um dos encantos da banda baiana

Doce-amarga

Estou prestes a renovar minha assinatura. Visto isto, me dou ao direito de pedir-lhes a discografia da Carole King.

Mônica Marya dos Santos – Sorocaba, SP

Com todo prazer, Mônica! *Now That Everything's Been Said* (1968), *The City* (1969), *Carole King: Writer* (1970), *Tapestry: Music* (1971), *Rhymes And Reasons* (1972), *Fantasy* (1973), *Wrap Around Joy* (1974), *Really Rosie* (1975), *Thoroughbred* (1976), *Simple Things* (1977), *Welcome Home: Her Greatest Hits* (1978), *Touch The Sky* (1979), *Pearls: Songs Of Goffin And King* (1980), *One To One* (1982), *Speeding Times* (1983), *City Streets* (1989), *Colour Of Your Dreams* (1993), *A Natural Woman: Carole King: In Concert* (1994), *The Carnegie Hall Concert, June, 18, 1971* (1996).

Dinho & Cia

Tenho dois pedidos: será que vocês poderiam publicar a discografia do Capital Inicial? Qual é o disco que tem o sucesso "Fátima"?

Daniel Araújo – Fortaleza, CE

Anote aí, Daniel! É no primeiro disco da banda, o homônimo *Capital Inicial* (1986), que está "Fátima". Em 1984, o Capital lançou o compacto com "Descendo O Rio Nilo" e "Leve Desespero". Os outros discos são: *Independência* (1987), *Você Não Precisa Entender* (1988), *Todos Os Lados* (1989), *Eletricidade* (1991), *Rua 47* (com o vocalista Murilo Lima) (1994); *Ao Vivo* (também com o vocalista); *O Melhor De Capital Inicial* (1996) e *Atrás Dos Olhos* (1998).

Saudoso Coverdale

Bem, como todos os leitores, eu também tenho uma pergunta. Por onde anda o pessoal do Whitesnake? Eles vão lançar algo novo? E a discografia completa deles?

Diogo dos Santos Netto – Rio de Janeiro, RJ

O Whitesnake anda meio parado – o que não quer dizer que a banda acabou. Depois de vir ao Brasil em novembro de 1997, David Coverdale e amigos parecem estar curtindo boas férias por tempo indeterminado.
Aí vai a discografia, Diogo. *Snakebite: Trouble* (1978), *Lovehunter* (1979); *Ready An' Willing: Live... In The Heart Of The City* (1980), *Come An' Get It* (1981), *Saints & Sinners* (1982), *Slide It In* (1984), *Whitesnake* (1987), *Slip Of The Tongue* (1989), *Greatest Hits* (1994), *Restless Heart* (1997) e o acústico *Starkers In Tokyo*, gravado no Japão no fim do mesmo ano.

Bolshoi!!!!???

Gostaria de saber o que aconteceu com o grupo The Bolshoi?

Silvio Augusto de A. Bezerra – Maceió, AL

O quarteto inglês conhecido no Brasil pelo hit "Sunday Morning" se formou em 1984 e durou apenas dois álbuns (*Friends e Lindy's Party*). Boatos na Internet dão conta de que os fundadores Trevor Tanner (vocais e guitarra) e Paul Clark (teclados) estariam trabalhando em projetos solos, mas poderiam se reencontrar para um novo disco. Trevor hoje reside no Alabama, EUA. Paul se mudou para Seattle. Jan Kalicki (bateria) e Nick Chown (baixo), os outros ex-integrantes do Bolshoi, moram, respectivamente, em Los Angeles e Londres.

Tony novo

Sou fanático pelo Tony Platão desde o Hojerizah. Quando sairá outro CD dele? Ele participou de outras gravações, além dos dois do Hojerizah e de seu primeiro solo? Como faço para contatá-lo?

Carlos Decúpero – Santo Antônio de Pádua, RJ

Tony Platão está terminando as gravações de seu segundo disco solo, que não tem previsão de lançamento nem de por qual gravadora irá sair. "Estou tentando fazer com que o CD esteja nas lojas ainda este ano", diz Tony. São quinze músicas, com produção de Dado Villa-Lobos, que, aliás, toca em quase todas. As composições trazem parcerias de Tony e Dado e outras de Fausto Fawcett, Alvin L. e Humberto Effe, entre outros. Entram também regravações de mundo livre ("A Bola Do Jogo"), Picassos Falsos ("Carne E Osso"), Baden Powell e Vinícius De Moraes ("Canto De Ossanha"). "Tem rock, pop, jazz, samba, tem de tudo", conta. Há ainda canjas de Carlos Trilha (ex-tecladista da Legião Urbana), Fábio Fonseca, Eduardo Lira (tecladista do Paralamas), Kassin (Acabou La Tequila). Tony participou do disco *Rei*, uma homenagem a Roberto Carlos, com a faixa "Namoradinha De Um Amigo Meu" e *Eles Cantam Rita Lee*, com a versão de "Cartão Postal", parceria de Rita com Paulo Coelho. Para entrar em contato com Tony, mande um e-mail para dado@rockit.com.br

Mais anos 80

Gostaria de saber a discografia do grupo Oingo Boingo e um pouco de sua história.

Sergio dos Santos Duarte – Rio de Janeiro, RJ

Começando pelos discos, Sergio: *Oingo Boingo* (compacto, 1980), *Only A Lad* (1981), *Nothing To Fear* (1982), *Good For Your Soul* (1983), *Dead Man's Party* (1985), *BOI-NGO* (1987), *Boingo Alive*; *Skeletons In The Closet* (1988), *Dark At The End Of The Tunnel* (1990), *Best O'Boingo* (1991), *Boingo* (1994), *Forewell* (1996).
Formado em 1979, o sucesso do Oingo Boingo ficou praticamente restrito à Califórnia, Estado de origem do grupo. Seu vocalista, Danny Elfman, porém, tornou-se mais famoso ainda como artista solo, fazendo trilhas sonoras de filmes como *Batman*, *Edward Mãos De Tesoura* e *Dick Tracy* e do desenho *The Simpsons*. Inicialmente membros de uma trupe de teatro bizarro, Danny e companhia ficaram conhecidos por fazer rocks new wave com letras cômicas. "Stay", "Dead Man's Party" e "Weird Science" (do filme absurdo *Mulher Nota Mil*) estão entre seus maiores hits.

Ficha: SMASHING PUMPKINS

A pedido da leitora **Fernanda Stella**, Goiânia, GO

Importância
Pouco antes que o Nirvana lançasse *Nevermind*, a imprensa alternativa alardeava: "o Smashing Pumpkins vai revigorar o rock". Mas mesmo depois de Cobain e cia. causarem o conhecido e salvador estrago, os arranjos elaboradíssimos, as melodias dos anos 70 e as letras abertamente confessionais acabaram catapultando os "Pumpkins" ao estrelato.

Biografia
Formado em 1989, em Chicago, pelos amigos do peito Billy Corgan (vocais e guitarra) e Jimmy Chamberlain (bateria) e os então namorados James Iha (guitarra) e D'Arcy (baixo), o Smashing Pumpkins passou por algumas turbulências e depressões – tudo que Mr. Corgan poderia pedir a Deus. Aos 19 anos se mandou para a Flórida como líder de uma banda de metal-gótico, chamada The Marked. Sem sucesso, formou o Smashing, a princípio um duo com D'Arcy (a bateria era eletrônica). A baixista, aliás, detesta o nome da banda. "Billy inventou um nome qualquer, uma piada de péssimo gosto. E, por favor, não gostamos de amassar abóboras!" O primeiro álbum foi produzido por Butch Vig e lançado no mesmo ano em que o Smashing excursionou com Red Hot Chili Peppers e Pearl Jam (1991). O disco seguinte, *Siamese Dreams*, foi marcado pela tensão nos estúdios: Corgan gravou todos os instrumentos (bateria excluída) e hoje admite seu erro: "Minha preocupação era maior com a eficiência técnica do que com o sentimento". Um ano depois, o grupo já liderava o Lollapalooza e, numa boa fase, surgiu com *Mellon Collie And The Infinite Sadness* (1995). Mas em julho de 1996 o tecladista Jonathan Melvoin foi achado morto, em decorrência de uma overdose de heroína, pelo companheiro de vício Jimmy Chamberlain, despachado do grupo diretamente para reabilitação. Nem sete estatuetas ganhas no MTV Video Music Awards (por causa de *Mellon Collie*) fez Billy sorrir. Enquanto isso D'Arcy e James Iha montaram um selo, o Scratchie Records, junto com o marido da baixista, Kerry Brown, baterista da banda Catherine. O retorno começou timidamente, com a participação na trilha de *Batman & Robin*, com "The End Is The Beginning Is The End" (e vice-versa). Em 1998, Corgan voltou com o disco *Adore*, um apanhado de baladas e flertes com música eletrônica, considerado um fracasso de vendas.

Ainda com Chamberlain: sempre depressivos, bem vestidos e metidos a cabeça

Discografia
Gish (1991), *Siamese Dreams* (1993), *Pisces Iscariot* (1994), *Mellon Collie And The Infinite Sadness* (1995), *Adore* (1998)

Bizzes

David Gilmour: ele é benigno

Divulgação/Sony

O dono da vaca

Curtindo preguiça em sua fazenda no interior da Inglaterra, David Gilmour admite que manda no Pink Floyd

"Terá este homem sido jovem algum dia?", pergunta a si mesma a revista inglesa *Q* em visita à casa do cantor e guitarrista David Gilmour, do Pink Floyd. Assim como no palco, ele raramente sorri – principalmente quando nega que o PF vá tocar no Réveillon –, se mantém sisudo e ainda avisa, por intermédio de um assessor, que ninguém deve chamá-lo de "Dave", redução de seu nome aceita, provavelmente, por todos os outros Davids do mundo. Entre a afirmação de que a luzinha vermelha em sua cópia de *Pulse* não pisca mais e o ranqueamento de Yes, Emerson, Lake & Palmer, Genesis e King Crimson como as bandas que mais odiava nos anos 70, ele respondeu às seguintes perguntas:

O Pink Floyd é uma ditadura benigna comandada por você?
Bem, a essa altura dos fatos... é, é isso aí. Aconteceu por motivos acima do meu controle, foi o que herdei.

Você já ficou entediado no meio de um longo solo de guitarra?
Já. Há momentos, em uma turnê, em que você está fazendo tudo mecanicamente.

Johnny Rotten *(cantor dos Sex Pistols)* tinha uma camiseta que dizia "Eu Odeio o Pink Floyd". E você, odiava os Sex Pistols?
Não, achava-os bem legais. Estive uma vez com Johnny Rotten e ele me disse que nunca odiou o Pink Floyd, até gostava. A camiseta era mais uma tiração de onda. Nunca acreditei naquilo mesmo. Afinal, quem nos odiaria?

Se Syd Barret e Roger Waters ligassem no mesmo dia e pedissem para voltar, qual dos dois você aceitaria?
Se seguisse meu coração, Syd. Se pensasse bem, Roger. Está delicado o suficiente? Acho que no fim eu acabaria dizendo não aos dois. Porque a vida é muito curta. Chamei Roger para vir tocar *Dark Side Of The Moon* conosco em Earl's Court *(casa de shows londrina)*, mas ele não quis.

Você é o cara mais rabugento de todo o mundo do rock?
Tem certeza de que está perguntando isso a mim? Você está confuso? Eu sou o mais alegre, feliz.

Bom de bola, ruim de ganja

No terceiro ano da faculdade de Ciências Sociais e campeão do Rock & Gol MTV (com o time Skank/Dread Lion), **Luís Carlinhos** poderia ser sociólogo ou craque de algum time carioca (ofuscando o companheiro Samuel, foi um dos craques da competição). Resolveu, no entanto, montar uma banda de reggae, o Dread Lion. Em 1991, um grupo de amigos, saiu tocando em saraus de colégios e faculdades do Rio de Janeiro. *Por Que Não Paz?*, primeiro disco, que sai só agora pela Sony, inchi composições de cinco anos atrás. O discurso vem com "uma mensagem forte mesmo, porque essa é a praia do reggae", lembra Carlinhos. Entre palavras sobre Deus, sociedade e natureza, a maconha também está presente. "Ela faz parte do dia-a-dia do brasileiro, não é algo que acontece só na Jamaica. Tem moleque de 14 anos que fuma, é importante que os pais possam sentar e conversar. Eu, que sou caçula, aprendi muito com meus irmãos. Mas não posso usar maconha, que me deixa totalmente lesado", confessa.

A banda ainda teve a grata surpresa de ser incluída na compilação *Sem Fronteiras*, com renda para os refugiados de Kosovo *(detalhes na página 74, na seção Letra Traduzida)*. "Foi uma grande coincidência 'Por Que Não Paz?' ter entrado no CD, mas nos sentimos premiados, porque o assunto tem tudo a ver." Em relação ao futebol, Carlinhos mantém a modéstia. "A capoeira dá a mandinga, aquele jeito de quebrar o outro jogador. Além disso, eu tive infância no playground, joguei pelada pra caramba. Acho que os meninos do Jota Quest *(que tomou de 16 x 0 do Skank/Dread Lion)* devem ter morado nos Estados Unidos, né? Sem ofensa, claro!"

Divulgação

Luís Carlinhos *(de vermelho)* e o Dread Lion: troféu e coletânea

túnel do tempo

O torcedor do Cruzeiro que quiser passar por ridículo na arquibancada do Mineirão pode se inspirar no novo visual do cantor californiano **Whitfield Crane**, que passou pelo Brasil com o Ugly Kid Joe em 1993 *(foto menor)* e emplacou "Everything About You" na trilha sonora de *Quanto Mais Idiota Melhor*. Depois de tentar a sorte na Life Of Agony, o pavãozinho está formando outra banda com o guitarrista Logan Mader, ex-Soulfly e Machine Head.

Reprodução

Whitfield: maltratado pelo tempo e pelo cabeleireiro

O Machine Head vai abrir para o Sabbath

Divulgação

F*** The Police!

A banda americana Machine Head, uma das mais populares da nova onda de som pesado no Hemisfério Norte, conseguiu um feito importante: seu novo disco, *The Burning Red*, não soa nem um pouco com o Korn, líder da patota. E olha que o produtor era o mesmo, Ross Robinson. "Foi a nossa principal preocupação: não usar nenhum amplificador ou qualquer outro equipamento que eles tivessem usado, para que o som ficasse bem diferente", revela o guitarrista Ahrue Luster. Deu certo. Ao contrário de outros grupos ascendentes, como o Limp Bizkit e o Spineshank, o MH tem cara própria, principalmente por cortesia do cantor (e autor de quase todas as músicas) Robert Flynn. Além de boas canções pesadas, como "Desire To Fire", "From This Day" e "The Burning Red", o disco tem uma ótima versão esporrenta para "Message In a Bottle", do Police. Logo depois de lançar o disco, a banda já caiu na estrada, e um de seus principais shows neste verão europeu será nas duas últimas noites da Ozzfest. O Machine Head será a penúltima banda a tocar antes dos anunciados shows derradeiros do Black Sabbath. "Devemos muito a eles. Nosso som é como se o Sabbath e o Slayer sodomizassem o Police e o Cure ao mesmo tempo", define Ahrue. Shows na América do Sul devem ficar mais para o final do ano.

Da Gama, Bino, Toni e Lazão vão mandar dubs na Europa

Cidade européia

Grupo carioca vai mostrar sucessos e dubs na Europa pela segunda vez em um ano

Numa época em que a demanda para shows não é das maiores, o **Cidade Negra** conseguiu uma inédita dor de cabeça: o quarteto carioca não sabe se segue tocando no Brasil a turnê *Quanto Mais Curtido Melhor* ou se vai para a Europa, onde tem datas acertadas para o mês de agosto. "E o pior é que estivemos lá em setembro do ano passado, há menos de um ano, e já nos querem de novo", *reclama* o vocalista Toni Garrido. Entre o lançamento do filme e da trilha de *Orfeu*, o vice-campeonato no Rock & Gol ("ótimo para um time sexagenário como o nosso", comemora Toni) e a turnê pelo Brasil, o Cidade ainda lançou o CD duplo, *Hits & Dubs*. Um disco tem os maiores sucessos da banda desde a entrada de Toni e ou outro traz versões especiais de várias de suas canções, trabalhadas por feras do reggae jamaicano e inglês, como Sly And Robbie, U-Roy e Mad Professor. "Foi um trabalho de FBI achar todos aqueles caras e mandar as músicas para eles. E foi uma honra, porque nem todos costumam fazer dubs para outras bandas." Entre as favoritas do cantor estão as versões de "Pensamento", "Realidade Virtual" e "Simples Viagem", pelo Aswad, "Onde Você Mora", do amigo Liminha, e "Conciliação", um dos últimos trabalhos de Augustus Pablo, morto em maio.

Por uma doméstica

Nada mais banal do que processos contra roqueiros. **Gene Simmons**, no entanto, sempre consegue ser diferente. Ele está inaugurando o clube dos músicos acionados por empregadas salvadoronhas. Paula Valladares trabalhou por dois anos na casa que Gene divide com a atriz Shannon Tweed e jura que foi demitida só por ser hispânica. No processo, a doméstica diz que Shannon reclamava do seu sotaque e a chamava de "mexicana", de maneira pejorativa. Segundo ela, a atriz dizia que hispânicos eram pessoas "burras" e "preguiçosas". Paula quer indenização pelo emprego perdido e mais uma punição aos ex-patrões.

Milos Trajano

Juventude distorcida

A última sensação no campo da música adolescente é o trio americano Eve6, formado por Max Collins (baixo e vocais), Jon Siebels (guitarra) e Tony Fagenson (bateria), todos recém-chegados aos 20 aninhos de idade. Tocando um rock distorcido, com ecos do punk contemporâneo e do rock alternativo, emplacaram as canções "Inside Out" e "Leech" em rádios pelos EUA e Europa e ultrapassaram o milhão de cópias em seu primeiro disco, que leva o nome da banda.

Mal saiu da escola, o Eve6 já toca como gente grande

Como foi a trajetória de vocês da escola ao sucesso?

Max Collins: Eu e Jon tocamos juntos por cinco anos, no colégio, para amigos, em festinhas, aquela coisa. Primeiro tínhamos outro baterista, que saiu e deu lugar a Tony há dois anos. Um dia soubemos que uma rádio estava promovendo um concurso de bandas novas. Então gravamos uma demo ao vivo com seis músicas e fomos selecionados para um show. Lá estavam pessoas da gravadora RCA que se interessaram pela banda. Assinamos o contrato, gravamos o estamos em turnê há um ano. É um sonho que virou realidade.

Como é o público de vocês?

É jovem, mas até que recebemos bastante gente mais velha do que a gente, até uns 25 anos. É, ao contrário do público de rock antigo, hoje em dia os homens não são mais maioria. Nos nossos shows aparecem igualmente rapazes e garotas.

Vocês se consideram bons músicos?

Na verdade, isso não é muito importante. O baixo que toco, por exemplo, é secundário, minha concentração é sempre na voz. Jon e Tony são bons em seus instrumentos, sem nada de excepcional.

E você é bom cantor?

Acho que sou um cantor incrível, sinceramente um dos melhores. Você não acha?

Divulgação/Abril Music

O Capital Inicial e o clipe "Bob", de Otto, estão bem cotados

Na corrida pelo clipão

Cidade Negra, Capital Inicial e Skank saem na frente entre os concorrentes ao Video Music Brasil deste ano. O imenso clipe de ouro, em quatorze categorias, será entregue no dia 19 de agosto, no Via Funchal, em São Paulo. O quinteto carioca e os quartetos candango e mineiro são os recordistas em indicações, com cinco cada um. Curiosamente, a maioria dos prêmios não são disputados diretamente pelas bandas, já que o Capital concorre na categoria rock, enquanto os outros estão no universo pop. As clipes indicados são "O Mundo", do Capital; o *road-clipe* "Já Foi", do Cidade; e o hilário "Mandrake E Os Cubanos", do Skank. Em segundo lugar na categoria indicações está o surpreendente Otto, com o clipe viajandão "Bob" – aquele que mistura Adriana Calcanhoto, a Intrépida Trupe e um jumento na praia de Copacabana – concorrendo ao prêmio em quatro categorias.

frases

"Poderíamos voltar e desiludir todo o mundo tocando muito mal."
David Byrne nega que o Talking Heads vá se reunir, na revista americana Rolling Stone

"Uma coisa que adoro na imprensa britânica é quando eles fazem perguntas bem pessoais e você diz que não quer falar daquilo. Aí eles inventam a resposta."
Ad-Rock, dos Beastie Boys, no tabloide inglês Melody Maker

"Sua voz e violão compartilham uma completa ressonância com as palavras, tom, ritmo e sofisticação da música."
Robert Palmer, sobre seu ídolo João Gilberto, na revista inglesa Mojo

"Não quero ver só garotas no meu show. Pode parecer estranho, mas não é esse tipo de impacto que quero causar."
Ricky 'La Vida Loca' Martin se enrola, na revista americana Rolling Stone

"É necessário que alguma coisa em uma canção de outros artistas nos atraia para que decidamos gravá-la. Pode ser uma frase musical, uma batida ou até mesmo a letra – mas nunca são todas as três."
James Hetfield, guitarrista e cantor do Metallica, explicita a política de covers da maior banda de rock pesado do mundo, na revista americana Guitar World

"Talvez eu acabe em Las Vegas como *crooner*, feito Frank Sinatra. Por outro lado, posso terminar na cadeira elétrica. Sei lá, a vida tem tantas surpresas..."
Marilyn Manson filosofa, na revista americana Liquid

"O novo disco é o U2 de volta ao meio dos anos 80. Decidimos dispensar toda a tecnologia e voltar para apenas bateria, baixo, guitarra e vocais."
The Edge, na revista americana Rolling Stone, *dando uma prévia dos trabalhos do quarteto em Dublin, na Irlanda*

O craque Edge vai dispensar o tecno

Dimitri Dusanic

Retirantes do cerrado

Após muita ralação, o Rumbora se instala em SP e no rádio

Já que não deu para ir à Chapada dos Veadeiros, o Rumbora saltita em SP

Divulgação/Triana

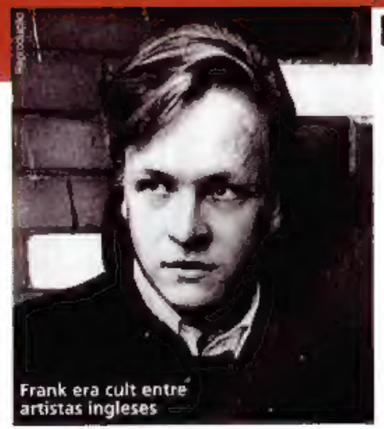
Quando o quarteto brasiliense Rumbora se autoproclama, brincando, os Novos Candangos – numa torta referência aos Novos Baianos –, há mais em comum do que o fato de ambos terem saído de suas cidades para fazer um som na base do coletivo. O grupo está morando em uma confortável casa no bairro de Santo Amaro, Zona Sul paulistana, num esquema comunidade chic (com quatro quartos e o quinto transformado em estúdio). Há espaço para Alf, Beto, Bacalhau e Biu (além das respectivas mulheres dos dois últimos e Billy, o produtor do grupo) – cada um com seu banheiro. A banda já está nas rádios com a faixa "Chapirous". "É nossa homenagem à Chapada dos Veadeiros (*a uma hora e meia de Brasília*), mas como não deu para ir até lá filmar o clipe, fizemos as cenas em Ubatuba (Litoral Norte de São Paulo). Mas tudo bem, todo candango é alucinado por praia!", conta Alf, o vocalista. Mas que ninguém pense que tudo foi tudo um conto de fadas. "Desde que começamos, a gente ralou demais, véio, até para reformar uma salinha num prédio comercial de Brasília, que era uma parada meio mofada e transformamos no nosso primeiro estúdio", diz Alf. Com a primeira demo, o baterista Bacalhau, herança do Little Quail, foi para o VMB de 1997 à caça de alguém que curtisse o som. Após contatos com Carlos Eduardo Miranda, diretor do selo Matraca, depois do Abril Pro Rock de 1998 pintou o contrato. "O nome da banda é bem isso, rumbora, sacou? A gente sempre meteu as caras; eu, por exemplo, larguei minha agência de publicidade", lembra Beto. "Se fosse para definir nosso som, dava pra chamá-lo de porrada ensolarada: tem sempre uma parada alto-astral, apesar de descermos a mão nos instrumentos", resume Alf.

Imogen não acha que sofreu como Alanis

Divulgação/Arquivo

Piano e megafone

Ela está sendo chamada de Alanis inglesa, mas nada de perguntar o que acha disso. Imogen Heap, 21 anos e mais para PJ Harvey, no fundo tem razão. "Acredito (e dou graças por isso) que não cheguei a passar por metade das situações que a Alanis viveu, porque, por suas letras, pareceram terríveis", compara Imogen, com um sorrisinho nervoso. A britânica, de 1,80 m, agradece o fato de ser sido considerada esquisita pelos coleguinhas de escola. "Foi minha salvação, porque aí caí de boca no estudo do piano, aos 15 anos." Dois anos mais tarde, Imogen já tinha composto quase todo o repertório de seu primeiro disco, *I Megaphone*. Definição de estilo? Nem ela sabe ao certo. "É só o reflexo de uma jovem de 18 anos. Não o considero experimental, mas inventivo. Talvez seja rock, mais do que tudo. Beck é considerado rock?" Em um ano e meio de turnê pelos EUA, ela se apresentou só com seu amado piano. Já investindo no segundo disco, Imogen agora conta com um tempero extra: pela primeira vez está apaixonada. "Estou lidando com a dificuldade de dizer 'eu te amo' numa música sem parecer brega..."


Frank era cult entre artistas ingleses

Reprodução

Morte do bardo

O trovador americano **Jackson C. Frank** morreu no dia 4 de março. Assim como quase tudo em sua carreira, a discrição marcou também seu desaparecimento, divulgado apenas dois meses depois na imprensa de seu país. Nascido em 1943, em Buffalo, no Estado de Nova York, Frank começou na poesia em 1965, quando mergulhou no circuito *folk* de Londres e acabou marcando com seu talento toda uma geração de artistas, como Roy Harper, Al Stewart, John Martyn e Bert Jansch. Dono de uma biografia repleta de tragédias, ele deixou um único disco, *Blues Run The Game*.

Dançando na rua

Quem se lembra do break, aquela dança dos anos 80 – embalada pelos primeiros versos do rap – em que as pessoas pareciam robôs, e que influenciou enormemente o planeta hip-hop? Pois um dos pais do gênero esteve em São Paulo em maio. Dançarino desde os 11 anos de idade (está com 33), Crazy Legs é um dos mais conhecidos *b-boys* do mundo, ao lado dos outros integrantes do grupo que integra, o Rock Steady Crew.

Crazy Legs veio a São Paulo e botou pra derreter

Fotos: Ezequiel Oliveira

Quando você tomou contato com o hip-hop?

Crazy Legs: Em 76, quando vi meu irmão e Afrika Islam *(DJ e produtor de rap)* dançando em frente ao meu prédio no Brunx. Eu não sabia que diabo era aquilo e achei meio estúpido.

E quando você começou a tomar parte na história?

Uma vez meu primo me levou para uma das sessões de dança e discotecagem que a rapaziada fazia no bairro e me apresentou pra toda a cena hip-hop. Quando eu flagrei toda aquela efervescência, decidi que tinha que fazer parte de tudo aquilo. Foi quando eu me tornei um *b-boy*.

Do lado musical, quem são seus preferidos no hip-hop?

É tanta gente que com certeza eu vou esquecer alguém. Mas vamos lá: Grandmaster Flash & The Furious Five, Afrika Bambaataa & Soul Sonic Force, KRS One, Notorious B.I.G., Jay-Z, Biz Markie, Schooly D. e por aí afora.

notas

Feirão de CDs em São Paulo

Após três anos sendo realizada no Rio, a CD Expo acontece em 1999 na cidade que concentra o maior público consumidor do país. A grande feira da indústria fonográfica começa dia 25 de julho no Pavilhão da Fundação Bienal, no Parque do Ibirapuera, na capital paulista. As cinco maiores gravadoras – Universal, BMG, Warner Music, Sony e EMI – já confirmaram presença. Além da venda de disquinhos, a feira serve para o fechamento de negócios e contatos dos artistas com o público, em sessões de autógrafos e shows. Já estão confirmados músicos como Arnaldo Antunes, Jota Quest, Baba Cósmica e Pavilhão 9 nos palcos do Ibirapuera.

Woodstock sem Aerosmith

Uma das poucas bandas escaladas para o festival de Woodstock deste ano que havia participado em 1994 – quando o evento comemorou 25 anos –, o Aerosmith cancelou sua participação. O quarteto liderado por Steven Tyler e Joe Perry alegou ter compromissos assumidos anteriormente.

Menos um wailer

O vocalista Junior Braithewaite, que integrou a primeira formação dos Wailers – banda que se consagraria ao acompanhar Bob Marley – foi morto no dia 2 de junho em Kingston, capital da Jamaica. Braithewaite e um homem não identificado foram assassinados a tiros na casa de um músico local. O cantor havia retornado ao Caribe pouco tempo antes, após duas décadas vivendo em Chicago, nos EUA. Peter Tosh, outro wailer fundador, foi assassinado em 1987.

Felizes proprietárias

Para satisfazer os curiosos, revelamos a identidade das donas dos glúteos que foram capa da edição 167, "amassando" um extasiado Rodolfo Abrantes, dos Raimundos. São elas: Renata Cassol *(a loira)* e Sabrina Souza *(a morena)*, ambas da agência de modelos Mega.

Renata e Sabrina, por inteiro

Marcello Sá Barbosa

Um dia após o outro

O que *Calendário*, o novo **Lulu Santos**, com seu fluxo contínuo de canções pop cuca-fresca, tem a ver com o fim de um dia de faxina? Simples, como o próprio disco: a atmosfera de serenidade esconde direitinho o trabalho que deu – a não ser para o sujeito que pegou no pesado. Ouvir "Fogo De Palha", "Mala E Cia." ou "Aquilo Que Chamam" é fácil. Já fazer...

De certa forma, levou alguns anos e algumas sessões de faxina internas, como a curta carreira do Jakaré, power-trio que formou em 1998 para uma série de shows, baseados justamente no formato sonoro que ele diz não aturar mais: o rock de guitarra. Mas a analogia é boa e se presta também a *Liga Lá*, álbum do ano anterior produzido por Ramiro Mussotto (percussionista argentino-baiano querido pelo pop e pela MPB), no qual, entre experiências com texturas eletrônicas e subversões de Mutantes, Ritchie e Milton Nascimento, acalorava não sobrando espaço para o *hitmaker* que Lulu sempre será – e nem pretende deixar de ser. "Eu sabia que aquele disco era uma torrada apimentada", reconhece ele. "Mas quis correr o risco. Eu vinha de uma série de trabalhos com o Memê, que tem uma assinatura pessoal muito forte, queria sair um pouco daquele formato. E também apresentar a minha leitura de coisas que estava ouvindo. Eu sabia que aquilo estava totalmente fora do que o mercado consumia na época."

Fome tecnotrônica devidamente saciada, Lulu retomou sua carreira do ponto em que *Anticiclone Tropical*, de 96, a deixara. "Eu andei deixando um pouco de lado essa minha faceta pop e nem sabia mais como fazer aquilo". "O *Anticiclone* já havia sido uma tentativa nesse sentido, mas eu não estava preparado, não tinha canções." Lulu acabou indo buscar apoio no produtor Liminha, Midas pop dos artistas de sua geração. "Ele é ótimo para dar o polimento a um trabalho, exatamente o que eu estava querendo". Mas havia um problema: os dois tinham brigado feio durante as gravações de *Tudo Azul*, no distante ano de 1984, e desde então nunca haviam aparado as arestas. "A gente foi se reencontrar no Heineken Concerts, ano passado (*quando Liminha foi o anfitrião de duas noites de shows cheias de convidados especiais, entre eles Lulu*). Resolvemos nossas diferenças ali, nos bastidores, e tudo bem." Sorte da música pop brasileira.

Jaime Biaggio

Lulu reapareceu com um bom disco pop, *Calendário*

Fernando Serapião - Divulgação

A volta dos manos gringos

Animado com o sucesso no Festival Internacional de Rap, no primeiro semestre, em São Paulo, o grupo americano **Naughty By Nature** logo desembarca novamente por aqui. Vinnie, componente nem tão expressivo do trio, é quem confirma o fato: "Devemos fazer shows aí entre agosto e setembro, mas queremos passar uns dias conhecendo o país, já que da primeira vez não deu tempo de fazer nada". Desta vez, além de São Paulo, os três devem se apresentar no Rio. "Mal conhecemos o pessoal do festival, não deu para ter uma noção da cena rap brasileira, pela qual temos grande interesse", explica. Mano Brown e companhia impressionaram o Naughty. "Conversamos pouco, mas estamos pensando em participar do próximo álbum deles. Acreditamos que nossa presença poderia ajudá-los. No exterior, claro, pois no Brasil eles parecem ser os melhores." Eles também cuidam de seu próximo trabalho, que deve ser lançado em março de 2000. "No ônibus em que viajamos temos um minitestúdio e dá pra trabalhar legal nas novas músicas", conta. A calma é uma das marcas registradas do Naughty. "Somos muito pé no chão." Mesmo quando o assunto chega ao verdadeiro hit de rap, "Hip Hop Hooray", Vinnie não perde a cabeça: "É engraçado pensar que 'Hooray' já é um clássico do hip-hop. Hoje é mesmo um hino não oficial, algo que tem seu lugar garantido no futuro". Vinnie se lembra muito bem da apresentação do Naughty no Festival Internacional do Rap. "Aquilo foi ridículo *(risos)*, nunca tinha vista tanta gente *(30 mil pessoas)* e, ainda por cima, alucinados! Demos tudo do Naughty By Nature para eles, de 1991 a 1999. Demos oito anos de um trabalho duro. Alguns fãs nos contaram que aprenderam inglês ouvindo música e vendo clipes na TV. Adoramos tudo!", reforça, doidinho para passar por tudo de novo.

O Naughty By Nature foi ali e já volta

Ricardo Pinheiro

Pimentinha no osso

Em Recife

Seios fartos, sorriso colgate, cabelos agora loirinhos, desejada por milhares de marmanjos. Com tudo isso, a Embaixadora da Boa Vontade da ONU para a Educação Sexual está sem namorado há cinco anos. **Geri Halliwell, ex-Spice Girl** ruivinha, até curtiu a solidão enquanto compunha seu primeiro álbum solo, *Schizophonic*. "Jurei que não me envolveria com ninguém porque o sexo rouba minha criatividade", conta a pequena. Mas a solidão já cansou Geri, que está na guerra de novo. "Quero alguém que demonstre interesse pelo que faço. Meu último namorado me ignorava quando assistia futebol. Eu andava só de calcinha pela sala e ele nem piscava." A coitadinha tem consciência de que está crescendo e assume precisar de um rapaz. "Tenho 26 anos agora e acho que amor é carnal. Seu relógio biológico está batendo e você começa a procurar alguém para fertilizar seus óvulos."

Gordo sai da telinha para os palcos europeus e depois para o estúdio

Ana Souza

Ratos europeus

Podia ter dado na *Caras*: João Gordo tira férias de seu programa na MTV e vai passar 52 dias rodando a Europa. O único senão é que o vocalista do **Ratos De Porão** não ficará os quase dois meses espairecendo em castelos ou reciclando. Mais uma vez, o RDP protagoniza uma turnê pelo Velho Mundo. Gordo, Jão, Boca e Fralda deixaram o Brasil no final de junho para 44 shows no continente, com Alemanha, Itália, Eslovênia, Áustria, República Checa, França, Espanha, Portugal, Inglaterra, Holanda, Bélgica e Dinamarca no roteiro. Os tiotios punks foram divulgar *Carniceria Tropical*, disco de 1998, que recentemente foi lançado mundialmente pela Alternative Tentacles, gravadora de Jello Biafra (ex-Dead Kennedys). Na volta, o quarteto vai regravar *Crucificados Pelo Sistema*, de 1984, seu primeiro trabalho e estréia de Gordo em disco.

Plumas e paetês

Divulgação

O ator Jonathan Rhys-Meyers vive um cantor de inspiração bowieola no filme *Velvet Goldmine*

Deve chegar este mês ao Brasil, com grande atraso em relação ao lançamento nos EUA e na Europa, o polêmico filme **Velvet Goldmine**, uma recriação dos anos glitter, período da década de 70 em que a cena rock inglesa se cobriu de plumas e lantejoulas. O carrossel de purpurina gira em torno de um roqueiro andrógino chamado Brian Slade (Jonathan Rhys-Meyers), que o diretor Todd Haynes finge ser um personagem fictício. Quem não nasceu ontem percebe de cara que se trata de um clone de David Bowie, ídolo máximo do período em sua encarnação Ziggy Stardust. O título do filme, por sinal, é o nome de uma música de Bowie/Ziggy. Haynes é encrenqueiro de nascença: estreou na direção em 1987 com o bizarro *Superstar: The Karen Carpenter Story*, um relato da vida infeliz e da morte por anorexia da vocalista dos Carpenters com "elenco" inteiramente composto de bonecas Barbie. Quase deu processo na época. Bowie não chegou a tanto: só impediu, de cara, que qualquer música sua fosse usada na trilha. No fim das contas, tornou-se praticamente o único ausente da festa. Veja quem participou, de uma forma ou de outra:

• **Iggy Pop:** Se Brian Slade é Bowie, o drogado, bissexual e alucinado Curt Wild (Ewan McGregor, o Obi-Wan Kenobi do novo *Guerra nas Estrelas*) é claramente Iggy. A prova é que ele surge no filme e no caminho de Slade cantando "T.V. Eye", dos Stooges, banda cujo vocalista era... adivinha.

• **Thom Yorke:** Quando Brian Slade canta na tela, quase sempre é o líder do Radiohead que está soltando a voz de verdade. Já o instrumental sai das mãos de craques como Bernard Butler, ex-guitarrista do Suede, e Andy MacKay, saxofonista do Roxy Music, um dos grupos fundamentais da era glitter.

• **Wylde Rattz:** Outro supergrupo escondido. Por trás da parede de guitarras estão Mark Arm, do Mudhoney, Thurston Moore, do Sonic Youth, Don Fleming, do Gumball, e Ron Asheton, um Stooge original.

• **Michael Stipe:** O vocalista do R.E.M. é produtor executivo do filme, e, para línguas maldosas, incentivador de seu tom escrachadamente homoerótico.

• **Brian Molko:** O esquisitão cantor do Placebo aparece no filme como um delicado mestre-de-cerimônias de clube noturno. A banda também está na trilha, com uma cover sensacional de "20th Century Boy", de Marc Bolan.

• **Brian Eno:** Ex-tecladista do Roxy Music, sua "Needle In The Camel's Eye" é um dos destaques da trilha. Músicas de Lou Reed, New York Dolls e do próprio Roxy Music também surgem aqui e ali no filme.

• **Teenage Fanclub:** "Personality Crisis", dos New York Dolls, é levada por eles, com vocal de Donna Matthews, da banda inglesa Elastica.

O triunfo da vontade

Como um skatista determinado montou o Charlie Brown Jr. e venceu no rock brasileiro falando a língua da molecada

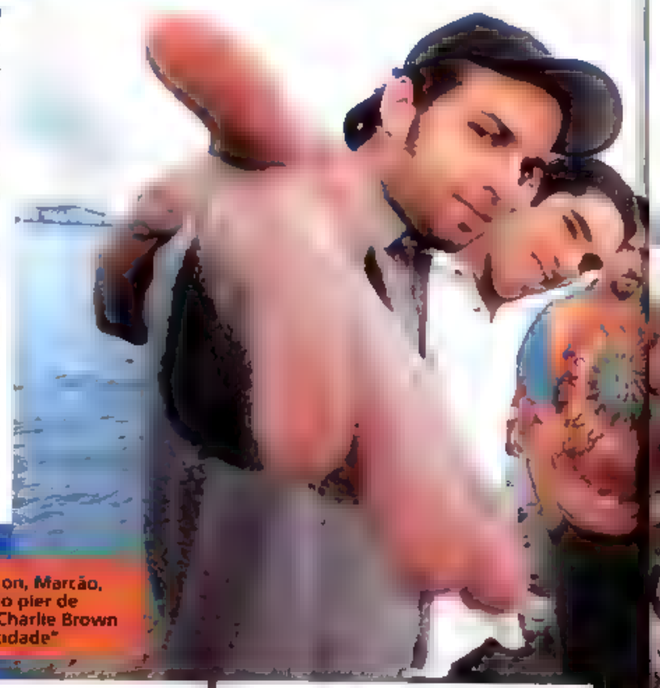
por Pedro Só
Fotos: Shin Shikuma

Fazer e gostar de rock no Brasil não é mais *cool* (para usar uma palavrinha que os enlatados adoram). Universitário ou moderninho que se preze não monta banda (a não ser que seja de MPB ou forró roots), vira DJ ou "desenvolve um projeto" com um DJ, geralmente copiando a música eletrônica que embala a Inglaterra e atingindo... pelo menos por enquanto, muito pouca gente. Pode até ser de boa qualidade, mas é um pouco esquizofrênico.

Neste cenário, a maior revelação recente do rock brasileiro é uma banda formada em Santos (litoral paulista) chamada Charlie Brown Jr., que vendeu meio milhão de cópias de seu primeiro disco, *Transpiração Contínua Prolongada* (1997), e lançou o novo, *Preço Curto Prazo Longo*, já com 150 mil discos encomendados. "É uma das melhores formações do Brasil, veio para ficar e resume os anos 90", rasga Rodolfo, dos Raimundos, que participa do CD na faixa "Bons Aliados". "O som deles tem melodia, coisa que falta no Brasil hoje. É espontâneo, dançável, bacana mesmo", elogia Roger, do Ultraje A Rigor. Contando com quatro excelentes músicos – Marcão e Thiago (guitarras), Champignon (baixo e beat-box) e Pelado (bateria) – que garantem vigorosas apresentações ao vivo, o Charlie Brown chegou a essa posição por trabalho e insistência de Alexandre Magno Abrão, paulistano, 29 anos, conhecido como Chorão.

Antes de qualquer coisa, o líder do Charlie Brown é skatista. Filho da classe média atropelada pela crise nos anos 80, pouco estudo, ele aprendeu a se defender na ruas. Engravidou uma namorada e tornou-se pai aos 21 anos, morou em cabeças-de-porco, foi despejado "mais de dez vezes", teve os móveis e eletrodomésticos confiscados em duas ocasiões – o que inspirou a letra de "Confusão". Apaixonado por som desde moleque, virou cantor meio por acaso. Mas, quando viu que a música poderia dar um rumo na sua até então conturbada biografia, lutou como pôde para agarrar todas as oportunidades.

Claro, nada daria certo se ele não estivesse à frente de uma banda que domina muito bem a linguagem do rock – e do ska, ou do hip hop. De qualquer modo, Chorão soube convencer os músicos (nenhum deles skatista) a embarcarem na sua viagem, "um som em português que fosse a cara da minha molecada, um som em que eu pudesse falar de bagulho, de mulher, de rua, de doideira, de noite, de dívida, de tudo, cara, de tudo que rola com a gente". Trabalhando sua identificação com o skate – mais real, impossível –, ele brigou feito um doido para divulgar o trabalho da banda. O resultado está aí, e é mesmo a cara da molecada.



Thiago, Champignon, Marcão, Pelado e Chorão no pier de Santos: "Tudo do Charlie Brown Jr. foi feito nessa cidade"

Até que série você estudou?
Fiz até a sétima em São Paulo. Depois estudei um pouco em Santos e parei. Sempre estudei em escola estadual, me metia com os piores da turma e não dava certo. Quando eu quis levar a sério, fui pra escola particular mas meu pai não tinha condição de pagar. Eu ia fazer prova e chegavam: "Tal cara, tal cara e tal cara não podem fazer prova porque não pagaram a mensalidade". Esse tipo de humilhação. Aí eu peguei e larguei, falei: "F*** -se!"

Você se arrepende hoje?
Foi a pior m*** que eu fiz na minha vida. Assim que a coisa acalmar, pretendo voltar e fazer uma faculdade. Sinto falta de ter crescido falando sobre política, história. Me acho um cara limitado por isso. Eu larguei a escola e fui fazer o que quis, mas o que eu quis nem sempre era o certo.

Como o skate influenciou sua relação com a música?
Acho que o skate apurou o meu gosto. Comecei a andar com 14 para 15 anos nos anos 80. Já gostava de coisas porradas, mas tinha um gosto muito variado: Big Country *(banda escocesa que, pelos idos de 1983, era apontada ao lado do U2 como a grande promessa da década)*, Violeta De Outono *(a melhor experiência de neopsicodelismo no Brasil dos anos 80)*, Varsóvia *(banda pós-punk paulistana)*, o primeiro do Legião. Nessa época me tornei comprador compulsivo de discos, ia ligado? Nunca tive grana, mas sempre dava um jeito. Ouvia Suicidal Tendencies *(veja página 27)*, Grinders, Garotos Podres, Olho Seco, Ratos.

Eu tive logo uma visão da cultura *street*, vi que era por ali que as coisas aconteciam. Tem sempre coisa nova, tá ligado? Seja no *style* ou no som, tá ligado? A modalidade que eu escolhi no skate foi o *freestyle*, pelo lance da evolução com a música – sempre foi tudo isso só na minha cabeça. O skate me fez aprender a ter reflexo, a ser simples, a viver na rua, a gastar das coisas bem urbanas, tipo fazer *street* a noite na Vergueiro. Tenho o *feeling* do skate.

Show no Rio de Janeiro em junho: amados pelos cariocas

Você chegou a ganhar a vida como skatista?
Isso não existe. O skatista é discriminado, e no Brasil já é difícil pra todo mundo. Eu queria é fazer parte da galera. Depois de um ano já tava correndo campeonato, tirando segundo. Tava sempre entre os três, quatro, cinco primeiros, mesmo com tênis inferior. Corri um Brasileiro no Sul e passei em primeiro num dia. No outro dia cheguei em terceiro porque tinha saído pra comemorar *(risos)*. Eu pensava só na diversão, no *lifestyle (estilo de vida)* de viver viajando, ficar de favor no quarto dos outros. Eu era moleque, tinha a casa do meu pai pra morar. Não ligava para esse negócio de dinheiro, eu falava assim: "Quero que se f*** a crise". Até a hora em que a crise me abateu. Em 1989 parei porque não tinha tênis pra andar. Logo depois nasceu meu filho, parei para trabalhar.

Que empregos você teve antes de ser vocalista?
Trabalhei de... P***, como é que chama o cara que mostra imóveis? Corretor de imóveis. Trabalhei em duas imobiliárias, uma do meu pai, uma de um outro cara lá de Santos. Eu era um péssimo corretor *(risos)* e ainda por cima não tinha sorte, tá ligado? Uma vez eu quase vendi um terreno, tava quase vendendo para um japonês. O cara queria plantar, vôlei, era para plantar xuxu a parada. Aí o cara que tava junto comigo, o que tava vendendo a parada, resolveu tirar um barato: "Aqui vai dar uns xuxus deeeesse tamanho, ó japonês!" Aí o japonês falou assim: "Ó, não quero mais comprar". Fui mandado embora das duas imobiliárias.

O seu pai mesmo lhe demitia?
Eu não vendia nada, pô... Meu pai me mandava embora sempre: ele mandava um dia, eu voltava no outro, mandava de novo, eu voltava. Ele tentou depois um negócio com cartões de Natal, era pra eu vender cartão de Natal de porta em porta. Aí era... p***, era humilhação! Uns te tiram, outros mandam voltar depois, não dei sorte.

Como você começou a cantar?
Lá pelos 21 anos. Um dia eu tava num bar lá em Santos chamado Creperie bebaço. Tinha separado da mina com quem eu era casado. Era show de uma banda chamada Matrix, o vocalista saiu pra beber água e eu falei: "Ai, agora é comigo!" Catei o microfone e comecei a berrar, berrar, [leve uma letra]

"Sinto falta de ter crescido falando sobre política, história. Larguei a escola e fui fazer o que quis. Mas nem sempre o que quis era o certo"

Chorão em 1996, na quitinete em que morava no Treme-Treme (Bela Vista, centro de São Paulo), pouco antes de assinar com a Virgin: "Foi a hora da virada"

"Fui despejado mais de dez vezes. Pagava três meses adiantado e ficava até me botarem pra fora. Mas hoje não devo nada pra ninguém, tá ligado?"

do Suicidal *(Tendencies)* assim, *freestyle (improvisando)*. Eu tava cantando por cima de todo mundo, tipo bêbado chato. Mas depois um moleque me chamou: "Estamos precisando de um vocalista, você não quer fazer um teste amanhã?" Os caras marcaram às 2 da tarde, eu cheguei às 11. Me deram a letra, era em inglês. F***, né? Meu inglês se limita a nome de manobra, um pouco de cinema... Aí o cara me ensinou mais ou menos – a música e a banda se chamavam What's Up. Berrei, berrei, berrei. Quando eu saí, ouvi o guitarrista dizer: "Melhor, a gente não vai arrumar mesmo". Dois dias depois eles iam gravar para uma coletânea da rádio 95 lá de Santos. Os moleques tinham mandado uma fita com aquela música e sido selecionados, mas no meio tempo brigaram e o vocalista saiu.

Então você virou cantor e já saiu gravando um disco?

Os caras nem me falaram nada. Quando fui pro estúdio, fazia dois, três dias que eu cantava. Tava rouco pra c*** Depois do teste, os caras disseram: "Pô, legal, a tua voz não acaba!" Cheguei em casa já sem voz e assim fiquei dois dias. Fui gravar sem voz nenhuma e – mesmo assim – rolou legal, berrei pra caralho. O cara do estúdio falou: "Esse cara é muito engraçado, canta pra dedéu – eu não conseguia cantar parado –, esse moleque tem mó personalidade, não sabe cantar nada, mas vai longe". Mas o disco acabou nem saindo, não sei o porquê.

Você acabou ganhando mais projeção como vocalista do que como skatista, sua grande paixão...

Como skatista eu tinha a diversão e a satisfação de fazer vários amigos. No Charlie Brown, me realizei profissionalmente. Foi inesperado mesmo. Porque teve pessoas que saíram da banda pensando que nunca ia dar certo, porque eu... porque eu... assim... porque achavam que eu ou não cantava bem ou que "esses negócios do skate não tem nada a ver". Lá por 1993, quando o Pelado e o Thiago entraram, o Paulinho, da *(marca de streetwear)* Rude Boy, começou a patrocinar a banda. Eu falei: "*Vamo aí*, tem um cara apoiando a gente no skate, vai arrumar uns campeonatos aí pra gente tocar, é bem melhor do que tocar com bandas de metal que não deixam a gente passar som nem p*** nenhuma".

O que fazem hoje os caras que saíram da banda?

O Vini *(baterista)* e o Fernando *(guitarrista)* tocam em banda cover. Eles são amigos, só que é irônico: os caras hoje têm que tocar as minhas músicas nos shows. Mas eles saíram pra fazer a banda deles, Mr. Clean. Eles adoravam Mr. Big, eu adorava Suicidal. Os caras eram *hard rockers*, eu era maloqueiro. Som de vídeo de skate nunca foi só hardcore ou só rap. Sempre foi vários estilos, até blues, jazz, tá ligado? E eu cresci vendo vídeo de skate, sempre tive esse ecletismo. Eu sabia que não adiantaria ir nas águas do Pantera ou do Sepultura. Saí do What's Up porque eu queria tocar porrada, depois os caras saíram do Charlie Brown porque eu queria amaciar. Mas já tava rolando Raimundos, Chico Science... E eu tava a fim de fazer um som em português que fosse a cara da minha molecada, dos caras com quem eu ando. Um som em que eu pudesse falar de bagulho, de mulher, de rua, de doideira, de noite, de dívida, de tudo que rola com a gente.

É verdade que você foi despejado várias vezes? Quantas foram?

Não conto. Foram mais de dez vezes. Eu arrumava um dinheiro para alugar apartamento de temporada, pagava os primeiros três meses e ficava até me botarem pra fora. Nas duas vezes em que eu não saldei a dívida, me confiscaram móveis. Mas hoje eu não devo nada pra ninguém, tá ligado? A única mulher que eu fiquei devendo, paguei com o primeiro dinheiro que recebi da gravadora.

E hoje, como você mora?

Moro em Pinheiros *(Zona Oeste de São Paulo)* há um ano, num apartamento alugado – no meu nome mes- ▶

Ronaldo Perez Barreto
Idade: 31 anos
Apelido: Pelado. "É de infância. Eu tava pelado no quintal de casa, tomando banho de mangueira, pintou um camarada meu e viu. Aí pegou, né, bicho?"
Experiência: "Tenho dezesseis anos de música. Toquei em baile, fiz dez anos em bar, mas sempre acreditando em música própria. Tive banda de metal, acho que só não tive banda de pagode (*mas tocou na escola de samba X-9*). Meu lance sempre foi rock".
Som do futuro? "Ô caminho é mais na mistura com rap."

Luis Carlos Leão Duarte
Idade: 21 anos
Apelido: Champignon. "Vem do formato do cabelo que eu usava, ele crescia pra cima."
Instrumento: Baixo (e beatbox, aprendido com manos da escola – "sempre estudei em estadual" – e grande destaque nos shows).
Experiência: Toca desde os 8 anos de idade. Fez violão clássico e com 10 anos já tinha banda. Além do baixo, domina bateria, guitarra e teclado – comprou uma cítara há pouco e já está tocando.

Marco Antonio Valentim Jr.
Idade: 28 anos
Apelido: Marcão
Instrumento: Guitarra
Experiência: Autodidata, começou aos 13 anos, "fazendo barulho, incomodando os vizinhos". Depois, estudou oito meses e até hoje pratica "quando dá tempo".
Influências musicais: "Sempre fui rock'n'roll. Comecei com AC/DC, Black Sabbath, Led Zeppelin... Hoje curto Beastie Boys, Pennywise *(banda punk californiana)*, Rage Against The Machine".

Thiago Rafael Castanho
Idade: 24 anos
Instrumento: Guitarra
Experiência: Começou a tocar com 15 anos, tendo aulas com o "professor" Marcão.
Influências: "Quando comecei a tocar, ouvia muito Zeppelin e Police, sou fascinado pelo Andy Summers, que trabalha muito bem os timbres. Mas meu *guitar hero* é Jimi Hendrix."
Som do milênio? "Asian Dub Foundation *(grupo inglês formado por filhos de imigrantes asiáticos com influências jamaicanas e eletrônicas)*."

Skate com guitarras

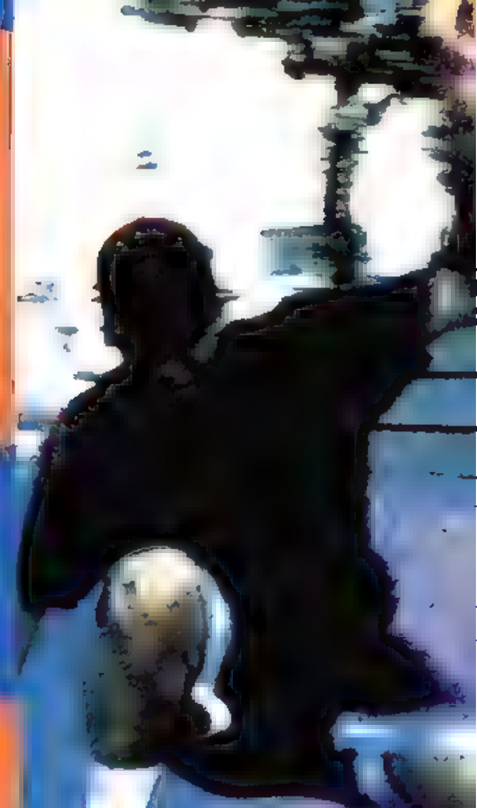
O skate nasceu na Califórnia no final dos anos 50, mais de cinquenta anos depois de pranchas de surf serem pela primeira vez improvisadas por um surfista cansado de esperar por boas condições do mar. Aprimorado e difundido nos quatro cantos do mundo, ele já teve seu vaivém ditando tendências dentro da música e da cultura jovem.

Foi no final da década de 70 que esse esporte e bandas de primeira geração do punk californiano – Dead Kennedys, Black Flag, Circle Jerks, Suicidal Tendencies, Minutemen, Social Distortion, Agent Orange, TSOL, Adolescents, Descendents, Bad Religion, Lagwagon, Pennywise, NOFX, Offspring, Rancid, Pulley, Millencolin, Blink 182, Sugar, Green Day, Foo Fighters, Jimmy Eat World, Weezer, Hot Water Music, Alkaline Trio, Thrice, Saves The Day, Taking Back Sunday, Thursday, Glassjaw, Refused, Fugazi, Quicksand, Jawbreaker, Jets To Brazil, Sunny Day Real Estate, Texas Is The Reason, Mineral, Cursive, Promise Ring, Get Up Kids, Braid, Hot Rod Circuit, Saosin, Thursday, Thrice, Underoath, Poison The Well, Alexisonfire, Every Time I Die, Dillinger Four, Lifetime, Strike Anywhere, Against Me!, Anti-Flag, Rise Against, Bouncing Souls, Lagwagon, Pennywise, NOFX, Offspring, Rancid, Pulley, Millencolin, Blink 182, Sugar, Green Day, Foo Fighters, Jimmy Eat World, Weezer, Hot Water Music, Alkaline Trio, Thrice, Saves The Day, Taking Back Sunday, Thursday, Glassjaw, Refused, Fugazi, Quicksand, Jawbreaker, Jets To Brazil, Sunny Day Real Estate, Texas Is The Reason, Mineral, Cursive, Promise Ring, Get Up Kids, Braid, Hot Rod Circuit, Saosin, Thursday, Thrice, Underoath, Poison The Well, Alexisonfire, Every Time I Die, Dillinger Four, Lifetime, Strike Anywhere, Against Me!, Anti-Flag, Rise Against, Bouncing Souls – começaram a surgir revistas especializadas, entendendo a relação do esporte com a música. Mike Inniss criou a Thrasher Magazine, Steve Caballero e Chuck Treece começaram a fornecer bandas e produzir entrevistas e reportagens sobre uma ladeira e mais de 50 bandas.

Em 1983, a revista americana Thrasher lançou a primeira coletânea Skate Rock. Lançado em cassete, o volume trazia novas bandas do underground punk. Entre elas estavam The Faction (banda de Steve Caballero, que também gravou "Skate and Destroy"), The Big Boys, Josey Foster's Army (JFA), Drunk Injuns e Los Olvidados.

A partir daí o skate rock começou a ser visto para influenciar bandas que não vinham do punk californiano, bandas como Oingo Boingo, The Cars e Devo, como também ser apreciado pela tribo do esporte, de maneira que acontecesse com Red Hot Chili Peppers, Beastie Boys, Suicidal Tendencies, Descendents, entre outras bandas skate punks.

O Charlie Brown ao vivo: superestrutura de luz injeta ainda mais vibração.



mo. Não tenho encrenca nenhuma com o meu nome.

Você já foi preso?
Várias vezes. Por falta de documento, averiguação, briga. Uma vez, acredite ou não, falaram que o bagulho era meu, e eu tava sem nada, tava ligado. Como é que se diz? Me plantaram uma parada, me fizeram assumir um BO *(boletim de ocorrência)* que não era meu, me espancaram na delegacia e... o cidadão só pode isso: apanhar e ficar calado.

Você falou em briga. Você era um cara violento?
(Interrompendo) Eu sou, um cara violento. Não sou mais, mas posso me tornar, cê tá entendendo? Cada um tem sua maneira de viver. Eu tenho a minha, a minha é tranquila. Não taco mal pra ninguém, não piso no pé de ninguém, não falo mal de ninguém, não mexo com ninguém. Se mexer comigo – é bom que isso seja com disposição, tá ligado? *(Pausa)*

Mas nem tudo foi levado a ferro e fogo. Eu passei a viver melhor a partir do momento em que aceitei a minha realidade. Lá pelos 22 anos, pensei: "Meu pai não tem grana – que é me ajudar, mas não tem grana. Minha mãe é doente (sofreu um derrame na década de 80), eu não tenho condição de estudar, eu não tenho emprego porque não me formei em nada, eu tenho um filho... Então tenho que fazer alguma coisa na minha vida". Eu apostei na minha banda, e p***, deu certo.

Uma coisa leva a outra, começou a ajudar todo mundo, graças a Deus. Comprei um apê pra minha véia e dei uma grana pro meu pai montar o escritório dele. Comprei um apê pra mim, em Santos – mas isso eu ainda vou ter de pagar durante muitos anos...

As vendas dos CDs deram dinheiro?
Pelo controle do primeiro álbum, a gente [illegible] 1 milhão e meio de discos vendidos – para dividir em cinco. Não é grana feito nego pensa, no final dá um salário de um pai e dezentos por mês, qualquer cara que trabalha em escritório ganha isso.

Vocês dividem os direitos artísticos igualmente. Como são decididas as coisas na banda?
Eu sou o cara que montou a banda. Fui visionário na coisa de ligação com o skate. Então os caras remam e eu dirijo o barco – por eu ter chamado a responsabilidade pra mim e, modéstia à parte, por ter feito isso bem, os caras confiam. Mas, quando rola divergência, todo mundo decide junto.

Como vocês receberam as críticas por causa do sexismo de letras como a de "Gimme O Anel"?
Eu repensei e, no segundo disco, estamos mais respeitosos. Mas essa música não é machista, não. Fala sobre um caso real que rolou de uma predileção do cara e uma disposição da mina *(risos)*.

Qual é a origem do seu apelido? Você é realmente um cara chorão?
Entrou pro skate, os caras já batizam. Todo mundo tem apelido no skate. No começo, eu ficava sempre no canto observando, sacando as manobras pra tentar depois. Aí passou um cara lá, o Bolão e mexeu: "Não chora!" Aí outro falou a mesma coisa e pronto, saiu o Chorão. Mas eu choro mesmo. Choro em filme tipo o das formiguinhas *(Antz)*.

Sua vida gira em torno de skate e de rock'n'roll. Você se considera um cara maduro?
Querendo ou não, por eu ter vendido discos, a molecada presta atenção no que eu falo. Daqui pra frente, vou tomar cuidado para não levar os moleques pro lado de violência ou das drogas. Mas eu tenho 29 anos e sou molecão. Estou aprendendo as coisas aprendendo na marra. Às vezes eu cometo o mesmo erro duas vezes, mas não é porque eu sou burro, sou é teimoso.

Clássicos das rampas

Grinders, *Grinders* (1987)
Com influências de Agent Orange e Misfits, o Grinders (de Santo André, SP) é o maior representante do skate punk no Brasil. A letra de "Skate Grinha" ("Pega o skate dessa grinha! Se [illegible] vai de pista animal") entende tempos que em nada lembram a época atual.

TSOL, *Beneath the Shadow of Liberty* (TSOL *Change Today?*) (1984)
Banda californiana [illegible] um pouco mais pesada e [illegible] formação [illegible] Jack Emery e Joe Wood. Depois do primeiro [illegible] Dead [illegible] o segundo [illegible] Beneath the Shadow of Liberty [illegible] Rise Above [illegible] Rat [illegible]

Agent Orange, *Living in Darkness* (1980)
[illegible]

Sugar, *Copper Blue* (1992)
[illegible] Bob Mould, ex-Hüsker Dü, [illegible] Sugar [illegible] Copper Blue [illegible] Beaster [illegible] Hoover [illegible] The Act We Act [illegible] Helpless [illegible] Slick [illegible] Your Gun [illegible] Fortune Favors [illegible] Judy Is a Punk [illegible] Changes [illegible] Gift [illegible] Backwater [illegible] Man on the Moon [illegible] Sweetness [illegible] Hoover

O vinil vive

E é uma ótima opção para quem tem sede de comprar e conhecer discos, mas não pode pagar o alto preço dos CDs

por José Flávio Júnior

Aviso 1: os mais que famosos "bolachões" não desapareceram. Aviso 2: grande parte deles pode ser adquirida por um precinho camarada.

Aviso 3: muitos artistas de resposna ainda não tiveram seus trabalhos editados no sistema digital. A saída? Vinil!

A crise cambial brasileira, entre outras tragédias, dificultou o consumo de CDs importados. O produto nacional foi no embalo e aumentou mais um pouquinho.

O álbum *Parklife*, do grupo inglês Blur, serve bem para uma comparação. Quem quiser a versão americana do CD vai pagar 32 reais numa loja importadora de São Paulo, como a Velvet CDs. A versão nacional sai por 26 reais na Hi-Fi e por 19,90 reais num grande magazine. Em sebos, o LP usado não passa de 6 reais.

Colecionar compact discs? Parece piada quando comparado a colecionar LPs. Lavar o disco, admirar sua capa como se fosse um pôster, evitar riscos, cuidar da vitrola, arrumar a agulha da vitrola, acertar o pitch, trocar de lado... Isso é que é hobby de verdade.

Apesar de todos os benefícios que a era digital proporcionou e da inegável praticidade de manuseio e armazenamento, o CD não proporciona ao ouvinte o gostoso ritual de audição de um LP – costuma ser longo demais para ser escutado de uma só ▶

No alto, *um picture-disc* de Jimi Hendrix, obra de arte em vinil; o selo da Apple nos LPs dos Beatles, e o de *Phodas C*, de Leo Jaime, clássico do pop nacional

Colecionar LPs é... conhecer lojistas tão apaixonados por música quanto você, ter acesso a trabalhos de grandes artistas desprezados pela indústria fonográfica e ainda economizar bastante

vez e não inclui "o intervalo" da troca de lados.

Mais: a "bolachona" nunca vai oxidar. Quando tratada com carinho, vira um documento para o dono. "O vinil é definitivo", propagandeia Luiz Calanca, proprietário da loja de discos paulistana Baratos Afins e defensor ferrenho das 36 rotações.

Calanca oferece cerca de 120 mil discos de vinil para venda em seu "sebo diferente", como classifica. O que mais impressiona no acervo da Baratos é o número de álbuns novos (e por novos entenda-se álbuns que nunca saíram do plástico lacrados). São mais de 70 mil que ainda não foram desvirginados por agulha nenhuma.

Sua loja adquiriu muitos discos na época em que as gravadoras nacionais estavam parando de lançar artistas no formato tradicional. Além de quase arrebatar a última leva inteira, Calanca aproveitou a febre dos compact discs para aumentar seu estoque. "Eu tinha um ódio mortal de CD, mas acabei gostando um pouco. Afinal, as pessoas deram seus discos antigos de vinil em troca deles", relembra.

Entre os discos sem uso, podem ser encontradas pérolas de Sonic Youth, Police, Chuck Berry, Gilberto Gil, Mudhoney, Yes, Fellini, Cowboy Junkies, Frank Zappa, Cazuza, Bob Marley, Arnaldo Baptista e Mutantes.

Com mais de 50 mil discos usados no acervo, a Ventania é outra boa opção para o paulistano que não tem preconceito com o formato. Uma vitrola, disposta no meio da loja, induz o comprador a "testar" as obras que lhe interessarem.

O proprietário, Alcides Filho, joga no time dos que não seguram disco raro. Quase tudo na Ventania está num preço entre 2 e 15 reais. Quase. Se você quiser colocar as mãos numa cópia de *Nightingale*, de Gilberto Gil, vai ter que desembolsar 50 mangos. Cenzinho, se quiser levar um *Tim Maia Racional*.

Os ataques de choro nos sebos se multiplicam conforme o vinil vai sumindo das prateleiras. Recentemente o cantor Ed Motta esteve na Vinil Alternativo, em Recife. Não teve sucesso na busca de um disco do pioneiro da soul music brazuca, mister Erlon Chaves. LPs de gente da mesma turma como Gérson King Combo, Tony Tornado, Miguel De Deus, Cassiano, Marku Ribas e Don Mita, valem ouro no mercado de vinil.

Reprodução/Domínguez

Três tesouros: o LP de estréia de Angela Ro Ro, o ao vivo dos Beatles e uma edição nacional do cult grupo hard rock Hanoi Rocks

Raridades como esta de Ray Charles podem estar agora num sebo esperando você

Enquanto rappers, DJs e pesquisadores gringos pagam rios de dinheiro por originais dos difusores do funk no Brasil. Ed tem esses LPs em duplicata. "Antes de cantor e compositor, sou um colecionador", orgulha-se ele, que adquire várias raridades para fazer escambo.

O músico organiza até um ranking das melhores cidades do país para comprar vinil. "Primeiro, São Paulo; em segundo, Porto Alegre, e depois, Curitiba." Como não é sempre que pode ir a Londres, o carioca tira o maior proveito dos sebos nacionais. "Toda vez que vou a São Paulo, volto com uns 100 discos. Adoro pesquisar e tenho interesse em todos os estilos: soul, rock, jazz, música francesa, coisas instrumentais da década de 40, as primeiras gravações em estéreo a serem produzidas no Brasil e por aí adiante." Do seu arquivo de raridades destacam-se Cipó, Mestre Carioca, Don Salvador, Robson Jorge, Meireles, Trio Esperança e Trio Ternura, que tem um pouco de funk e é muito bom.

QUINTAL DE CLOROFILA

Visitar lojas de discos é um bom programa para quem viaja pelo Brasil. Se você não sofre de rinite alérgica, procure se embrenhar por sebos do interior e tente achar material de bandas que influenciaram as cenas locais. Os donos têm conhecimento do que há de relevante em suas lojas, facilitando a vida do forasteiro.

O abnegado que estiver a fim de conhecer mais sobre rock gauchesco tem na loja porto-alegrense Grammy uma grande pedida. Lá dá para comprar o clássico primeiro disco do Bixo da Seda por 15 reais e o histórico *O Mistério Dos Quintais*, da banda Quintal De Clorofila, por 25 reais.

Em Santos, litoral paulista, dar uma passada na Disqueria é fundamental. Vagner Parra toca o sebo, que abriga 10 mil discos em suas prateleiras. Sempre que três álbuns iguais aparecem na loja, o preço vai a 1 real. "Compro, vendo e não viajo; não sou antiquário", decreta.

A coisa muda de figura se o colecionador estiver procurando um original de Gilberto Mendes, compositor radicado na Baixada Santista que experimentou fazer música com poesia concreta bem antes de Arnaldo Antunes. Sem sorte e/ou dinheiro não tem negócio.

É importante bater ponto nos sebos da vida. Gilberto, dono do Splish Splash de Campinas, interior de São Paulo, avisa que, "num período de quinze dias, 40% do acervo da loja muda". Ele coloca artistas como Carmen Miranda, The Shadows, Betinho e Beatles no rol dos que permanecem apenas meia hora em seu domínio. Quando aparecem títulos desses aí, moradores de cidades vizinhas, como Paulínea, Vinhedo, Sumaré, Americana e Jundiaí, baixam no sebo. ▶

De Carl Perkins ao Beats International (banda de Norman Fatboy Slim Cook): um mundo de LPs por descobrir

A nova e boa vitrola

Quem ensina é Luiz Calanca, lojista e advogado número um do vinil: "Se você comprar esses de plástico que rolam por aí, vai achar vinil uma porcaria. Technics sem novo também é arriscado. Normalmente, algum rapper já fez de cuica, forçou o motor ao contrário, mexeu no pitch. Nunca mais dá pra ajustar".

"Os toca-discos atuais são feitos por *luthier*, têm melhor qualidade do que na época em que [illegible] que. Outras dicas: a vitrola tem [illegible]

No centro de São Paulo, um aparelho Polyvox TO 1980 sai por modestos 89 reais na Trida (Rua dos Guaimbés, 298, tel. 221-6945). Um da CCE sem [illegible] para ouvir vinil. A possibilidade de quem um disco a 16 rotações por minuto sempre foi trunfo dos iniciantes. Assim, aprender a tocar os clássicos do rock fica bico. [illegible] mentar uma oitava.

Mil por todo o Brasil

Brasília

Sebo Musical Center (SCLN 215 - Bloco C - loja 37 - tel. 061/274-0736 e-mail: musicalcenter@nutecnet.com.br)
Acervo: 15 mil discos
Preço: de R$ 0,50 a R$ 12,00
O que mais vende: Led Zeppelin, Deep Purple, Iron Maiden
Pechinchas: Pink Floyd e reedições do Rolling Stones por R$ 4,00
Raridades: *Do Jeito Natural*, de Vitor Ribas (R$ 20,00); *Joia*, de Caetano Veloso (R$ 15,00); *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* original, dos Beatles (R$ 8,00)

Salvador

Sebo Mutantes (Rua da Forca, 121, Largo 2 de Julho - tel. 071/326-1022)
Acervo: 2 mil discos
Preço: a maioria entre R$ 2,00 e R$ 4,00
O que mais vende: Charles Mingus, Nirvana, John Coltrane
Pechinchas: Cólera e Jimi Hendrix por R$ 5,00
Raridades: *Island*, do King Crimson

Curitiba

Temptation Discos (Rua Ébano Pereira, 44 - Centro - tel. 041/224-0402)
Acervo: mil discos
Preço: entre R$ 2,00 e R$ 10,00
O que mais vende: MPB, jazz, metal
Pechinchas: trilha sonora do filme *Beth Balanço* (R$ 3,50); *The Way It Is*, de Bruce Hornsby; e *Secrets*, de Robert Palmer, por R$ 2,50
Raridades: *Maria Angélica Não Mora Mais Aqui* (R$ 4,00); *Code*, do Cabaret Voltaire (R$ 4,00); *In Flame*, do Slade (R$ 6,50); *Young Americans*, de David Bowie (R$ 9,00)

Porto Alegre

Grammy (Rua dos Andradas, 1 444 - sala 31, Galeria Chaves tel. 051/227-5911)
Acervo: 2 500 discos
Preço: a partir de R$ 3,00
O que mais vende: Led Zeppelin, Cult
Pechinchas: Smiths por R$ 3,00, Quarteto Negro por R$ 6,00, Nivaldo Ornelas e Marcos Resende *(Som E Fantasia)* por R$ 6,00
Raridades: clássicos do Neil Young (*On The Beach, Times Fade Away, American Stars 'N Bars*) por R$ 20,00 cada

Recife

Vinil Alternativo (Rua Sete de Setembro, 105 - loja 5 - tel. 081/222-2385)
Acervo: 1 800
Preço: a maioria por R$ 1,00
O que mais vende: rock e MPB
Pechinchas: João Nogueira (*Vem Quem Tem*) e Sossega Leão por R$ 1,00
Raridades: *30 Anos De Rock*, de Raul Seixas (R$ 15,00); *Magical Mistery Tour*, dos Beatles (R$ 10,00); *Garage Days*, do Metallica (R$ 7,00); *Show No Mercy*, do Slayer (R$ 5,00)

Campinas

Splish Splash (Av. Aquidaben, 692 - tel. 019/236-3974)
Acervo: 10 mil discos
Preço: R$ 10,00, em média
O que mais vende: Beatles, Yes, Janis Joplin
Pechinchas: disco de R$ 4,00 vira 3 por R$ 10,00
Raridades: álbuns do Zero, 365, Casa Das Máquinas, Brenda Lee, Rick Nelson, Elis Regina e Chico Buarque

Santos

Discoteria (discoteria@uol.com.br - tel. 013/232-4767 ou 013/289-1860)
Acervo: 10 mil discos
Preço: LP com mais de três cópias em estoque sai por R$ 1,00
O que mais vende: Kiss, Iron Maiden, Gil
Pechinchas: Joy Division e New Order por R$ 1,00 cada
Raridades: discografia completa da cantora Maria Bethania

Belo Horizonte

Digitraxx (R. Tupis, 85, loja 15 - tel. 031/224-5280)
Acervo: 2 mil discos
Preço: R$ 12,00, em média
O que mais vende: importados
Raridades: *Al Green Explores Your Mind* (R$ 20,00); *Just As I Am*, de Bill Withers (R$ 20,00); importados do AC/DC (R$ 20,00); 1º do Ney Matogrosso, edição com compacto especial (R$ 15,00); *Thick As A Brick*, do Jethro Tull (R$ 15,00); vários do Beach Boys; Beatles em mono; Arrigo Barnabé; Quinteto Violado; Renato Teixeira

Rio de Janeiro

Empório Musical (Rua Sete de Setembro, 163 - Centro - tel. 021/252-9714)
Acervo: 120 mil
Preço: a partir de 0,50
O que mais vende: artistas brasileiros
Pechinchas: trilhas sonoras de *Fame* e *Vila Sésamo*, por R$ 2,00 cada
Raridades: *Vozes e Trombones*, de Don Costa (R$ 20,00); *Canção Do Amor Demais*, de Elizeth Cardoso (R$ 5,00); *Bem Bom*, de Gal Costa (R$ 3,00); *Uns*, de Caetano Veloso (2,00)

Satisfacton (R. Francisco Sá, 95 - Copacabana)
Acervo: 2 mil discos
Preço: R$ 6,00 (nacional) e R$ 13,00 (importado), em média
O que mais vende: hard rock setentão e sons pesados em geral
Pechinchas: *Allies*, de Crosby & Nash, e *August*, de Eric Clapton, por R$ 4,00 cada
Raridades: *Made In Japan*, do Deep Purple (R$ 10,00); *Thick As A Brick* (com o jornal), do Jethro Tull (R$ 6,00); *Ummagumma*, segundo disco do Pink Floyd (R$ 10,00)

São Paulo

Nuvem Nove (Rua Clodomiro Amazonas, 128/132 - Itaim - tel. 011/820-7051)
Acervo: 8 mil discos
Preço: a maioria por R$ 2,00
O que mais vende: MPB e rock
Pechinchas: Eduardo Dusek, *Cantando No Banheiro* (R$ 2,00); e *Sutis Diferenças*, de Vinicius Cantuária (R$ 3,00)
Atrações: *Metamorphosis*, dos Rolling Stones (R$ 8,00); *Mr. Mae Guy*, de Freddie Mercury (R$ 8,00); *Live At The Hollywood Bowl*, ao vivo dos Beatles (R$ 10,00)

Ventania (Rua 24 de Maio, 188, cj. 115/117 - tel. 011/222-6273 e-mail: www.ventania.com.br)
Acervo: 50 mil
Preço: a partir de R$ 2,00
O que mais vende: trilhas sonoras, jazz, rock, blues e MPB
Pechinchas: 1º dos Titãs (R$ 8,00); *Pearl*, da Janis Joplin (R$ 2,00); *UB40 Live In Moscou* (R$ 6,00); *Led Zeppelin I* (R$ 6,00)
Atrações: *Ziggy Stardust And The Spiders From Mars*, de David Bowie (R$ 10,00); *Girls & Boys - Pet Shop Boys Remix*, do Blur (R$ 10,00); *Como É Bom Ser Punk*, do Lingua De Trapo (R$ 12,00)

Devil Discos (Grandes Galerias - Rua 24 de Maio, 62, loja 300 - tel. 011/222-[illegible]72)
Acervo: 15 mil discos
Preço: entre R$ 5,00 e R$10,00
O que mais vende: rock e pun[illegible]
Pechinchas: *Neil Diamond Go[illegible] Get Close*, do Preetenders; *Zennyatta [illegible]ondatta*, do Police; *Killer*, do Alice Cooper; *[illegible]oad To Ruin*, do Ramones; e *Frankench[illegible]st*, do Dead Kennedys, por R$ 5,00 cada
Atrações: *Oh, No! It's Dev[illegible] Maverick*, de George Thorogood; *Kiss Me [illegible]Kiss Me Kiss Me*, do Cure, e *Too-Rye-Ay*, d[illegible]Dexy's Midnight Runners, por R$ 10,00 cad[illegible]

Baratos Afins (Grandes Galerias - Rua 24 de Maio, 62, loja 316/318 - tel. 011/223-3629)
Acervo: 120 mil dis[illegible]
Preço: R$ 10,00, em média
O que mais ven[illegible]: Zimbo Trio, Mutantes, MPB e rock em geral
Pechinchas: [illegible]ack, de Buddy Holly; *Mistrial*, de Lou Reed; e *Shout*, do Devo, por R$ 8,50 cada; *Crossroads*, caixa de Eric Clapton com seis LPs por R$ 30,00
Atrações: *Troggdynimite*, dos Troggs (R$ 30,00); Gil "do fardão" com Mutantes (R$ [illegible]5,00); *Tinseltown*, de Frank Zappa (R$ 20,00); *Shades*, do Deep Purple (R$15,00); *Goo* (R$ 10,00) e *Dirty* (R$ 20,00) do Sonic Youth; *Loki*, de Arnaldo Baptista (R$ 10,00); *Love Nature*, de Al Green (R$ 10,00).

A praga do CD-R

Cada dia mais popular, a prática da reprodução caseira de CDs já infectou o mercado do vinil. Os alvos são as gravações que ainda não tiveram "digitalmente" sua vez. Enquanto as gravadoras dormem, títulos de Neil Young ou de Paulinho Boca De Cantor saem das mangas dos "pirateiros".
A famosa Galeria do Rock (Rua 24 de Maio, 62) é apontada como a meca do CD-R em São Paulo. Nem todos os lojistas comercializam o disquinho sujo. Alguns fazem a cópia apenas para uso próprio, mas, insistindo um pouco, da pra sair do templo do rock paulistano com um exemplar de *Let Me Sing My Rock-And-Roll*, discão do Raul Seixas, em CD, formato no qual continua inédito.

Os mais pirateados

1 Beatles – ***Beatles Ballads*** **(1980)** Esta seleção de musicas românticas do quarteto chegou ao 17º lugar da parada inglesa, dois meses antes da morte de John Lennon.

2. Roberto Carlos - *Sou Louco Por Você* (1961) Primeiro disco do Rei, incluindo o semi-hit "Olhando Estrelas"

3. Raul Seixas - *Let Me Sing My Rock-And-Roll* (1985) Coletânea de raridades organizada por um fã-clube de Raulzito, relançada mais tarde pela PolyGram, com o título mudado para *Caroço De Manga*.

A raridade dos Stones

4. Rolling Stones - *Metamorphosis* (1975) Demos que Jagger e Richards compuseram para outros artistas durante a década de 60.

5. Tim Maia - *Tim Maia Racional Vol. 1 e 2* (1975) O quendo Tim gravou esta dupla de álbuns na época em que se converteu à seita Jnriverso em Desencanto

6. Sérgio Sampaio - *Eu Quero É Botar Meu Bloco Na Rua* (1973) Amigo de Raul e conterrâneo de Roberto Carlos, Sampaio conseguiu seu maior êxito com a faixa-título, classificada para a final do VII Festival Internacional da Canção, em 1972.

7. Renaissance - *Novella* (77) Cultuado álbum da banda de rock progressivo que difundiu o rótulo "art rock" gravando baladas ultramelodiosas.

8. Elba Ramalho - *Ave De Prata* (79) O primeiro disco da paraibana não fez sucesso, mas desperta interesse em todo fã.

9. Zero - *Zero EP* (1985) Guilherme Isnard divide vocais com Paulo Ricardo em "Agora Eu Sei", único grande sucesso do grupo da geração 80

10. Björk - *Björk Gudmundsdóttir* (1977) A islandesinha gravou esta maravilha quando tinha 11 anos. Tudo em seu estranho idioma, inclusive uma versão de "Fool On The Hill" dos Beatles.

Mais som por menos grana

Com R$ 20, preço médio de um compact disc, você pode comprar quatro LPs usados em bom estado, por R$ 5 cada – ou até dez LPs, dependendo da oferta

Reprodução Proibida

FAROFA FOREVER

O grunge implodiu, o alternativo voltou a ser alternativo e... olha o alegre hard rock aí

Por Daniel Oliveira
Ilustrações: Félix Reiners

Era um dia ensolarado de 1991. Bret Michaels, vocalista do Poison, dirigia sua Ferrari pelas ruas de Los Angeles quando, de repente, o refrão berrado "With the lights out, it's less dangerous/ Here we are now, entertain us ..." tocou no rádio do carro. A música era "Smells Like Teen Spirit", do então ascendente Nirvana. Bret curtiu o som e pisou no acelerador. Não imaginava o dano que aquela canção lhe causaria nos anos seguintes. O líder da tal banda, Kurt Cobain, puxou uma corrente de rock alternativo e pregou uma revolução na indústria musical americana.

Em pouco tempo, o glamourizado hard rock americano (mais conhecido no Brasil como metal farofa) se viu demonizado pela mídia. Num piscar de olhos, a MTV engavetou os vídeos cheios de brilho e mulheres seminuas de grupos como Mötley Crue, Extreme e Winger e colocou no ar clipes sombrios do Soundgarden, Alice In Chains e Nirvana. Jani Lane, vocalista do Warrant, lembra de sua surpresa ao entrar no escritório da gravadora Columbia em 1992: um pôster do Alice In Chains havia tomado o lugar de um colorido retratão de sua banda. "Naquele momento vi que não éramos mais prioridade do selo. Uma nova cena musical surgia e não nos encaixávamos nela."

E assim foi. Camisas de flanela substituíram jaquetas cintilantes, bermudões surrados tomaram o lugar das calças de couro, poucos e mal-ajambrados acordes mataram riffs trabalhados e vocais angustiados enterraram os refrões festivos. Em decadência, os grupos farofa passaram os anos seguintes tocando em pequenos clubes – além do interminável interior dos Estados Unidos, o que já garante a sobrevivência de muita gente – e lançando discos por selos independentes. Alguns desapareceram de vez. "A gravadora nos despediu e perdemos o interesse em tocar. Não tínhamos para onde ir", lembra Tom Keifer, guitarrista e vocalista do Cinderella, explicando o sumiço de seu grupo após o disco *Still Climbing* (1994).

Mas o mundo do rock dá voltas. Com roupas de couro e quilos de maquiagem no rosto, Marilyn Manson explodiu como um vulcão três anos atrás, justamente quando o grunge perdia cada vez mais espaços. O vocalista dominou as rádios americanas e orgulhou-se de retomar o glam rock. "O estrelismo no rock havia sumido por causa do grunge", observa Manson. "Estou tentando trazê-lo de volta porque é importante no que faço – expressão artística através de imagem." Resultado: o caminho para a volta da farofa – expressão inicialmente pejorativa, mas que hoje serve para definir um estilo, sem nenhuma conotação crítica – foi definitivamente aberto. Agora, é questão de engoli-la ou não. Só não vale ficar lamentando de boca cheia ▶

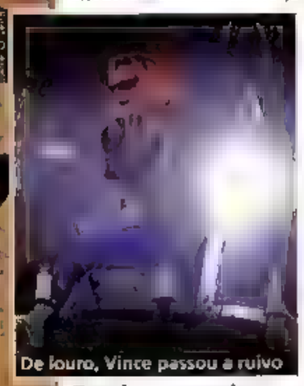
Poison

Após a saída do guitarrista C. C. DeVille – substituído inicialmente por Ritchie Kotzen e depois por Blues Sarraceno, que veio ao Brasil com a banda no Hollywood Rock de 1994 –, o quarteto lançou apenas um disco, *Native Tongue*, e caiu no ostracismo. A volta de C. C. só aconteceu no ano passado, mas a banda precisou esperar que o cantor Bret concluísse o filme *A Letter from the Death Row*, que dirigiu e estrelou, para voltar de fato às atividades. Com um disco no forno, o Poison está lotando anfiteatros no país ao lado do Ratt, Great White e L.A. Guns. "O público quer ver o Poison mandar brasa. Queremos nos manter como um grande grupo glam. É nossa natureza – por que fingir ser algo diferente?", analisa Bret

Bret voltou a comandar o Poison

Mötley Crüe

Há dois anos o vocalista Vince Neil voltou a integrar o grupo, que lançou o disco *Generation Swine*. As vendas não foram boas e, para piorar, o baterista Tommy Lee se envolveu em confusões judiciais ao agredir um fotógrafo e a esposa, a atriz Pamela Anderson. Depois de aguardar que Lee deixasse o xilindró, Vince, o baixista Nikki Sixx e o guitarrista Mick Mars foram surpreendidos por duas notícias: Tommy e Pamela se reconciliaram e o baterista deixou a banda para se dedicar a seu novo grupo hip-hop/industrial, o Methods Of Mayhem. Matt Sorum – ex-Guns N' Roses e que retornou a seu grupo de origem, o Cult – foi cogitado, mas as baquetas acabaram nas mãos do experiente Randy Castillo, ex-Ozzy Osbourne. "Ele foi escolhido pelos fãs, via Internet", conta Sixx.


De louro, Vince passou a ruivo

Skid Row

Sebastian Bach, um dos vocalistas mais famosos do hard rock farofa, também está de projeto novo: o grupo solo Sebastian Bach & Friends. "A cena musical agora é diferente", diz o gigantesco cantor canadense. "Não é como em 1989, mas diversas pessoas querem rock novamente. Comprovo isso todas as noites em meus shows." Ao vivo, ele apresenta canções de seu antigo grupo (que estourou com baladas como "I Remember You" e "Wasted Time" e músicas pesadas como "Youth Gone Wild"), covers e algumas novidades. O quarteto restante no Skid Row – os guitarristas Dave *Snake* Sabo e Scotti Hill, o baixista Rachel Bolan e o baterista Rob Affuso – pretende lançar disco este ano, com novo nome e novo vocalista.

Twisted Sister

Após mais de uma década de aposentadoria – em que o cantor Dee Snider passou por outras bandas, como o Widowmaker e o baixista Mark *The Animal* Mendoza voltou para seu grupo dos anos 70, os Dictators –, o quinteto responsável por clássicos como "We're Not Gonna Take It" e "I Wanna Rock" se reuniu para gravar uma nova canção, "Heroes Are Hard To Find", para a trilha sonora do filme *Strangeland*, não por acaso com roteiro e papel principal de Snider. O cantor, Mendoza e mais os guitarristas Jay Jay French e Eddie *Fingers* Ojeda e o baterista A.J. Pero gostaram da experiência e voltaram de vez. "Mas agora é só diversão", garante Snider

O velho Dee Snider, ainda cabeludo

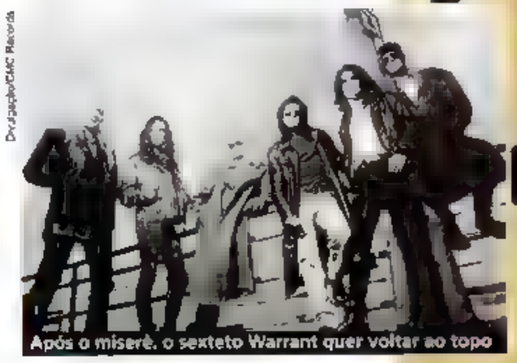
Sebastian deixou o Skid Row e segue só

Warrant, Cinderella etc.

O grupo que se inspirou em "We Will Rock You", do Queen, e estourou com "Cherry Pie" está na ativa e na estrada, comandado pelo cantor Jani Lane, mas com uma formação diferente da do início da década. O Slaughter perdeu em fevereiro do ano passado o guitarrista Tim Kelly, morto em um acidente de carro, mas segue em frente. O Cinderella, que usava uma base de blues sobre as guitarras, trocou de baterista e é uma das estrelas da novíssima gravadora Portrait, subsidiária da Columbia – a mesma que um dia despediu grupos como o Warrant e o Firehouse – e deu cada exclusivamente ao estilo. "A imprensa matou esse gênero musical prematuramente", diz o chefão do selo, John Kalodner, um executivo com barba de profeta que ajudou a ressuscitar o Aerosmith na década passada. "Essas bandas podem confrontar qualquer grupo alternativo"

O Cinderella assinou com a Portrait

acredita ele. Tom Lipsky, gerente da gravadora CMC, é outro a apostar na sobrevivência do estilo: abrigou grupos como L.A. Guns, Warrant e Dokken depois que as grandes gravadoras os despediram. "Quero ajudar artistas de potencial comercial. O Warrant, por exemplo, vendeu 6 milhões de discos. Acredito que ainda possa vender muito mais." Já há quem fale até mesmo no retorno dos irmãos Nelson


Após o miserê, o sexteto Warrant quer voltar ao topo

Mr Big

O quarteto de virtuoses que encheu os bolsos com "To Be With You" aproveitou a onda e está de volta. A novidade é a saída do guitarrista Paul Gilbert, que preferiu se dedicar ao fusion e a percorrer o braço do instrumento a velocidades inimagináveis e foi substituído por Ritchie Kotzen, aquele mesmo que gravou *Native Tongue* com o Poison.

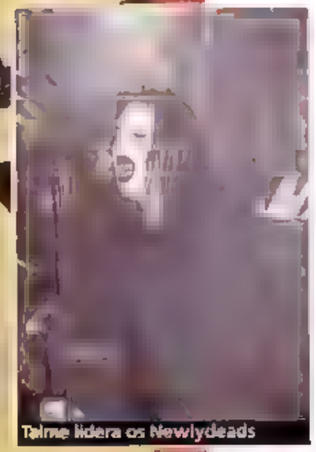
Ritchie (à esq.) arrou e Paul (à frente) saiu

Novos bacons na fritura

Na liderança da nova farofada americana, o Buckcherry seria uma reencarnação musical do Guns N' Roses, enquanto o Nashville Pussy representaria ideologicamente uma nova versão do Mötley Crüe. Formado por Joshua Todd (vocais), Keith Nelson (guitarra), Yogi (guitarra), Jonathan Brightman (baixo) e Devon Glenn (bateria), o Buckcherry vem de Los Angeles e toca um rockão com vocais esganiçados e guitarras saturadíssimas. É forte a influência de GN'R no primeiro disco do grupo, *Lit Up*, co-produzido por Steve Jones, do Sex Pistols. "Respirávamos este rock quando estava fora de moda. Daqui a dez anos, quando estiver fora de moda novamente, ainda continuaremos a tocá-lo", orgulha-se Keith. O grupo foi atração de abertura da turnê americana *Psycho Circus*, do Kiss, no primeiro semestre deste ano.

O Buckcherry já abriu para o Kiss

Formado por Blaine Cartwright (guitarra e vocal), Ruyter Suys (guitarra), Corey Parks (baixo) e Jeremy Thompson (bateria), o Nashville Pussy vem de Atlanta e impressiona com referências sexuais aberrantes. "Deixe que eles chupem vagina" é a tradução do nome do primeiro disco do grupo, *Let Them Eat Pussy*, cuja capa tem as decotadas e desbocadas Ruyter e Corey em posição de, digamos, sentido. Nem mesmo Vince Neil, do Mötley Crue, conseguiu alcançar tamanho nível de baixaria em seus trabalhos. "Não queremos expressar política ou críticas sociais. Só queremos tocar um rock'n'roll bem-feito", diz Blaine. O vocalista Taime Downe, ex-Faster Pussycat, está de grupo novo – Newlydeads –, e lota shows pela Califórnia.


Taime lidera os Newlydeads

Scott Weiland, vocalista do Stone Temple Pilots (outrora grunge), não perdeu a pose e promoveu uma transição de estilos. Com visual carregado e canções pasteurizadas, lançou ano passado o disco solo *12 Bar Blues* e passou a afinetar o estilo que o consagrou em suas entrevistas. "O grunge morreu e eu não chorei no funeral", diz. "Jeans sujos, camisas do Pavement e *dreadlocks* são coisas chatas. Rock stars são legais – transmitimos amor e energia."

30 ANOS DE PAZ, AMOR E LAMA

Festival de Woodstock completa três décadas cercado de charme e alguma mitologia

O Jefferson Airplane do cantor Marty Balin foi uma das atrações mais aplaudidas

A história oficial é conhecida: um belo dia, quatro moleques americanos, embalados pelo festival de Monterey – que, no meio de 1967, havia atraído 50 mil pessoas no lugar das 5 mil pretendidas –, resolveram organizar um show. O delírio foi crescendo até chegar a um evento em dois dias, com a pretensão de receber 50 mil pagantes, que devolveriam aos produtores o dinheiro investido. "Vocês terão sorte se cem pessoas derem as caras", disse o pai de John Roberts, um dos rapazes.

No final das contas, algo entre 400 e 500 mil pessoas ocuparam a fazenda na pequena cidade de Bethel, Nova York - para onde o festival foi transferido depois que a prefeitura de Wallkill vetou sua realização por lá – nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1969. As atrações? Isso não teve muita importância, mas lá vai: Jimi Hendrix, Janis Joplin, Joan Baez, Creadence Clearwater Revival, The Who, Crosby, Stills, Nash & Young e outros (muito) menos cotados. Por diversas razões, os três artistas mais desejados pela produção, os Beatles, Rolling Stones e Bob Dylan, não compareceram. Mas e daí? Com tudo isso, não há Rock In Rio que se aproxime do charme e da mística da Feira de Arte e Música de Woodstock.

"A apresentação do Woodstock deve ter sido a pior de nossas vidas"

Bob Weir, do Grateful Dead

Hendrix tocou de manhã, para meia duzia, e entrou para a história

Os shows

A maioria dos artistas e fãs que estiveram em Woodstock e se lembra do que aconteceu (visto que drogas como a maconha, o haxixe e o LSD rolavam soltos) concorda que poucos artistas se salvaram. "Deve ter sido o pior show de nossas vidas", lembrou, sem mágoas, o guitarrista Bob Weir do Grateful Dead. "Chovia a cantaros e a guitarra me dava choques. Quando toquei o instrumento e o microfone ao mesmo tempo, produzi uma faísca do tamanho de uma bola de tênis, que me atirou 3 metros para trás", lembra ele. Além da versão distorcida para o hino nacional americano tocada por Jimi Hendrix – numa crítica ao nacionalismo exacerbado da Guerra do Vietnã, que já durava quatro anos – e testemunhada por *apenas* 30 mil pessoas, Sly And The Family Stone e Jefferson Airplane foram dos poucos que escaparam do desastre musical, ao lado de desconhecidos como Country Joe And The Fish e a cantora Melanie. Ainda assim, várias carreiras foram impulsionadas pela simples presença na festa. "Se não fosse pelo Woodstock eu poderia estar ainda na fronteira do México com os EUA, sem documentos", definiu o guitarrista Carlos Santana vinte anos depois.

O público

"Onde foi que dormi? O que comi? O que aconteceu com meus sapatos?", dizia uma carta endereçada à revista americana *Rolling Stone*, que publicou uma edição especial sobre Woodstock. O sexo e as drogas superaram de longe o rock'n'roll no final de semana que celebrou a geração hippie. Tirar a roupa e nadar na lama ou no lago era a mais beata das atitudes. A maior parte do público entrou de graça, pois a infra-estrutura não comportaria nem de longe a quantidade de gente que apareceu. Mesmo quem tinha ingressos pôde guardá-los como lembrança, já que não houve quem os recolhesse. Comida, bebida e alojamentos foram improvisados de forma que até a Sunab do Kosovo ficaria enojada. O engarrafamento atingiu dezenas de quilômetros e muita gente recorreu a caronas.

Os números

Tomando-se por base uma inflação de 1 200% nos últimos trinta anos, o maior cachê, de Jimi Hendrix, seria de 216 mil dólares (cerca de 400 mil reais), nada mau mesmo para os dias de hoje. Janis Joplin, que cantou três musicas – tão cheia de heroína que não entrou no disco ou no filme baseados no festival –, levou o equivalente a 90 mil verdinhas, e o Sha Na Na, o primo pobre do festival, se apresentou por 300 dólares, mais ou menos 3 600 em valores de hoje em dia. Comparados com os 5 mil pagos ao Faith No More e ao Megadeth pelas participações no Rock In Rio 2, em 1991, vê-se que a vida de músico da segunda divisão não é tão fácil assim. O ingresso custava 18 dólares, o que, corrigido (216), fica mais caro do que os 150 dólares que serão pagos por quem for ver o festival deste ano. E olha que, desta vez, serão no mínimo cinquenta shows, contra os 28 da primeira edição do festival. É claro que em 1969 não havia grandes patrocinadores como os de hoje em dia. Os organizadores tomaram um cano equivalente, em 1999, a 1,2 milhão de dólares. Nada que hoje a Coca-Cola não bancasse com um arroto de satisfação mas uma bela dor de cabeça três décadas atrás.

Janis (*acima*) passou em branco e John Fogerty arrebentou

Foi bom para você?

Mesmo com a qualidade técnica limitada, muita gente saiu de Woodstock consagrado e partiu de lá para uma carreira vitoriosa. Joe Cocker, por exemplo, até hoje vive em função de sua famosa interpretação de "With A Little Help From My Friends", dos Beatles. Carlos Santana e o cantor folk Richie Havens – que se apresentou sem o baixista Eric Oxendine, que abandonou o carro a 50 quilômetros de distância e chegou no final do show – foram outros que ganharam respeito mundial após Woodstock. Alguns artistas já famosos, como Hendrix, The Who, Sly And The Family Stone e Joan Baez, saíram da grande fazenda fortalecidos. Nomes menos votados, como o baladeiro John Sebastian, o gaitista de blues Paul Butterfield e o grupo Sweetwater, passaram em branco, quase tanto quanto Jeff Beck, Iron Butterfly, a Incredible String Band e a Keef Hartley Band, que foram anunciados mas não se apresentaram.

A herança

Dias 23, 24 e 25 de julho deste ano acontece em Rome, outra cidade do interior do Estado de Nova York, a versão comemorativa dos trinta anos de Woodstock. Metallica, Red Hot Chili Peppers, Alanis Morrisette, Sugar Ray, Korn, Wyclef Jean & The Refugee All-Stars e a cantora Jewel são alguns dos artistas escalados. Cinco anos atrás houve a versão dos 25 anos, com o Aerosmith, Peter Gabriel, Porno For Pyros e os mesmos Metallica e Chil. Peppers. O Woodstock original detonou uma onda de festivais pelos Estados Unidos nos anos 60 e 70, como Altamont – marcado pela violência – e Denver Pop. No Brasil, além de dois Rock In Rio (que deve voltar em 2000) e do extinto Hollywood Rock, o espírito bicho-grilo se manifestou no Som das Águas, um festival que reuniu, em três edições (1974-80-83), no interior de São Paulo, gente como João Gilberto, Gilberto Gil e Tetê Espíndola.

Alira dos 20 anos

Inspirado em amores que ainda não viveu e nas angústias de crescer sendo astro do rock, Daniel Johns, do Silverchair, compôs o elogiado CD *Neon Ballroom*

Por Isabel Flores, de Nova Orleans (EUA)

"Eu tenho três lugares favoritos no mundo e o Rio de Janeiro é um deles", revela Daniel Johns antes mesmo de começar a entrevista, no corredor de um hotel em New Orleans, completando a lista com Nova York e Londres. Aos 20 anos, o líder do trio australiano Silverchair parece feliz e à vontade com a vida de astro do rock. Sim, foi nisso que ele se viu transformado, há quase cinco anos, com o estouro do disco de estréia do trio, *Frogstomp*. E foi com isso que ele aprendeu a conviver – a duras penas, conforme confessa ao longo da entrevista. "Eu estava na idade de descobrir a mim mesmo. Mas fica difícil saber quem você realmente é tendo de lidar com a fama."

Depois da turnê mundial que se seguiu ao segundo disco, *Freak Show*, Daniel, o baterista Ben Gillies e o baixista Chris Joannou voltaram à Austrália para terminar o segundo grau e retomar suas vidas de jovens normais. Foi aí que o cantor e guitarrista sentiu a responsabilidade. "Fiquei muito só. Ben e Chris estavam vivendo normalmente, com suas namoradas, enquanto eu estava sozinho em uma casa, não fazendo nada além de compor", lembra. Daniel chegou a um nível de neurose em que não se permitia sequer pôr os pés na rua. "Fiz as músicas como uma espécie de lavagem da minha alma, para me livrar de sentimentos ruins." Apenas duas canções do novo disco, "Satin Sheets" e "Anthem For The Year 2000", não estão relacionadas com essa fase neura do fins de adolescência. Mas foi justamente este trabalho centrado nas angústias de um jovem astro, *Neon Ballroom*, que rendeu ao Silverchair o aplauso unânime da crítica americana e inglesa.

"Eu sabia exatamente o que queria fazer, os instrumentos que queria usar e sobre o que queria falar", comemora Daniel. O terceiro disco do Silverchair traz arranjos de orquestra e a participação especial do pianista David Helfgott, que teve sua vida exibida no filme *Shine – Brilhante*. "Quando fiz a canção 'Emotion Sickness' queria um piano que soasse fora da realidade. Daí surgiu o nome de David", lembra o vocalista, que acabou ganhando um amigo. "Ele precisa de contato humano constantemente e por isso está sempre abraçando e beijando, é muito legal."

Daniel começou a turnê americana em março, na House of Blues, em Nova Orleans (EUA). Depois do show foi para o hotel à uma da madrugada, com esperança de descansar. Impossível. Fãs enlouquecidas passaram a noite batendo na porta do cantor, que fingia que não era com ele. "Eu adoro meus fãs, é claro, mas essas coisas não podem virar obsessão."

DROGAS NO FUTURO

Frogstomp foi lançado quando os integrantes do Silverchair tinham apenas 14 anos. "Tem músicas ali que eu compus aos 12 anos!", ressalta Daniel. A pouca idade e o visual de cabelos compridos (hoje exterminado) fizeram com que o grupo fosse apontado como mais um dos seguidores do grunge, o que às vezes irrita Daniel. "O grunge foi interessante por causa da rebeldia, mas nós já estávamos tocando Black Sabbath e Led Zeppelin naquela época. Não nascemos a partir da onda ou de movimento nenhum." A relação com a geração de Nirvana e Alice In Chains é ainda menor quando o assunto é drogas. "Até agora nenhum de nós teve problemas com elas, mas, se houver experiência positiva, eu provavelmente vou escrever sobre isso", avisa, destemido.

Daniel faz todas as letras e garante que seu trabalho é absolutamente autobiográfico. "Minhas letras são apenas reflexos das minhas experiências", diz. E nelas estão alguns aspectos surpreendentes: "Miss You Love", por exemplo, pode parecer uma canção de amor, mas na verdade reflete a tensão de alguém que ainda não amou. "O amor que experimentei até agora foi o de minha família", confessa Daniel. Ele diz que os pais foram fundamentais para que conseguisse manter os pés no chão. "É tão fácil se perder e não saber o que fazer com o dinheiro. É isso que acontece com a maioria dos rock stars". A relação com a família é tão boa que Daniel resolveu voltar a morar com os pais, irmã e irmão. "Fui expulso do meu condomínio porque não era permitido ter cachorro."

O Silverchair sai este ano em turnê por Austrália, Europa e Estados Unidos para divulgar *Neon Ballroom*. Shows no Brasil ainda não foram discutidos. "Claro que queremos voltar", garante Daniel, que acha a energia dos brasileiros muito parecida com a dos australianos. "Não é à toa que todas as bandas australianas vão tocar no Brasil", conclui.

Chris, Ben e Daniel (*à dir.*): estrelato na adolescência

Foto Divulgação

As boas ovelhas do [redacted] berram mais forte e dominam o disputadissimo pop inglês

Lan pen ol y saïs*

Elas estão balindo, ou melhor, batendo à sua porta. Depois de dominar a cena pop rock do Reino Unido e de correr por outros cantos da Europa, uma leva de bandas galesas começa a ter seus discos editados até mesmo aqui, no longínquo Brasil. Manic Street Preachers, Stereophonics, Catatonia e Super Furry Animals são alguns dos nomes que estão sempre nas capas das revistas musicais inglesas e começam a ser conhecidas entre nós.

Sinceramente, o que vem à sua cabeça quando Gales é mencionado? Nada, não é? Pois vamos a uma aulinha: o país faz parte do Reino Unido da Grã-Bretanha, assim como Inglaterra, Escócia e Irlanda do Norte. Está localizado na região oeste da ilha principal, tem sua economia baseada na pecuária ovina (há tempos imemoriais seus habitantes são alvo de gozações sobre sexo com ovelhas) e na exportação de minérios, toma surras históricas no futebol, mas se garante no rúgbi. Cardiff é a capital e a sopa de batata com alho-poró é o prato nacional.

O povo celta foi o primeiro a habitar a região, que hoje é conhecida por País do Gales. Esses nativos deixaram o galês (que não deve ser confundido com o gaélico, língua falada originalmente em outras partes do Reino Unido) como legado e, mesmo com a oficialização do inglês, um quinto da população atual ainda fala o idioma de seus ancestrais.

Apesar de ser um país dado à poesia e à música, historicamente o País de Gales contribuiu relativamente pouco para a cultura pop britânica. Pode-se dizer que sua maior influência no rock veio do poeta Dylan Thomas (morto em 1953, sem jamais ter ouvido alguma música em quatro por quatro, a batida tradicional do rock'n'roll). Foi ele que um certo americano chamado Robert, ou Bob, homenageou quando quis substituir seu sobrenome Zimmerman. Virou, claro, Bob Dylan. John Gale (ex-guitarrista do Velvet Underground), a diva negra Shirley Bassey (que cantava "Goldfinger", tema de *007 Contra Goldfinger*, com os braços para trás sem parar), o cantor Tom Jones, o supracitado poeta Dylan Thomas e recentemente Gary Barlow (ex-gorducho e ex-Take That, atual ídolo *teen*) foram os poucos galeses a se destacarem neste século. "Gales nunca teve muito rock. Mas agora tem o Catatonia, o Super Furry Animals, bandas de que gosto muito", conta o produtor Paul Ralphes, galês radicado no Rio que já trabalhou com Skank, Biquíni Cavadão, O Rappa e Titãs. "O Manic Street Preachers é hoje a banda principal da Europa e eu os adoro porque eles têm orgulho de ser galeses", completa.

*(*Up the Englishmen's arse!*, ou "p** no c* dos ingleses!", a frase em galês mais famosa no Reino Unido)*

A bandeira galesa com seu dragãozinho e a minúscula parte no território britânico

Thomas: bebum, lírico e influente

Dylan Thomas

"Acabo de tomar dezoito uísques. Um recorde, creio eu." Reza a lenda que essas foram as últimas palavras do poeta (1914-1953). A bravata engraçada, típica de alcoólatra, era o reverso aparente de versos tristes, como os do clássico poema *Do Not Go Gentle Into That Good Night* ("Não entres nessa noite acolhedora com doçura"..."pois a velhice deveria arder e delirar ao fim do dia/ Odeia odeia a luz cujo esplendor já não fulgura"—tradução de Ivan Junqueira, José Olympio Editora, 1991), uma referência para todo galês que se preze.

Tom Jones

O cantor foi homenageado recentemente numa colaboração da cantora do Catatonia, Cerys Matthews, com o Space, grupo de Liverpool. "The Ballad Of Tom Jones". O dueto retrata um casal em crise que só para de se agredir quando ele liga o rádio e pinta uma música do grande *crooner* (de Gales, claro) conhecido pelas gerações mais novas de brasileiros por ser a voz da versão de "Kiss" de Prince, feita pelo Art Of Noise no fim dos anos 80). A balada começa com a mulher dizendo que seu parceiro é pior que Hannibal Lecter, Charles Manson, Freddie Krueger e Satanás juntos. Ele confessa que quer envenenar a pizza dela. Até que chega o momento redentor e a dupla agradece a Tom Jones: "Você evitou que matássemos um ao outro/ Você nunca saberá, mas salvou nossas vidas".

Hopkins é Hannibal, o canibal

Em tempo: Anthony Hopkins, que viveu o tal Hannibal Lecter (ou Hannibal, o canibal) em *O Silêncio dos Inocentes*, também é galês, e muito orgulhoso disso ▶

Tom Jones: o amado baladeiro

Os Preachers, ainda nos tempos de quarteto, com o guitarrista Richey James (na frente, à esq.)

Manic Street Preachers

A maior banda galesa de todos os tempos. Ponto. Com cinco álbuns lançados e uma legião de fãs que os acompanha desde o início da década, os rapazes sucanistas da pequena cidade de Blackwood nunca estiveram tão estabelecidos quanto hoje. Frases como "Nós somos a escória jovem, linda e p*** com o mundo" e "Para nós, vida ainda é repetição, humilhação, tédio" foram algumas das pérolas que a banda soltou nos jornais britânicos, na época do lançamento do primeiro álbum *Generation Terrorists* de 1992. "It's So Easy", do Guns N'Roses, era cover recorrente nos shows dos Manics, que causavam estranhamento por ser a única banda de hard rock numa cena que era dominada pelas bandas *shoegazers* (literalmente "olhadores de pés", de tímida presença de palco) como o Ride. O guitarrista (que entrou na banda sem saber tocar seu instrumento) e compositor Richey James Edwards alcançou o auge no disco *Holy Bible*, de 1994, com ácidas letras políticas. Pouco depois do lançamento do álbum, o carro do anoréxico Richey foi encontrado próximo à Severn Bridge, ponte procurada por um grande número de suicidas britânicos. O corpo do rapaz nunca foi encontrado, e volta e meia surgem boatos do tipo "Richey não morreu". O MSP seguiu como um trio e nunca mais foi o mesmo, embora tenha atingido níveis inéditos de sucesso. O vocalista e guitarrista James Dean Bradfield e o baterista Sean Moore continuaram fazendo as músicas e o baixista Nicky Wire assumiu o posto de letrista. Soltaram o maravilhoso *Everything Must Go* em 1996, apostando menos no peso e lamentando o sumiço do "falso" guitarrista. *This Is My Truth Tell Me Yours*, quanto rebento, chegou às lojas no final do ano passado e levou uma enxurrada de prêmios na Europa. Belo e depressivo, o disco foi lançado no Brasil.

Língua de doido

Catatonia

A vocalista Cerys Matthews é o centro das atenções no Catatonia. Seu sucesso atesta que uma garota comum pode se tornar símbolo sexual se for simpática, tiver atitude e, principalmente, se for boa de voz e de banda. Cerys cantava nas ruas de Cardiff quando conheceu os quatro rapazes da banda, em 1993. Desde então, todo e qualquer compacto ou EP que o Catatonia lançou teve boa repercussão na mídia. 1996 foi o ano em que o quinteto deu a luz o primeiro álbum, *Way Beyond Blue*. Musicais poderosas como "Bleed" ressaltavam o estridente canto da moça e apontavam que a consagração se aproximava. *International Velvet*, lançado dois anos depois, confirmaria a previsão. A primeira faixa a estourar foi "Mulder And Scully", que relatava um relacionamento que só poderia ser entendido pelos agentes da série *Arquivo X*. Com "I Am The Mob", "Road Rage", "Strange Glue" e "Game On" também sendo maciçamente executadas nas rádios britânicas, o pop rock do Catatonia virara febre e os pores de Cerys ficaram mais conhecidos. Este ano saiu *Equally Cursed And Blessed*. Mais pop, o álbum reforça a origem galesa do grupo em músicas como "Storm The Palace" (contra o turismo indevido em Gales) e "London" ("Londres nunca dorme / é apenas uma m***").

Cerys Matthews, que adora uma birita, é a responsável pelos vocais maravilhosos do Catatonia

Stereophonics: clipe gravado no Vietnã

Stereophonics

Com apenas dois discos lançados, *Word Gets Around* e *Performance And Cocktails* (este saiu por aqui no mês passado), eles são o fenômeno adolescente da moderna Grã-Bretanha. Nada mal para três garotos saídos de uma minúscula vila do norte do País de Gales chamada Cwmaman. O líder Kelly Jones é uma das figuras mais assediadas na Europa e o rock'n'roll feroz do grupo é herança dos discos de Led Zeppelin e Creedence Clearwater Revival que eles pegavam emprestados com os irmãos mais velhos. São tratados com o maior carinho pela imprensa e pela gravadora, a V2, que bancou até a filmagem do videoclipe de "Bartender And The Thief" no Vietnã.

Gorky's Zygotic Mynci

Optando pelo galês na maioria das composições, a banda nasceu na costa oeste do país, região em que o número de falantes do idioma celta é maior. Começaram a tocar quando tinham apenas 13 anos, em 1990, com um repertório baseado em letras que retratavam seu cotidiano escolar. O som, repleto de mudanças de tempo, remete a alguns trabalhos de Frank Zappa. A coletânea *Introducing...*, de 95, cobre a primeira fase do grupo, presente nos álbuns *Patio*, *Tatay* e *Bwyd Time*. Analisando a arte das capinhas e dos encartes dos seus discos que o GZM já lançou, dá pra dizer que o cogumelo é bastante apreciado pelos garotinhos. Foram dispensados pela Mercury junto com mais um monte de bandas, mas já estão de gravadora nova, a Beggars Banquet, prometendo o disco novo para o segundo semestre.

Gorky's: fazendo rock desde os 13 anos

Um segundo momento de invasão made in Wales.

Lisérgicos até a medula, os Super Furry Animals estão prontos para guerrilhar

Super Furry Animals

O Ffa Coffi Pawb (F***-se Todo Mundo) encerrou atividades em 1993 e de suas cinzas surgiu o Super Furry Animals. Dois anos mais tarde, o quinteto de Cardiff lançaria *Fuzzy Logic*, cujos maiores méritos são a baladinha "Something 4 The Weekend" e o proto-hit "Bad Behavior". No afã de definir a maçaroca pop-rock-eletrônica cheia de referências organizada pelo SFA, a imprensa tentou de tudo: mistura de Blur com Pulp, Blur com LSD, Bowie com Syd Barrett, e por aí afora. O brilhante *Radiator* deu continuidade ao trabalho dos galeses, parindo singles incessantemente "Demons", "She's Got Spies", "Hermann Loves Pauline" (que cita Che Guevara), "The International Language Of Screaming" e "Chupacabras" viraram hinos entre a juventude *indie* da ilha. Na mistura lisérgica, sobra até para a América Latina. Letra e clipe de "Chupacabras" foram concebidos na Colômbia e o novo disco, *Guerilla*, será lançado no Brasil pela Sony.

A promessa de Axl

Fontes garantem que disco do Guns N' Roses sai até o final do ano

Bernardo Araujo e Izabel Oliveira

O último álbum do Guns N' Roses foi *The Spaghetti Incident* do final de 1993, um CD de covers de bandas amadas por Axl Rose e seus então amigos como os Misfits U.K. Subs e Fear – i aquele disco que bandas costumam ançar ao final de uma grande turnê (no so a *Use Your Illusion Tour*, que durou dois anos e meio e gerou muita confusão) ara empacotar a fúria dos fãs e dar a banda tempo de descansar e começar novamen o processo de um novo trabalho.

O problema é que o tal processo já dura tempo demais e até agora nada. Nesse tem o problemático cantor (e dono do nome Axl Rose já anunciou diversas vezes a formação da banda. Atualmente, lá estão o guitarrista Robin Finck, ex-Nine Inch Nails, o baixista Tommy Stinson, ex-Replacements, o baterista Josh Freese e o tecladista/percussionista Dizzy Reed, único remanescente do Guns que lançou os discos *Use Your Illusion I e II* em 1991. Depois do amigo de infância e guitarrista Izzy Stradlin, que se cansou da roda viva e abandonou o barco em 1991, aos poucos cada um dos músicos foi cuidar de outros projetos. Os últimos (e mais importantes) foram o guitarrista Slash e o baixista Duff McKagan (*veja* SHOWBIZZ 70, que trabalhou com Axl até 1997.

Nesse tempo todo, agora lançar uma versão de "Sympathy For The Devil", dos Rolling Stones, na trilha do filme *Entrevista com o Vampiro* e ser preso por desacato à autoridade em fevereiro do ano passado, Axl não mostrou a cara.

Aí começa a boataria, apurada junto à imprensa internacional e aos X-9 de plantão na Internet: ele já teria milhares de horas de música registradas em diversos estudios na área de Los Angeles e já teria nome para o disco, *2000 Intentions*, e para a primeira música de trabalho, "Prostitute". Jeff Boerio, responsável pelo site oficial da banda, visitou o estudio de gravação a convite de Axl e contou detalhes na telinha: Jeff disse que ouviu cerca de dez novas músicas e que o som seria semelhante ao estilo de *Appetite For Destruction (1987)*, mas com um invólucro mais "moderno". Isso por conta do fascínio e da amizade de Axl com Trent Reznor, o cérebro de Nine Inch Nails. "É o velho Guns, sem nada de techno, apenas alguns sons sampleados", disse Jeff, que obviamente babou com a música de seu ídolo. O disco deve ter doze faixas. É líquido e certo que Axl tornou-se nos últimos anos um grande admirador de bandas como os Nails, Front 242, KMFDM e Prodigy. Rádios americanas garantem que o CD estará nas prateleiras até setembro deste ano. Enquanto isso, a gravadora Geffen prepara o tão esperado disco ao vivo do Guns, que deve sair de um show da turnê *Use Your Illusion*.

A reclusão de Axl é tão completa que não se sabe se o cantor está usando o cabelo curto ou comprido

Bom, bruto e barato

Por Pedro Serra & Silvia D.

Acompanhado da banda The Catholics, Frank Black tenta esquecer os Pixies fazendo rock tosco

Ele tem 33 anos e dez discos. Nos cinco primeiros, desconstruiu rock, surf music, punk e new wave à frente dos legendários Pixies. Forjou um estilo de composição único ao misturar belas melodias com dinâmicas imprevisíveis. Depois, mastigou múltiplas variantes de pop, até restar só a essência: rock & roll.

À beira do século 21, o duende (em inglês, *pixie*) saca agora *Pistolero*, um matador disco de rock em estado bruto – ou elaborado, dependendo de como se escuta. Bruto pela urgência com que foi gravado, ao vivo no estúdio, em dois canais e em apenas dez dias, sem emendas. Elaborado pela qualidade cristalina do som e pelos arranjos aparentemente simples, mas que surpreendem e hipnotizam o ouvinte.

Frank sempre se incomodou com comparações entre sua produção solo e o ex-grupo, e foi justamente quando desencanou disso que conseguiu fazer seus melhores trabalhos. Junto aos Catholics (Scott Boutier, bateria, David McCaffrey, baixo e vocais; e Rich Gilbert, guitarra e vocais), Black alcançou uma integração quase telepática, já perceptível no disco anterior, *Frank Black & The Catholics* (lançado ano passado pela Natasha Records). O toque da banda é direto, preciso e coeso, e Frank vem cantando em tons mais baixos.

A opção por técnicas simples de gravação privilegia o que as canções têm de melhor – crueza, beleza, vitalidade e honestidade – e reafirma a força das guitarras. Frank, porém, não é nenhum tecnófobo. "Acho que a música feita em computadores representa um grande avanço que atrai mais pessoas para o mundo da música. Mas afirmar que o rock morreu não faz o menor sentido", disse ele, em papo telefônico com SHOWBIZZ, após voltar de uma turnê pela Europa.

SHOWBIZZ – Como foi a recepção do público europeu à turnê de *Pistolero* (29 shows em 37 dias)?

Frank Black: Em geral foi boa. Menos em Paris, onde a imprensa não é muito fã de gravações ao vivo em dois canais, como as de *Pistolero*. É pena, mas é o showbiz.

Ouviu novos artistas em sua viagem?

Durante a viagem, só ouvíamos umas fitas do Bob Dylan que estavam rolando na perua *(N. do R. Black e sua banda não têm agentes, roadies ou motoristas. Eles mesmos fazem reservas em hotéis, carregam equipamento e dirigem)*. É impossível ouvir bandas novas no rádio. Rádio na Europa é terrível; 24 horas de dance music... não que seja tão ruim, mas, você sabe, quando se está dirigindo há horas...

E o que tem ouvido em casa?

Em casa, tenho ouvido muito um disco de Neil Young chamado *Zuma*, de 1975. Também escuto muito Freddy Fender, conhecido como o rei da música tex-mex *(com hibridismos texano-mexicanos)*. Em geral, o que ouço é rock and roll.

Você vive na Costa Oeste dos EUA, e os Catholics, na Costa Leste. Onde e quando vocês se encontram?

Costumamos nos encontrar antes de excursionar e antes de gravar. As vezes eles vêm a Los Angeles *(Califórnia)*, outras eu vou a Providence ou Boston *(Massachusetts)*. Só nos encontramos quando há trabalho *(risos)*.

Quanto tempo vocês ensaiaram antes de gravar *Pistolero*?

Bem, algumas das músicas quase não foram ensaiadas. A gente chegava ao estúdio, tocava a mesma canção umas dez vezes e começava a gravar. Sabe, foi uma sessão deveras espontânea.

Qual a sua opinião sobre MP3 e o comércio de música na Internet?

Eu não tenho problema com isso; para alguém como eu, é só boa publicidade. Se a garotada está trocando uma de suas músicas em MP3, é um bom boca-a-boca. Não sei se isso vai prejudicar os artistas do primeiro time, que vendem muitos discos.

Como estão as vendas das suas músicas pela Internet (no site www.gooding.com)?

Acho que não está vendendo muito. O pessoal procura mais a amostra grátis, e quando gosta acaba comprando o CD. Não acredito muito na venda de faixas isoladas, mas acho que isso ajuda as gravadoras independentes.

Você já ouviu *Where Is My Mind*, o CD-tributo aos Pixies?

Não ouvi. Soube que chamaram Vaughan Oliver *(artista que fazia as capas dos discos dos Pixies)*, só que ele pediu 10 mil dólares. Saiu mais barato copiar o estilo dele.

O público ainda pede músicas dos Pixies em seus shows?

Ocasionalmente alguém grita o nome de uma música dos Pixies, mas a maior parte das pessoas vem ouvir Frank Black, especialmente os mais jovens. Mas isso não me incomoda. *(Nota do R. eventualmente. Frank Black inclui uma ou outra canção dos Pixies em seus shows.)*

Quando você ouve Nirvana, sente sua influência (assumida por Kurt Cobain)?

Sei que está lá, mas não a percebo muito. A minha perspectiva musical é muito particular, às vezes ela me cega, mesmo para o óbvio. Tenho dificuldade em sacar isso.

Você pretende vir ao Brasil?

Sim, um dia. Mas excursionar é muito caro e os produtores se oferecem para bancar tudo: cachê, hotéis, aviões etc. Mas você não quer se envolver numa situação em que o produtor acaba perdendo dinheiro por sua causa. Estar numa perua com 50 mil dólares em equipamento sem saber como as coisas funcionam num lugar é intimidante. Sei que os fãs ficam chateados, mas ainda não me apresentei na Austrália e no Japão pelos mesmos motivos.

Se você fosse um porco-espinho, em quem ou em que atacaria?

Provavelmente num porco selvagem, num javali. Eu o estriparia, faria uma grande fogueira, assaria o bicho e faria uma pequena festa... *(gargalhadas)*

(N. do R. eram nove e meia da manhã e o roliço Frank Black já estava pensando no almoço...)

Quais os seus planos para o futuro?

Continuar a turnê e gravar material novo em breve. Em dois canais, é claro...

Mande suas fitas-demos e CDs para:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Saravá, mano!

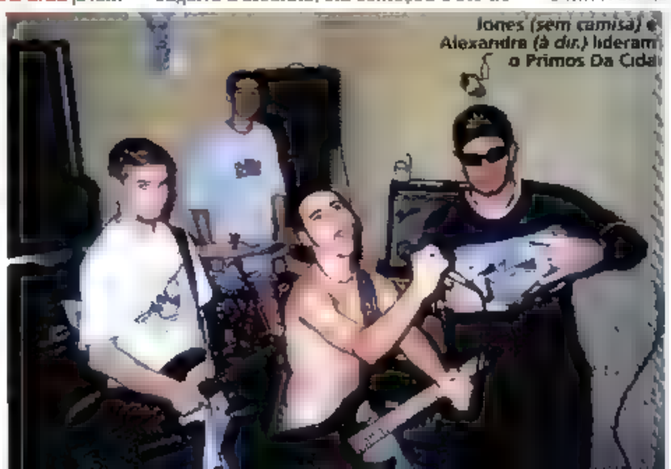
Hip-hop de terreiro ou rap de umbanda? Qualquer das definições cabe a **Sinhô Preto** [illegible]**nd**, novo nome do cenário rapper paulista que incorpora inusitados atabaques, agogôs e samples de pontos-de-macumba a suas rimas. Com essa proposta, em seu primeiro CD *(BackBone D'Quilombo*, via Maloca Records, o selo do grupo), o sexteto rompe as amarras do rap tradicional sem perder as raízes. "Public Enemy, Grandmaster Flash e James Brown são nossas influências, mas não descartamos também Jorge Ben(jor) e o samba-de-roda de Cartola e do grupo setentista Partido Em Cinco", explica o cantor/compositor Renato Dias, 27 anos. "Aliás, o nome homenageia Sinhô, sambista carioca da década de 30 que freqüentava umbanda e assumia isso em suas letras", explica. Todos no grupo freqüentam terreiros de candomblé desde criança. "Quando criamos o grupo, o emocional era forte e não levamos em conta se nossa proposta seria ou não anticomercial. De qualquer forma, já temos nosso selo", diz Renato, que vai mais longe: "Percebemos que a interpretação da única religião genuinamente brasileira tem conexão direta com vários aspectos da realidade do país, daí as letras exaltando os orixás, mas ao mesmo tempo de cunho social". O cardápio musical do grupo incorpora ainda o mangue pernambucano. "Macô", de Chico Science, é citada na faixa "Samba De Terreiro". "A música recente no Brasil se divide em AC-DC antes do Chico, depois do Chico", finaliza.

Sinhô Preto Velho: hip-hop para entidade ouvir

Contatos. (011) 6951-6735 e (011) 9175-6834.

Parentes do hardcore

Depois das apresentações vitoriosas de Superchunk e Man... Or Astro-Man? em Maringá e Londrina, o interior do Estado do Paraná se consolidou como um grande mercado consumidor de rock. Mas e a produção local? O **Primos Da Cida** já tem três anos e nasceu em churrasquinhos promovidos pela moçada de Londrina. Tocavam tantas covers de Raimundos, que chegaram a usar o nomo Severinos nos primeiros shows. O batismo definitivo aconteceu quando os rapazes resolveram levar a história a sério e o repertório próprio começou a surgir. "A gente perdia horas discutindo um nome. Num belo dia, meu pai chegou e falou 'Põe qualquer coisa, Primo da Zé, da Cida...' ", lembra o guitarrista Alexandre, que é sobrinho da repórter Renata Ceribelli. A Cida não existe, mas depois que o papai meteu o bedelho no ensaio e sugeriu a alcunha, ela começou a ser desenvolvida no imaginário dos integrantes. "É aquela prima gostosa, que todo mundo quer comer", conta Alê. Com uma fantasia na cabeça, o Primos entrou numa maratona de shows pelo Estado, que rendeu 3 mil reais de lucro.


Jones (sem camisa) e Alexandre (à dir.) lideram o Primos Da Cida

A grana foi vertida para a produção do primeiro CD, *Sobre O Que Não Tem Volta*, cuja prensagem inicial de 1 100 unidades se esgotou na muniturnê que o grupo realizou em maio. Cidades como Umuarama, Cianorte, Curitiba e Campo Grande já provaram do hardcore "light" dos rapazes. **Contatos: (043) 995-6496 e (011) 3021-0527; e-mail.primosdacida@base.com.br**

Gino, Maurício e Barral: de volta ao independente; abaixo, cena do clipe

Divulgação/Trama Virtual

Recomeçando com estilo

"Eu, eu, eu, Virna Lisi não morreu." Era esse o corinho que se ouvia na primeira aparição ao vivo do **Radar Tantã**, em Belo Horizonte. O vocalista César Maurício e o guitarrista Ronaldo Gino não passaram muito tempo inativos desde que o Virna fechou as portas. Pegaram violões e bateria eletrônica e começaram a compor baladas rock'n'roll. "Estamos começando do zero e vamos ficar no CD demo até surgir um contrato legal", confessa Gino. A falta de uma gravadora com um bom plano de marketing é apontada pelo moço como o maior motivo do fim da sua ex-banda. Foram oito anos de carreira e três discos lançados, dois num esquema "semi independente" e um por multinacional. O Radar Tantã não é tão pesado quanto o Virna Lisi [illegible] mais swingado e até batidas de dance music. Gino acha que algumas músicas lembram Legião Urbana. "Também ando ouvindo Cake e Cornershop", conta. Não dá pra negar o forte apelo pop do grupo, que se completa com o baixo de Gerson Barral e com um novo integrante, o baterista Flávio Garcia. "Quase Nada" é a melhor canção do CD demo que eles preparam para vender nos shows, mas "Todos Os Dias" foi a que ganhou videoclipe altamente inspirado em "Paranoid Android", do Radiohead, e que pode ser conferida na programação diária da MTV Brasil. **Contatos: (031) 212-6155; e-mail. radartan@horizontes.net**

Teimosia de raiz

João Teimoso é aquele boneco marrento que toma na cabeça, cai e levanta rapidinho. "Tem tudo a ver com o brasileiro", justifica a vocalista e compositora Juliana Impalêa. Ela e seus compadres Guilherme Miranda (flauta e violão), Leonardo Miranda (acordeom e teclado) e Cláudio Rabha (baixo) formam o João Teimoso com mais uma parede de quatro (!) percussionistas: Cristiana Brasil, João Gabriel, Cláudio Filé e André Schmidt. Com dois meses de ensaio, deram três shows como banda de abertura e fizeram bonito: primeiro lugar no FestValda carioca nas categorias vocalista e música inédita, com o baião "Perdidos No Ar". O som mistura rock e roots reggae com xote, maracatu, coco e samba, tudo seco e suingado. Dos oito, seis são atores: os shows crescem com figurinos e coreografias regionais e boa comunicação com a platéia. O João Teimoso prepara uma demo de estréia com "Perdidos No Ar" e mais algumas pauladas rítmicas como "Embala O Couro", colhendo elogios de gente como Toni Garrido, do Cidade Negra. **Contatos. (021) 826-1427.**

João Teimoso: rock, reggae, coco, xote e o que mais vier

Raio-D Um exame das demos mais interessantes do mês

Fotos: Divulgação

Monstro Lake

Som: Rock alternativo
Origem: Manaus, AM
Auto-retrato: "Queremos romper com os padrões da nossa cidade fazendo um rock'n'roll psicodélico, esporrante, visceral e pop. Não seguimos tendências, mas as incorporamos".
Resumo crítico: Força de vontade é o grande mérito do Monstro Lake, que encabeça uma pequena mas corajosa cena roqueira no Amazonas.
Produção: Regular
Contatos: tels. (092) 232-5087 e (092) 983-8251; e-mail: spirit@objetivonet.com.br

On Jack Tall Back

Som: Hard rock
Origem: São Paulo, SP
Auto-retrato: "Somos anos 70, influenciado por blues, baião e forró. As letras, em português, tratam de política, mulheres e problemas sociais"
Resumo crítico: Qualquer banda que se proponha a tocar hard rock precisa ter músicos acima da média. A gaita em "Bota Gigante" e o piano de "Blues De Ipiaú" provam que o On Jack Tall Back se garante nesse quesito.
Produção: Boa
Contatos: tels. (011) 572-7280 e 844-4738

Assassinato Em Veneza

Som: Pop-reggae
Origem: Itajubá, MG
Auto-retrato: "A proposta da banda é fazer um som dançante e moderno, que possa rolar tanto no rádio quanto na pista"
Resumo crítico: Quinteto com boa reputação no sul do Estado e que segue os passos de Skank e Jota Quest. "Tiros No Escuro", cantada por Edgard Picolli, VJ da MTV, é o destaque
Produção: Ótima
Contatos. tel. (035) 621-4676; site: http://projesom.com.br/assassinatoemveneza

...para você entender o TECNO

Entre num mundo digital onde as máquinas dominam a música e a voz humana foi deletada, mas a criatividade impera

É tecno para lá, é tecno para cá: nunca um rótulo musical foi tão (mal) utilizado. De subgênero da musica eletrônica, o tecno virou sinônimo para tudo que tenha um bate-estaca por trás – um saco de gatos que mistura desde Prodigy (big beat) até Cher (italo-house do mais rasteiro). Esclarecendo de vez: tecno é toda musica que tenha uma batida reta incessante, sem quebras, e nada ou quase de voz humana. Pianinhos baba, guitarras e divas chorosas estão de fora.

É bem verdade que o tecno de hoje é muito diferente de quando surgiu, no final da década de 80. Na época, um quarteto de DJs/produtores de Detroit, nos Estados Unidos – Derrick May, Juan Atkins, Carl Craig e Kevin Saunderson –, resolveu misturar o electro (criado por Afrika Bambaataa e sua turma ao ouvir muito Kraftwerk) ao lado mais pesado da house de Chicago num som diferente que começou a ser chamado de tecno. A musica refletia a Detroit da era Reagan: a cidade em crise, com sua juventude imersa num cenário urbano-industrial sombrio, acabou gerando um som alienante e hipnótico para quem queria esquecer da vida dançando noite (e, eventualmente, manhã) adentro.

Emoção! o Kraftwerk no Free Jazz do ano passado

Com o tempo, o tecno chegou ao cenário rave da Inglaterra e foi incorporado pelos súditos da rainha.

Tratado como underground e musica para moderninhos no Brasil, o tecno é tão banal na Europa como ver o Skank no *Domingão do Faustão*. DJs superstars como Carl Cox e Paul Okenfold são figurinhas fáceis em revistas e TV; rádios tocam tecno o dia inteiro e lojas de DJ vivem lotadas de moleques levando discos de vinil (isso mesmo!) para tocar em casa. Para penetrar nesse mundo e não sair mais confundindo arapucas como "Puro Êxtase" do Barão e "Firestarter" do Prodigy com tecno, preparamos uma seleção de dez discos essenciais. Depois é só se jogar na pista.

DERRICK MAY
***Innovator* (1997)**
Transmat

Coletânea dupla que reúne os momentos mais significativos do inovador Derrick May, o DJ de Detroit (cidade americana que foi berço da primeira geração do tecno. Fã de Kraftwerk e Yello, May ainda era estudante quando revolucionou o cenário dance lançando faixas como "The Dance", "It Is What It Is" e "Strings Of Life" (1989), sob os pseudônimos de Mayday ou Rhythm Is Rhythm. Nas 27 faixas – muitos remixes das antigas, por colegas como Juan Atkins – vê-se que o início do tecno devia muito ao requebrar chato de groove da house e do electro

KRAFTWERK
***The Mix* (1991)**
EMI

O Kraftwerk inspirou a geração de Detroit a criar o tecno com álbuns como *Autobahn* e *Trans-Europe Express*. Nada mais justo que o quarteto entrasse na onda e remixasse seus próprios clássicos – "The Robots", "Trans-Europe Express", "Computerlove", "Pocket Calculator", "Radioactivity" – inspirados pela música de seus seguidores. O resultado em si saiu tecnopop (para usar o termo do refrão de "Music Non Stop", também no álbum), mas serve para entender, de uma tacada só, como o Kraftwerk inspirou toda uma geração de DJs – e para vislumbrar a maior característica da música eletrônica: a autofagia. Ninguém é de ninguém no mundo do sampler

JOSH WINK
***Higher State Of Wink's Works Compiled* (1996)**
Manifesto

Justiça seja feita: o primeiro grande hit de tecno a tomar conta das boates caretas no Brasil foi "Higher State Of Consciousness", o cartão de visitas do gênero para muita gente em 1995. A música nasceu da cabeça do DJ Josh Wink, um americano da Filadélfia. Ele emplacou "Higher State..." usando e abusando da TB 303, a bateria da Rolland responsável pelos "trins" agudíssimos que viraram marca registrada de Wink e seus copiadores. Nesta coletânea em CD de seus maiores sucessos, ainda vêm a rara "Tribal Confusion" de 1990, outro marco, e duas versões de "Higher State..."

MOBY
***Moby* (1991)**
Mute

O nova-iorquino Richard Melville – parente do autor de *Moby Dick*, Herman, daí o apelido – tornou-se o primeiro DJ superstar do tecno graças ao single "Go". Sampleando o tema de mistério do seriado *Twin Peaks*, Moby rompeu barreiras e colocou o tecno nas paradas de sucesso. Daí em diante, ele seria um dos poucos americanos num rol de estrelas européias, lançando o contundente álbum *Everything Is Wrong* de 1995. Entre 1991 e 95, Moby namorou o tecno, a house e o trance até romper com tudo e resolver virar roqueiro, remexendo seu passado punk

HARDFLOOR
***The Best Of Hardfloor* (1998)**
Studio K7

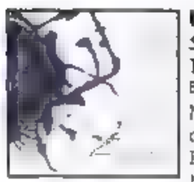
O duo alemão formado por Ramon Zenker e Oliver Bondzio faz um som essencial daqueles que desafiam os amantes de rótulos: para uns é acid house; para outros tecno paneleiro", por causa – de novo – dos timbres das baterias TB 303 e TB 909, as guitarras da musica eletrônica. É um batucum animado, que privilegia médios e agudos aos graves, como se vê neste CD duplo com o melhor da dupla. Aí estão o hit de 1992, "Acperience", "Circus Bells" e o inspiradíssimo remix de 95 para "Blue Monday", do New Order. O primeiro CD conta com versões originais; o segundo traz remixes de DJs como Dave Angel e Surgeon

DAVE ANGEL
***Classics* (1996)**
R&S

Dave Angel começou como DJ de funk, até que uma 303 passou pela sua frente. Tornou-se um dos maiores nomes do tecno e acid-house ingleses graças à audácia de fazer um remix não-autorizado para "Sweet Dreams", do Eurythmics – depois aprovado e lançado oficialmente. Sua obra é essencial para entender como a linha originalmente traçada pelo quarteto de Detroit – May, Atkins, Craig e Saunderson – evoluiu com o passar dos anos, uma vez que Angel é herdeiro direto do estilo da primeira geração do tecno de Detroit

LUKE SLATER
***Free Funk* (1997)**
Jelly Jam

O DJ inglês Luke Slater já lançou faixas sob vários pseudônimos como o famoso Planetary Assault Systems, quando seu som tinha mais a ver com o tecno de Detroit. No seguido *Free Funk*, ele atinge a maturidade sonora lançando um álbum "cabeça", com influências de electro, minimal, ambient e... jazz (!). Slater mostra versatilidade em dezesseis faixas marcantes, indo do balanço típico de um Joey Beltram ("Are You There?", "Filter 2") a um minimal espacial ("Origins") e batendo o bife em "Engine One". Deixando apenas o drum'n bass de lado, Slater passa por todos os estilos da musica eletrônica que mantêm um parentesco com o tecno.



UNDERWORLD
***Second Toughest In The Infants* (1997)**
BMG

No meio do pacote chamado "tecno" – Prodigy, Chemical Brothers e Underworld –, só o último, trio formado por Karl Hyde, Rick Smith e Darren Emerson, chega perto do gênero. O Underworld procura dar um tom pop às suas faixas quilométricas, e acabou acertando as paradas em cheio com "Born Slippy", uma das poucas musicas tecno a emplacar boates caretas. Virou hino da geração clubber-teen-pós-grunge. Na mesma linha, o álbum ainda traz "Pearls Girl" e faixas que namoram outros ritmos eletrônicos, como o ambient e o jungle.

JEFF MILLS
***Waveform Transmission Vol. 3* (1994)**

Se há deuses no panteão do tecno, Jeff Mills é o demo. Seu nome é sinônimo de som minimalista, sombrio, cruel. Suas músicas são neuróticas, desprovidas de sentimento e opressivas – vide "The Extremist" e "Workers", contidas neste álbum. Nascido em Detroit, ex-membro do Underground Resistance, Mills virou lenda ao tocar sem olhar para o público, sem rir ou se divertir – só desce a lenha. Faz-se de gostoso ao tocar isoladamente num clube enquanto outros grandes nomes do tecno tocam juntos em algum festival – e lota a casa mesmo assim.

André Gordirro

Caixas de um titã

O guitarrista paulistano divide com a mulher, no Rio, uma discoteca recheada de blues e rock, com uma séria inclinação para as compilações

"Metade dessa coleção é, originalmente, da Malu", revela Tony Bellotto, mostrando surpreendente desprendimento em relação a objetos normalmente defendidos com a própria vida por qualquer músico: os CDs. Tranquilo, Tony admite que boa parte da MPB (Chico Buarque, Caetano, Djavan) e da música pop dançante (Jamiroquai, Simply Red) presentes na estante da cobertura em que mora em Ipanema, no Rio, foi apresentada a ele pela mulher, a atriz Malu Mader. Como bom morador de duas cidades, ele tem a coleção dividida: metade dos discos está em São Paulo. E ainda vai mais longe na modéstia, narrando uma historinha que envolve um mito do cinema. "Uma vez o diretor americano Francis Ford Coppola *(da série* O Poderoso Chefão*)* jantou aqui em casa trazido pelo *(ator e produtor de cinema)* Guilherme Fontes, que é amigo nosso. Ele veio com uma amiga, e eu coloquei música brasileira no som o tempo todo, para eles conhecerem", lembra o músico. Pois a tal acompanhante de Coppola se apaixonou por Orlando Silva, o Cantor das Multidões. "Acabei dando a caixa para ela e nunca mais comprei...", conta, conformado com o bem feito à divulgação da música brasileira no mundo.

Como muitos jovens paulistanos que cresceram nos anos 70, Tony começou na música pelo rock. "Ainda jovem eu comecei a gostar de Rolling Stones, Led Zeppelin e Eric Clapton, e todos os guitarristas, como o Keith Richards e o Jimmy Page, eram influenciados pelo blues." Então veio a admiração por Robert Johnson, Muddy Waters e outras feras do gênero criado no Mississippi. Até hoje a música centrada em guitarras ou violões é a base da alimentação musical de Tony. "Gosto muito de compilações, como uma dedicada à guitarra slide, outras de surf music e as várias vertentes do blues, como o lado rural do estilo, bem do começo, tocado no violão. O João Gilberto é um cara que acho genial, muito pela maneira diferente como ele toca o instrumento", define o titã referindo-se à característica batida da bossa nova criada pelo cantor baiano e que acabou revolucionando a música brasileira e mundial.

As caixas de artistas diversos, como Elvis Presley, Nélson Gonçalves, Al Green e Muddy Waters, são a menina dos olhos da coleção da família Mader-Bellotto. "É legal ter essas coleções completas das gravações dos artistas, e eu ainda viajo na parte gráfica; os libretos com textos e fotos são cada vez mais caprichados." O pastor e fera da soul music Al Green é mais uma das descobertas de Tony via Malu. "Ela sempre ouviu, me apresentou e hoje sou fissurado", conta. Por outro lado, o rock dos anos 80 (de bandas como o Talking Heads e o Television) e mais alternativo (Pixies, PJ Harvey e as bandas de Seattle como Nirvana e Pearl Jam) foi um presente dele para a esposa. "É tem música que a gente descobre juntos, como o jazz de Nat King Cole e Chet Baker", diz.

Raridades nas lojas – como uma coletânea dos Titãs lançada exclusivamente na Argentina, casualmente enfiada entre cópias de *Domingo* e *Titanomaquia* – são igualmente difíceis de se encontrar na coleção de Tony. "Quando era mais novo tinha aquela compulsão de comprar, de descobrir. Hoje estou tranquilo, me dedico mais a aumentar a coleção quando viajo para o exterior." O amigo Charles Gavin, baterista dos Titãs, e a MTV são dois canais que Tony usa para ser apresentado a novidades do universo pop. "O Charles compra um monte de porcaria de vez em quando ouço umas coisas que ele me mostra e avalio se devo comprar ou não." A emissora tem boa rotação no lar carioca do titã, que inclui os filhos João e Antônio, dele e de Malu, e Nina, do primeiro casamento de Tony): foi em sua programação que ele descobriu, por exemplo, o guitarrista americano Ben Harper – especializado em slide, aquela ferramenta metálica que desliza sobre as cordas da guitarra e que que Tony toca, não por acaso, no sucesso "É Preciso Saber Viver".

Outro gênero favorito de Tony é o reggae, presente maciçamente na obra dos Titãs, em canções como "Marvin" e "Família". "Estou, aos poucos, comprando em CD tudo o que tinha em vinil. Tem essa coletânea de canções antigas do Bob Marley aqui cadê?... hmmm, deve estar com a Nina", constata, resignado. Ah, a família...

Bernardo Araujo

As estantes na cobertura de Tony têm lugar para rock, blues e MPB, sem radicalismo

Prateleira especial

ROBERT JOHNSON
The Complete Recordings
"Sempre adorei esse que é um dos primeiros compositores do blues, mas antes da era do CD era muito difícil conseguir alguma coisa. Esta caixinha com dois CDs tem todas as gravações que ele deixou, que foram apenas 27."

ROLLING STONES
Rock'n'Roll Circus
"Os Stones são uma das poucas bandas que a Malu e eu sempre tivemos em comum. Temos tudo, e este é uma grande celebração do rock deles. Absolutamente fundamental."

THE CLASH
Clash On Broadway
"Eles são a grande banda para mim. No começo dos Titãs, tudo o que eu queria era ser Mick Jones. O lado punk da gente veio muito daí, porque, ao contrário dos Sex Pistols – que são outra banda muito importante do movimento punk –, o Clash tinha uma riqueza musical muito grande, misturando ao rock elementos de reggae e funk."

RY COODER
Bop 'Till You Drop
"Acho ele um cara fora do comum, pena que é muito difícil achar seus discos por aqui. A maioria dos que tenho, como este, encontrei nas minhas viagens pelo exterior."

VÁRIOS
The Beat Generation
"Esta caixa nem é propriamente de música, são manifestações diversas do pessoal da geração beat (que precedeu o movimento hippie), como o Allen Ginsberg. Tem poesia, declamação e outras falações com ótima música no fundo, de gente como o Tom Waits e o Charlie Parker."

DICK DALE
Better Shred Than Dead – The Dick Dale Anthology
"É uma antologia do inventor da surf music. Tem umas músicas gerais dele bem novo, num estilo mais rythym and blues, enquanto ainda criava o estilo de guitarra que o consagrou."

NELSON GONÇALVES
O Mito
"Esta caixa é um belo documento sobre o Rei da Voz, com tudo o que ele gravou de importante e mais informações sobre a vida dele. Assim como o Orlando Silva, o Nelson teve uma vida muito rock'n'roll."

NUGGETS
Coletânea
"Adoro esta compilação de música psicodélica – com várias bandas de garagem dos anos 60 –, tem gente aqui que é muito difícil de achar em discos próprios *(Sonics, Standells, Gollywoogs – a primeira encarnação do Creedence Clearwater Revival...)*

O megafestival
Planeta Atlântida,
Kiss, Metallica,
Rammstein e
Sepultura.

Só mesmo com a Atlântida você vê esses grandes shows no sul do país.

A maior rede de rádio jovem do sul do país.

Porto Alegre: 051 218.5700 - rede@atlantida.com.br

Crítica

Inútil de primeira necessidade

Roger bota o Ultraje para invadir novamente a praia do rock brasileiro e fazer xixi no piquenique dos contentes

Notas de ⓪ a ⑩ dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

ULTRAJE A RIGOR
18 Anos Sem Tirar! ⑨
Deck Disc/Abril Music

Quando o repórter Danilo Monteiro, de SHOWBIZZ, chegou à casa de Roger Rocha Moreira, em janeiro, o homem Ultraje estava cabreiríssimo. "Entrevista, eu? Mas pra quê?" Tudo bem, havia uma certa desconfiança em relação à revista – que, por conta de práticas que felizmente fazem parte do passado, já foi odiada por 70 por cento dos artistas pop/rock brasileiros. Mas, putz, o Roger só faltou desaconselhar-nos a publicar a matéria, parecia descrente do próprio trabalho. Afinal, durante anos e anos, só era procurado por jornalista para dar opinião sobre o São Paulo FC ou dicas de videogame.

Mal sabíamos – ele e nós aqui na Redação – que uma simples menção na reportagem Os Incríveis Anos 80 (capa de SHOWBIZZ em dezembro de 1998) tinha sido vital na ressurreição do interesse da indústria fonográfica brasileira pelo Ultraje A Rigor. "Roger mantém a banda viva fazendo muitos shows e as gravadoras bobeiam ao não contratá-lo", palpitava a primeira das parcas três frases dedicadas ao grupo. O sagaz leitor Rafael Ramos (do Baba Cósmica e do *Quiz MTV*) cantou a bola para o selo Deck Disc e agora o CD está aí, com versões ao vivo avassaladoras e a platéia sendo impagavelmente regida. Trecho: "Inútil... com convicção, vamos ver!"

O rock brasileiro estava precisando da despretensão talentosa, do humor sacana com identificação popular imediata (até hoje a torcida do Fluminense canta uma paródia de "Eu Gosto De Mulher"), do tesão quatro-por-quatro do Ultraje.

A preguiça do Roger é uma senhora lenda ária e respeitável, rendeu até uma das quatro composições inéditas que ele demorou cinco anos para fazer e que engrossam o caldo deste CD. Pois bem, ela que nos desculpe, mas nós queremos que seu feliz proprietário trabalhe bastante e escreva um monte de outras músicas como essas da nova fornada.

"Nada A Declarar", a que está tocando no rádio, enfia – com jeitinho e muita propriedade – um palavrão curto em um tema que sempre deu rock: a bundice, o vazio na cabeça da molecada ("Smells Like Teenage Spirit", do Nirvana, era sobre isso também). "O Monstro De Duas Cabeças" e "Giselda" são porradas que celebram a masculinidade, essa coisa tão reprimida hoje, sem medo de cair na (boa) baixaria. E a prova de que Roger continua genial só podia ser mesmo "Preguiça", um ska autobiográfico com pérolas da antropologia de boteco ("eu tenho uma preguiça gigantesca/ gigante pela própria natureza/ mas se for pra jogar bola/ me chama que eu vou").

Bem-vinda seja essa nova invasão à praia do rock brazuca. A faixa de areia diminuiu, mas sempre vai haver espaço para alguém que chegue e esculhambe.
Pedro Só

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista

A nova loucura de Mike Patton

FANTÔMAS
Amenaza Al Mundo (7)
Ipecac Recordings - IMPORTADO

Depois de ter levado estranheza para o Faith No More, Mike Patton popularizou seu surpreendente Mr. Bungle (banda da qual ainda faz parte e que existe desde antes de sua entrada no FNM), lançou discos solos temáticos – *Adult Themes For Voice*, cujo único instrumento utilizado na gravação foi um microfone, e *Pranzo Oltranzista*, um "banquete sci-fi" com participação de John Zorn no saxofone e Marc Ribot na guitarra – e concebeu o sofisticado projeto Weird Little Boy, ao lado de Ikue Mori e outros bacanas novaiorquinos. Conseguiu meter seu nome na vanguarda experimentalista americana, apesar de ter se casado com uma italiana e estar morando na terra da amada.

Patton desistiu de criar canções com estrofes e refrãos. O próprio Fantômas, com Dave Lombardo (ex-batenista do Slayer), Buzz Osborne (guitarrista do Melvins) e Trevor Dunn (baixista do Mr. Bungle), não passa de um gibi imaginário, em que músicas são páginas. A faixa 1 chama-se "Page 1", a faixa 2, "Page 2", seguindo assim até a trigésima e última faixa, a "Page 30". Nos créditos existe a indicação do número de cenas que devem ser imaginadas por página/música. Ah, bom!

Esse misto de história em quadrinhos com CD foi totalmente idealizado pelo ex-vocalista do FNM, que gravou todos os instrumentos em fitas e pediu para que seus músicos prediletos refizessem o trabalho.

O álbum é uma paulada. Repleto de efeitos especiais (tente descobrir como Patton realizou cada barulhinho) e intervenções esquizofrênicas, a obra deve agradar perturbados e dementes em geral. Melhores "páginas": 4, 7, 11 e 25. Ah, o encarte é lindo! E vem aí disco novo do Mr. Bungle!

José Flávio Junior

Maluco, mas feliz

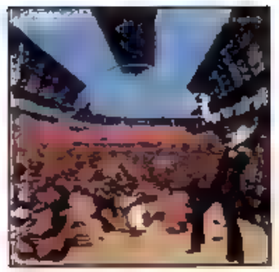
Por que lançar um disco tão cheio de loucuras?
Mike Patton: Não o vejo como um disco louco – é normal para mim *(risos)*. É meu estilo favorito de música pesada. Quando vou a uma loja de CDs, procuro coisas de metal e hardcore que sejam mais ou menos como o que fizemos no Fantômas.

Foi difícil compor músicas tão complexas?
Duro foi ensiná-las aos músicos. Gravei as demos e os caras aprenderam com as fitas.

Você abandonou seus vocais melódicos...
É uma situação diferente. Não há espaço para melodia no Fantômas. O disco traz um metal completamente brutal, nojento e barulhento.

Por que você fundou uma gravadora para lançá-lo?
Não tive outra opção. As gravadoras esperavam uma mistura de Slayer, Faith No More e Melvins, mas saíram correndo quando viram nosso show. Nem Deus conseguiria vender o Fantômas para fãs de No Doubt!

Qual é sua versão sobre o fim do Faith No More?
Eu não estava mais feliz com a música do grupo. Com o passar do tempo, nos interessamos por coisas diferentes.



CHEMICAL BROTHERS
Surrender (10)
Virgin

Dupla eletrônica arrasa nas colagens sonoras

Se em *Exit Planet Dust* seu trabalho de estréia, os Chemical Brothers começaram a exibir todo o seu talento e em *Dig Down Your Hole* se transformaram no maior sucesso da música eletrônica, com *Surrender* eles atingem o auge criativo. O terceiro disco da dupla Ed & Tom é recheado de efeitos samplers esquisitos, barulhos irritantes e vozes distorcidas num verdadeiro caldeirão de sons em cada música. Com participações de Bernard Sumner (New Order e Electronic) e Bobby Gillespie (Primal Scream), em "Out Of Control" Jonathan Donahue (Mercury Rev) na viajante "Dream On" nada a ver com Aerosmith Hope Sandoval (Mazzy Star) na bonitinha "Asleep from Day" e Noel Gallagher (Oasis) na [illegible]emaniacal "Let Forever Be", *Surrender* é um daqueles discos para curtir no fone de ouvido, apreciando todos os pedacinhos de cada faixa, numa colagem sonora surpreendente mesmo para os Brothers.

Luciano Vianna

BEN FOLDS FIVE
The Unauthorized Biography Of Reinhold Messner (9)
550 Music/Sony – IMPORTADO

Experimentos musicais que encantam os ouvidos

O Ben Folds Five, trio da Carolina do Norte, pela primeira vez na carreira entrou em estúdio para compor e gastar dinheiro. Sem correria, concebeu um álbum audacioso e brilhante, em que metais (cortesia dos conterrâneos do Squirrel Nut Zippers) e violinos são introduzidos no pop-jazz-rock sem guitarras. Mas o casamento de bateria, baixo distorcido e piano continuam sendo a marca registrada de Ben Folds e seus pupilos.

A épica "Narcolepsy" abre o disco tirando o fôlego do ouvinte. Burt Bacharach é citado na faixa seguinte, "Don't Change Your Plans" (eles já haviam gravado "Raindrops Keep Fallin' On My Head" num CD-tributo ao maestro). "Magic", frágil e apaixonada se desmancha "Você é o encanto que sustenta o céu/ É o sopro que movimenta esses ventos frios". Em "Army", "Regrets" e "Your Redneck Past", a faceta alegre dos americanos aparece. Folds zomba da própria jequice, assumindo a juventude caipira e relembrando conversas com seu pai.

The Unauthorized não é fácil de ser digerido como *Whatever And Ever Amen*, álbum que os consagrou em 1997. Mas seu título esdrúxulo (explicado no encarte), suas experimentações musicais e letras esquizóides permitem afirmar é um dos discos mais empolgantes do ano até agora.

J. F. Jr.

SUPERTRAMP
It Was The Best Of Times (7)
EMI

Disco ao vivo mostra banda veterana em boa forma

O Supertramp original viveu o seu auge no finalzinho da década de 70, quando gravou hits da qualidade de "The Logical Song", "Take The Long Way Home", "Goodbye Stranger" e "Breakfast In America". Essa fase áurea teve como marco o disco ao vivo *Paris* (1980). Após a saída do cantor Roger Hodgson, em 1983 a banda seguiu aos trancos e barrancos, atingindo o fundo do poço com o indefensável *Live 88* (1988) – mesmo ano de uma desastrada vinda ao Brasil, no primeiro Hollywood Rock – um ao vivo de dueto. Após alguns anos de férias, o Supertramp retomou suas atividades em 1997 com *Some Things Never Change*, saiu para uma turnê que, registrada em um de seus últimos shows, gera o terceiro álbum ao vivo de Rick Davies e sua turma. O repertório do CD duplo se divide entre canções recentes, entre elas a excelente "You Win I Lose", e leituras bastante fiéis dos antigos clássicos. O resultado é bem interessante e o Supertramp mostra que continua em forma. Se não chega ao nível de perfeição de *Paris*, ao menos fica bons pontos acima do terrível *Live 88*.

Fabian Chacur

O canário do reino

TIM MAIA
Tim Maia (8)
RCA/BMG
Soul Tim (7)
Som Livre

reedição

Quando Tim Maia morreu, em março do ano passado, a soul music brazuca ficou sem seu principal referencial. Estes dois CDs traçam um perfil da fase final do cantor, cristalizada a partir dos anos 80, quando ele deixou a mistura soul/funk meio adormecida e se atirou às baladas, sendo por vezes rotulado injustamente de brega.

Tim Maia, álbum de 1985, foi um dos mais bem-sucedidos da trajetória do artista. Três canções chegaram às paradas de sucesso: "Bem-Vinda", "Pede A Ela" e "Leva". Não por acaso, três baladas. O disco trazia, ainda, a balançada "A Grande Família Da Comunicação (A Nossa Família)", em que Tim reverenciava comunicadores como Chacrinha e Flávio Cavalcanti e colegas de profissão, como Erasmo Carlos e Caetano Veloso.

O CD *Soul Tim* é uma curiosa coletânea. Traz catorze faixas gravadas por Tim em seu próprio selo – após a enésima briga com gravadoras –, o Vitória Régia, a partir de 1995. Apenas a voz do cantor foi mantida, com o instrumental sendo todo refeito, pois os originais eram muito ruins. O repertório tem grandes canções, como "Sozinho", de Peninha, estourada com Caetano Veloso e gravado originalmente por Sandra De Sá; "Só Você" (Vinícius Cantuária), sucesso também com Fábio Jr.; "Lindo Lago Do Amor" (Gonzaguinha); e releituras de "Primavera", "Me Dê Motivo", "Vale Tudo" e "Gostava Tanto de Você". Mesmo na descendente, Tim Maia ainda esbanjava competência.

Tonunho Spessoto

Revendo o rock de bombacha

GAROTOS DA RUA
Hot 20 ⑤
TNT
Hot 20 ⑥
REPLICANTES
Hot 20 ⑦
BMG

Com a coletânea Rock Grande do Sul, em 1986, surgia o selo Plug, criado pela BMG para explorar o então altamente rentável filão do rock nacional. A especialidade do selo acabou sendo revelar diveras bandas gaúchas, sendo que as mais bem-sucedidas comercialmente foram Engenheiros Do Hawaii e Nenhum De Nós. Animada pelo renovado interesse do publico pelo rock brazuca anos 80, a gravadora lança coletâneas com vinte faixas cada de três dessas bandas. Os Garotos Da Rua xerocavam na caradura os Rolling Stones, guardadas as devidas proporções, e vez por outra acertavam, como nas ótimas "Tô De Saco Cheio" e "Gunzada Medonha". Mas erravam a torto e a direito, graças ao vocal sem pique de Bebeco Garcia.

O quarteto TNT brilhou com seu primeiro disco, um primor de rockabilly agressivo e festeiro, e tentou depois um rock mais burilado, sem tanta felicidade. No final das contas, até que ficaram canções bacanas, como "Ana Banana", "Cachorro Louco" e "A Irmã Do Doctor Robert".

O divertido e tosco grupo punk Os Replicantes é o melhor do pacote, com seus rocks beirando a infâmia e pontuados pela voz "vomitada" de Wander Wildner. Clássicos como "Surfista Calhorda", "Nicotina" e "Festa Punk" estão aqui. E também "Porque Não", que manda Caetano Veloso para aquele lugar. Quem teria a manha de fazer isso hoje em dia?

Fabian Chacur

Os Replicantes na época em que comandavam a festa punk gaúcha

SCORPIONS
Eye To Eye ⑤
East West/Warner

Alemães atiram para todos os lados e se dão mal

Tudo bem que os Scorpions sempre tiveram um som diversificado. Eram hard rock nos anos 70 – quando contavam com o virtuoso guitarrista Michael Schenker, irmão de Rudolph, até hoje na banda – e 80, depois descobriram que baladinhas (como "Holiday", o sucesso nacional "Still Loving You" e a odiosa "Wind Of Change") davam mais grana passearam por momentos mais e menos pesados, trocaram de integrantes e agora são um trio (o cantor nanico Klaus Meine e os guitarristas Rudolph Schenker e Matthias Jabs) acompanhado pelo baixista Ralph Rieckerman e pelo baterista James Kottak. Até o clássico batedor de panelas Herman Harebell aparece no CD mandando um backing-vocal safado. O problema é que *Eye To Eye* está cheio de batidinhas eletrônicas rasteiras, do tipo que toca nas mais conservadoras pistas de dança. Aí não tem jeito que agrida. É verdade que a voz falha e o estilo de Klaus estão em forma e as guitarras eventualmente têm bons momentos (como em "Mind Like A Tree" e "Aleyah"), além dos tradicionais refrões contagiosos. O disco contém uma canção quase toda em alemão – Du Bist So Schmutzig", que não é boa, mas vale como souvenir – e as baladas até que não são de todo insuportáveis. De qualquer maneira, os Scorpions têm um nome a zelar, não são Roxette e deveriam se dar mais ao respeito.

Bernardo Araujo

CESARIA EVORA
Café Atlântico
Lusafrica/BMG ⑨

Rum cubano e caipirinha esquentam Cabo Verde

Depois de atingir a perfeição trabalhando dentro das tradições de seu musicalmente abençoado arquipélago, Cesaria Evora quer mais. Neste que é seu sétimo álbum de estúdio, ela cruza o oceano para abraçar os sons de Cuba e reencontrar o Brasil que tanto influenciou suas mornas. A concepção transatlântica do disco, porém, não joga a cantora num salseiro de misturebas.

Há um *són caliente*, "Beijo De Longe", e um inevitável bolerão, "Maria Elena", do jeito que a nossa Angela Maria "Idala" maior de Cesaria, gostava. Também há "É Doce Morrer No Mar", de Dorival Caymmi e Jorge Amado, em arrepiante dueto com Marisa Monte abrilhantado pelo bandolim de Armandinho.

Os hibridismos incluídos são sutis. Bom exemplo é "Carnaval De São Vicente", uma marcha feita em Cabo Verde quase do jeito como se compunha aqui há quatro décadas. O brasileiro Jaques Morelenbaum escreveu as cordas e os sopros dessa e de outras quatro faixas (gravadas por um timaço em Havana), mas os arranjos de base são todos de Bau, maestro e violonista da banda de Cesaria. Por mais que sejam de bom gosto as experiências, nada supera a espontaneidade das coladeiras. Vaquinha Mansa", obra-prima brejeira de Gregorio Gonçalves, e "Terezinha" de B Leza. Ouça e fique feliz por existirem tantos músicos bons neste (Torcei rol) mundo.

Pedro So

VÁRIOS
Austin Powers: The Spy Who Shagged Me ⑧
Maverick/WEA

Inédita de Madonna e rocks em trilha bem sacada

Um dos pontos altos do filme *Austin Powers – International Man Of Mistery* – uma pérola que não chegou aos nossos cinemas, no ano passado – era sua trilha sonora, com pop de qualidade em abordagens de artistas veteranos e grupos emergentes. A continuação das aventuras do aloprado agente secreto inglês (que tirou *Star Wars* do topo do ranking das bilheterias americanas) segue a receita adicionando um petisco especial, a inédita "Beautiful Stranger" com sabor sessentista, seguramente uma das melhores coisas que Madonna gravou na atual década.

Outras atrações são Burt Bacharach e Elvis Costello recriando de forma simpática "I'll Never Fall In Love Again" e o astro do filme, Mike Myers, alacando o binário hip-hop "Just The Two Of Us". E tem ainda The Who, Lenny Kravitz e uma bela seleção de bandas contemporâneas, como R.E.M., Flaming Lips e Green Day.

Toninho Spessoto

Os Flaming Lips levam você a um louco mundo todo particular

Laboratório melódico

FLAMING LIPS
The Soft Bulletin ⑨
Warner – IMPORTADO

Depois de lançar o álbum quádruplo *Zaireeka*, tão experimental que os CDs só têm sentido se tocados simultaneamente, a banda americana Flaming Lips chega ao decimo trabalho disposta a conquistar o mundo. *The Soft Bulletin* foi produzido pela própria banda e por Dave Fridmann, que preencheu o som do Flaming Lips misturando na medida certa lindas melodias com as habituais colagens sonoras que são marca registrada do grupo. O letrista e vocalista Wayne Coyne nos transporta para um mundo todo particular em temas que vão da angustia à esperança, como "Race For The Prize", "Waitin' For A Superman" e "Suddenly Everything Has Changed", pontuadas por um instrumental caprichado, fornecido pelo baterista, tecladista e guitarrista Steven Drodz e pelo baixista e guitarrista Michael Ivins.

Discos como este ajudam a mostrar que, se as novas bandas americanas estão perdidas num meio caminho entre o heavy metal moderninho e o funk-hip-hop-rap-rock, os veteranos vão muito bem, obrigado.

Luciano Vianna e Valéria Rossi

Criando e ousando

***The Soft Bulletin*, em comparação com o anterior *Zaireeka*, é muito mais acessível. É dificílimo conseguir tocar aqueles quatro CDs ao mesmo tempo...**

Wayne Coyne: O objetivo de *Zaireeka* era fazer com que o ouvinte encarasse a audição do trabalho como uma experiência. Nesse sentido, *The Soft Bulletin* é bem mais acessível mesmo.

O Flaming Lips começou na mesma época do Mercury Rev e do Sebadoth, que hoje desfrutam bastante sucesso. Você se ressente do fato de ainda não ter estourado como elas?

De forma alguma. Já ganhamos dinheiro suficiente e tem muita gente que gosta da nossa música. Por outro lado, sempre que tivemos mais sucesso foi muito difícil lidar com ele (risos).

A banda sempre usou muita tecnologia e efeitos. O som de vocês seria diferente sem toda essa parafernália?

A tecnologia sempre esteve ligada à música. Não sou purista; acho que temos que tirar proveito de tudo o que está disponível para melhorar nosso som.

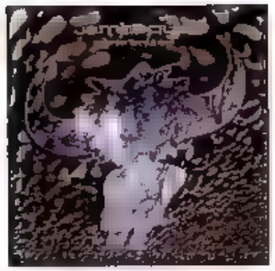
THE CHIEFTAINS
Tears Of Stone (8)
RCA/BMG

A alma da canção irlandesa em olhares femininos

Após três anos sem gravar, o veterano grupo irlandês The Chieftains retorna às prateleiras com um disco pautado em vozes e instrumentistas femininas. Esquema semelhante de colaborações, com um convidado diferente a cada faixa, já tinha sido usado por eles no álbum *The Long Black Veil* (1995), com a presença de Rolling Stones, Van Morrison, Ry Cooder, Sting e Sinéad O'Connor entre outros nomes. Neste *Tears Of Stone*, porém, é a delicadeza feminina que dá a tônica do trabalho, repleto de temas etéreos (tipicamente irlandeses) e climas suis. Essa intenção vem desde a abertura, com um poema de William Butler Yeats (1865-1839, o poeta irlandês por excelência), "Never Give All The Heart", musicado por Paddy Moloney, líder dos Chieftains, e interpretado pela atriz Brenda Fricker e pelo coral irlandês Anúna.

A viagem musical do grupo prossegue pelos vocais e a *slide guitar* lamentosos da americana Bonnie Raitt ("A Stór Mo Chroí") e pelo timbre singelo da ex 10 000 Maniacs Natalie Merchant ("The Lowlands Of Holland"). Mas a pérola maior do disco está em "The Magdalene Laundries", melodia de estrutura sofisticada, composta e interpretada de forma tocante pela canadense Joni Mitchell. Para quem travou contato com a música tradicional irlandesa a partir da trilha de *Titanic*, é uma boa chance de ir mais fundo na emoção.

Celso Pucci

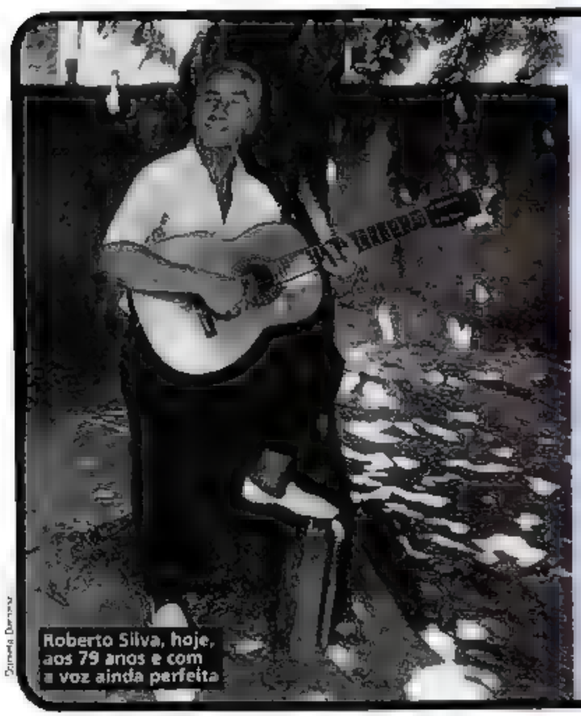


JAMIROQUAI
Synkronized (4)
(Epic/Sony Music)

Balanço plastificado à inglesa e tecontrambiques

Jason Kay e os colegas que carrega na aba de seu chapéu nunca mudam muito o disco. Este quarto CD de suas carreiras pouco difere dos anteriores, a não ser pelo design diferente do bonequinho do patrão na capa. De resto, é pop/soul plastificado, para sacudir gelo no uísque em festa da Gap ou da Ford Models. Arranjos convencionais e pasadões, ritmo embaçado, batida monótona, Jason Kay monocórdico... Uaaahhhh.... Certo, eles até tentam pôr um pouco mais de pimenta no coquetel. Com riff de guitarra boogie-woogie e metais pontuando o refrão, "Black Capricorn Day" é saudavelmente mais crua que balancetes à moda da casa, como "Canned Heat", faixa de trabalho do álbum. O baixo distorcido e a batida techno-trambiqueira (com pendores de batucada) de "Supersonic" espantam um pouco o tédio. Não creditada na contracapa, "Deeper Underground", gravada originalmente para a trilha sonora de *Godzilla*, também passa. E é isso: três faixas simpáticas entre onze, num saldo que deixa o ouvinte mais exigente no prejuízo. No restante do CD, a festinha de chiques e famosos continua, com guitarras funk se perdendo entre intervenções de cordas, bases modernosas de sintetizador e eventuais trechos instrumentais "densos", que só tornam o clima mais glacial. E pensar que, lá pelos idos de 1992, muita gente chegou a apostar nesses caras como revelação ou engano que o valha.

Jaime Biaggio



Um desacato

ROBERTO SILVA
Descendo O Morro/Descendo O Morro Vol. 2 (10)
Copacabana/EMI Brasil

Compre correndo. Nem que seja daqui a vinte anos, um dia você, fã de Prodigy, vai aprender a se deliciar com Roberto Silva, o maior cantor brasileiro vivo, e estes seus dois LPs históricos (os primeiros de uma série de quatro) agora reunidos em um CD. Admirado por João Gilberto, Paulinho Da Viola e Caetano Veloso, Roberto é o melhor discípulo de Orlando Silva (o maior cantor brasileiro de todos os tempos) e também um bamba nas síncopes dos sambas geniais de Geraldo Pereira e Wilson Batista. Quando saíram, no final da década de 50, estes LPs já eram nostalgia – mas o nível técnico de suas gravações não tem rival entre os registros "autênticos" dos anos 40. Os arranjos são um desacato: Altamiro Carrilho na flauta, Raul De Barros no trombone, Canhoto no cavaquinho, Dino no violão de sete cordas e Meira no de seis. O repertório tem Zé Keti, Nelson Cavaquinho (na época, um quase anônimo Nelson Silva), Bide, Marçal, Ataulfo Alves e feras esquecidas, como Raul Marques. Ainda está sendo? Vai comprar, rapaz!

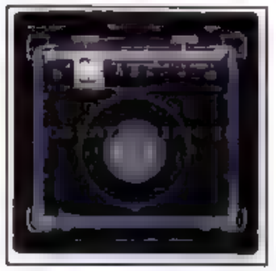
Pedro Só

SIX BY SEVEN
The Things We Make (6)
Mantra/Roadrunner

Rock pseudoprogressivo sem sustentação

Muita expectativa existe em torno desta banda inglesa. Seria ela uma atualização do Pink Floyd? O renascimento do gênero popularizado por Yes e Jethro Tull? Provavelmente nada disso. O quinteto de Nottingham tem boas idéias, mas nem sempre o resultado é convincente. Em "European Me", o guitarrista Sam Hempton dispensa a palheta e raspa uma baqueta contra as cordas de seu instrumento. A faixa, porém, dura longos sete minutos, tamanho médio de metade das músicas deste CD de estréia. Quando opta por caminhos curtos, "homenageando" Stone Roses, em "Candlelight", ou fazendo romance, na singela baladinha "For You", o Six By Seven se sai bem melhor.

José Flávio Junior



DOG EAT DOG
Amped (5)
Roadrunner

Rock, hip-hop, funk e outras levadas

Tem guitarra distorcida? Tem. Tem batida funkeada? Tem. E vocais rap? Também. Boas melodias? Perfeitamente. E pretas? Surpreendentemente, sim. Em seu terceiro disco, o Dog Eat Dog – que agora não conta mais com duas guitarras nem tem um saxofonista fixo – leva a extremos tudo o que já havia mostrado antes. Trata-se de uma banda de rock sem o menor medo de flertar com o rap e o funk. O baixo de Dave Neabore e a bateria de Brandon Finley são a base para o som dos rapazes, que se definem, astutamente, como uma banda festeira. As guitarras (do Sean Kilkenny com uma ajuda eventual do wah wah de um amigo não creditado) e a voz de John Connor deitam e rolam sobre a sólida base, em boas canções como "Gangbusters", "Modern Day Devils" e o rap'n'roll "Get Up". A banda pode até não atingir um grande nível de sucesso, mas esse preço que se paga por fazer o que se quer.

Bernardo Araujo

A77AQUE
Otras canciones... (7)
BMG Ariola

Erasure, Roberto Carlos e Abba em versões punk

Esta bela banda argentina existe desde 1987 e se chamava Attaque 77 (sem esses algarismos no meio do nome que parecem coisa de numerologia). De lá para cá, vem mantendo a pegada hormonal em poucos e bons acordes. Neste divertido álbum de covers, eles transformam um rolo compressor jurássico até "Amigo", do Rei Roberto Carlos, "A Little Respect", do Erasure, "Soy Rebelde" (aquela do "porque o mundo quis assim") e "Gimme Gimme Gimme" do Abba. Menos surpreendente, mas igualmente boa é a versão de "Perfeição" da Legião Urbana.

P.S.

Esbanjando melodia

CATATONIA
Equally Cursed And Blessed (8)
Blanco Y Negro/Warner - IMPORTADO

Falta rock. Dá pra dizer isso do terceiro disco do quinteto galês Catatonia. Ou dá pra dizer que sobram melodias pop perfeitas, refrãos assobiáveis e "sha-lá-lás" grudentos. *"We stole the songs from birds in trees"* (Nós roubamos as canções dos pássaros nas árvores), canta a vocalista Cerys Matthews, em "Dead From The Waist Down", primeiro single e música que abre o álbum. É bem por aí.

"Música para donas de casa ouvirem enquanto aspiram o pó da casa na manhã de sábado", "música para tocar em rádio de *easy listening*": de acordo com as entrevistas que a banda cedeu durante a gravação de *Equally Cursed And Blessed*, o trabalho saiu mesmo como o previsto.

Mas o novo Catatonia ainda tem muito de *International Velvet*, álbum do ano passado que consagrou os galeses. Tanto "Londinium" quanto "She's A Millionaire" lembram "Road Rage", melhor música de 1998 na opinião de metade dos críticos europeus.

Equally Cursed And Blessed ainda presenteia os apreciadores do bom pop com a divertida "Karaoke Queen", a balada "Bulimic Beats" (que deve agradar a fãs de Björk pela semelhança vocal) e "Dazed, Beautiful And Bruised", em que a garganta de Cerys (eleita a pessoa mais bacana no meio musical pelos leitores do semanário britânico *Melody Maker*) ameaça explodir nos instantes finais. Uma peça que as cordas vocais da voz do Catatonia adora pregar.

J.F.Jr.

ACÚSTICOS & VALVULADOS

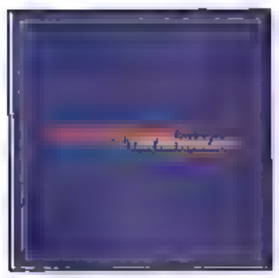
Acústicos & Valvulados (7)

Antidoto/Acit

Rock brasileiro sem modismos

O quarteto gaúcho Acústicos & Valvulados já foi devidamente abençoado pela MTV, o que lhe garantiu projeção nacional com o disco de estréia, lançado há três anos. A banda volta com novo trabalho, mesclando criativamente o elétrico e o acústico, o que resulta num rock bem agradável, com fortes influências de folk, blues e country. O repertório tem boas músicas com refrões ganchudos, casos de "Feche Os Olhos", "O Dia É Hoje" e a romântica "Noutro Lugar", digna de entrar na programação de qualquer rádio pop. Simples e honesto.

Toninho Spessoto



DAVE MATTHEWS & TIM REYNOLDS

Live At Luther College (7)

BMG

Música para acampamentos com violões e falsetes

Este não é um novo disco da Dave Matthews Band. Trata-se de uma apresentação do cantor, violonista e letrista de três anos atrás – quando a banda ainda caminhava para o atual estrelato nos EUA –, em uma universidade no Estado americano do Iowa ao lado de outro violonista, Tim Reynolds. Sem a massa sonora do grupo pode-se ouvir bem o acento folk da voz de Dave e sua mania de falsetes que tem falhas, mas, em geral, funciona. Canções da DMB como "Tripping Billies" e "Ants Marching" ganham versões interessantes no formato acústico (com destaque para a competência dos músicos), além de não ocupar os oito ou nove minutos que levam nas apresentações da banda. Mas o CD não precisava ser duplo nem conter o interminável solo de Reynolds

Bernardo Araujo

GUINGA

Suíte Leopoldina (10)

Velas

Cruzando a ponte entre o erudito e o popular

Diz a lenda que Johann Sebastian Bach falava com Deus por meio da sua música. Mais modesto, o violinista e compositor Guinga escolheu os anjos como interlocutores e deixa isso claro em seu novo CD, o quarto da carreira. Ele insiste em passar longe do banal e procurar o elo de ligação entre a música erudita e a popular. "Parsifal", parceria com Nei Lopes, é um samba-choro dissonante de primeira. Em "Dos Anjos", o violonista conta com a participação do gaitista belga Toots Thielemans. Chico Buarque, Alceu Valença, Ed Motta e Lenine também marcam presença no disco. Várias faixas fazem referência a grandes músicos como Charles Mingus, Radamés Gnattali e Hermeto Paschoal. Guinga transporta o ouvinte a um universo de sons e sonhos que é, no mínimo, inebriante. Música de qualidade é assim

Álvaro da Costa e Silva

LLOYD COLE

The Collection (8)

PolyGram TV/Universal

Resumo da carreira do trovador britânico

Com apenas três discos lançados entre 1984 e 1989, o grupo Lloyd Cole & The Commotions conseguiu cativar inúmeros fãs com seu rock melódico, influenciado por folk, pop e country. Após a separação, Lloyd Cole seguiu adiante em boa carreira solo, embora com menos hits. Nesta coletânea estão reunidas onze canções da era Commotions, dez extraídas dos quatro álbuns solo e duas boas inéditas, "Fool You Are" e "That Boy". Trata-se de uma boa amostra da obra de Cole. Dentre outras, estão aqui "Rattlesnakes", "My Bag", "Lost Weekend", "No Blue Skies", "Like Lovers Do" e "Undressed", todas muito legais.

Fabian Chacur

JOELHO DE PORCO

Saqueando A Cidade (10)

Movieplay

Um clássico do rock satírico nacional

Lançado originalmente em 1984, este é o mais bem elaborado trabalho do Joelho De Porco, grupo que marcou os anos 70 e 80 por seu humor cáustico. A formação da época incluía Próspero Albanese, Tico Terpins (morto em 1998) e Zé Rodrix. Concebido como o roteiro de um filme, o álbum trazia 23 músicas hilárias, como o reggae "O Homem Do Imposto De Renda" e a balada "Um Trem Passou Por Aqui", retratando com humor pra lá de negro o acidente sofrido por Roberto Carlos na infância, e vinhetas com os temas dos seriados *Bonanza* e *Vigilante Rodoviário*. Humor inteligente e sem apelação, como infelizmente não se faz mais hoje em dia.

T.S.

CÓLERA

Caos Mental Geral (7)

Devil Discos

Antídoto para os atuais alfinetes de butique

Encontrar discos decentes de verdadeiro punk rock é coisa rara. Merece louvor quem ainda carrega o estandarte sem temer comparações com os popismos do punk atual. *Caos Mental Geral*, retorno do Cólera após longo inverno, expõe o sabor cru de um gênero que é pura víscera, mas que há tempos vem sendo servido com coberturas adocicadas. Produção independente, o CD traz cinquenta minutos de impiedosa paulicadaria. Duas décadas depois do primeiro levante punk brasileiro, do qual o Cólera participou ativamente, os problemas sociais abordados pelas letras ainda estão aí – por isso, coerentemente, as canções seguem sendo panfletos inflamados. Como os rappers, o Cólera acredita em "revolução a partir da informação". Mas o melhor de tudo é que, musicalmente, o trio comandado pelo guitarrista Redson está em seu melhor momento, equilibrando-se perfeitamente entre os finados Dead Kennedys e Stiff Little Fingers

Carlos Eduardo Oliveira

O luxo do lixo

VÁRIOS

A Discoteca Do Chacrinha (8)

Polydor/Universal

Nos anos 60 e 70, qualquer cantor, cantora ou grupo que quisesse fazer sucesso tinha de bater cartão nos programas de auditório comandados por Abelardo Barbosa, o Chacrinha. O Velho Guerreiro apresentava a *Buzina do Chacrinha* – que começou como *A Hora da Buzina* –, destinada a calouros, e a *Discoteca do Chacrinha*, onde os grandes nomes se exibiam (a coisa não se restringia aos cantores hoje tidos como bregas, havia espaço para gente do quilate de Gilberto Gil e Caetano Veloso, que, por sinal, adoravam aquela zorra). Nos anos 80, com a saúde abalada, Chacrinha fundiu os dois programas, criando o *Cassino do Chacrinha*.

Para reverenciar a memória do animador, a Universal convocou o produtor Márcio Antonucci, da dupla Os Vips, que reuniu na coleção de cinco CDs *A Discoteca Do Chacrinha* setenta grandes sucessos de duas décadas atrás em novas gravações, na medida do possível com os intérpretes originais. Todos os cantores passaram pelos programas do Velho Guerreiro, o que confere à coleção um ar de gostosa nostalgia.

A série foi dividida em temas. O CD 1, *Sorria Sorria*, traz pérolas como "Fuscão Preto" (Almir Rogério), "Eu Não Sou Cachorro Não" (Waldick Soriano) e a própria "Sorria Sorria", gravada originalmente pelo falecido Evaldo Braga, e aqui com Agnaldo Timóteo. O segundo disco, *A Norte Vai Chegar*, vem com músicas dançantes que agitavam bailinhos, como a faixa-título, maior hit da sumida Lady Zu (e nesta coletânea na voz de Cláudia Telles), além das impagáveis "Sandra Rosa Madalena", "Tenho" e "Meu Sangue Ferve Por Você", todas com Sidney Magal, e um *medley* de Gretchen incluindo "Freak Le Boom Boom", "Me Gusta El Cha Cha Cha" e "Conga, Conga, Conga", hits de um tempo em que um traseiro rebolativo em close na telinha mexia muito mais com a libido masculina do que nestes tempos bicudos de grosseria explícita.

Sonhos, o CD 3, tem apenas canções românticas, como "Moça" (Wando), "Casinha Branca" (Gilson) e "Sonhos", de e com Peninha, atual bola da vez do pop romântico. O CD número 4, *Amor Proibido*, traz mais uma fornada de sucessos, como "Não Se Vá" (com Jane & Herondy, que personificavam o casal perfeito) e "Sou Rebelde" (Lilian). O último CD, *Retalhos De Cetim*, é dedicado ao samba, com hits como "A Beleza É Você, Menina" (Bebeto), "Os Meninos Da Mangueira" (Ataulfo Alves Jr.) e "Você Abusou" (Antonio Carlos & Jocafi). Quem compra a caixa completa – os CDs também são vendidos separadamente – ganha mais um disquinho, *Você É O Cantor*, com playbacks para karaokê, entre outras, "Eu Não Sou Cachorro Não", "Sandra Rosa Madalena" e "Mon Amour, Meu Bem, Ma Femme" (de Reginaldo Rossi, mas que na caixa aparece na voz de Odair José).

Este é o único senão do projeto. Por problemas contratuais, artistas como Gilliard, Márcio Greyck e o próprio Reginaldo ficaram de fora, com suas músicas sendo interpretadas por outros cantores. Mas isso não compromete a qualidade do produto final. Como diria o próprio Velho Guerreiro, esse vai para o trono.

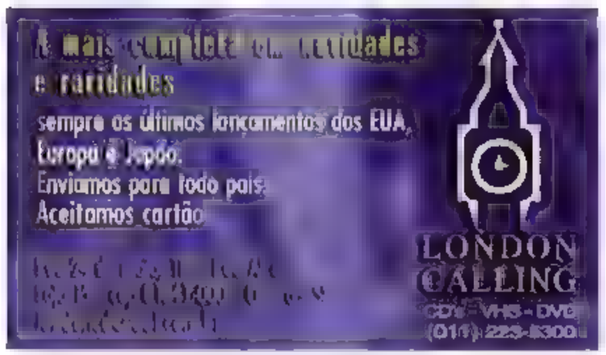
T.S.

Quatro CDs mostram o valor do "lixo cultural" que Chacrinha apresentava na TV nos anos 70

E mais...

Clássicos do **pop dançante dos anos 80**, hits atuais das pistas e clássicos bregas remixados: baila, baila, baila...

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
THE SINGLES 81>85 (Mute/Roadrunner)	O grupo inglês Depeche Mode, nome fundamental do tecnopop que marcou os anos 80	Em coletânea de sucessos gravados entre 1981 e 1985, época em que o Depeche era mais alegrinho – no melhor dos sentidos – e ingênuo.	É como. "Just Can't Get Enough" e "Everything Counts" são irresistivelmente dançantes e a melancolia de "Leave In Silence" é brilhante.
YOU AND ME BOTH (Mute/Roadrunner)	Yazoo, duo tecnopop formado pela cantora Alison Moyet e pelo tecladista Vince Clarke depois de sair do Depeche Mode.	Em seu segundo e último disco, de 1983, a dupla fez sucesso com uma linda canção, "Nobody's Diary", sem deixar de ser dançante.	Não é tão bom quanto o primeiro LP da dupla, *Upstairs At Eric's*, mas o minimalismo dos arranjos só realça a bela voz de Alison.
WONDERLAND (Mute/Roadrunner)	A dupla inglesa Erasure, que Vince Clarke formou com o cantor Andy Bell a partir de um anúncio em jornal, depois da dissolução do Yazoo.	O estilo melódico de Vince ao sintetizador marca este trabalho de estreia, lançado em 1986. Mas Andy ainda não bota as manguinhas de fora.	Nem sempre. O Erasure ainda estava desenvolvendo sua personalidade. Para quem é fã ardoroso de tecnopop, porém, tem seu valor.
THE INNOCENTS (Mute/Roadrunner)	O Erasure.	Em seu terceiro álbum, de 1988, responsável pelo estouro da duplinha no Brasil.	Com precisão. Se tocar numa festinha retrô, penga botar o povo brincando de fazer dublagem do clássico hit "A Little Respect".
AGORA SIM! (Mercury/Universal)	O Roupa Nova, sexteto que está prestes a completar vinte anos de estrada.	Releituras de hits como "Anjo" e "Dona" em arranjos novos, com a habitual competência dos músicos da banda.	Os tais arranjos novos não superam os originais. Indicado somente para fãs incondicionais.
ROCK IN RIO CAFÉ (Som Livre)	O DJ Armand Van Helden, os rappers Pras e Jay-Z, mais os veteranos Village People e The Weather Girls, entre outros.	Sucessos que rolam na pista do Rock In Rio Cafe, casa noturna carioca. "Missing You" "Blue Angels" e os clássicos "It's Raining Men" e "YMCA".	Se o seu negócio é dançar ao som dos hits da moda e curtir flashbacks sacolejantes, dá para encarar...
ONE MAN (Eagle/Roadrunner)	Mark King, ex-vocalista e tecladista do Level 42, que fez sucesso nos anos 80 com "Something About You".	Baladas com muito teclado e boa produção.	Quem gosta de pop bem polido vai se emocionar com "Bitter Moon", "Pamela" e "Half Written Songs".
VENICE ON TRACKS (Paradoxx)	Nomes fortes do reggae e da surf music, como Lucky Dube, Skuba e o mestre Dick Dale.	Músicas que rolam na Venice, badalada casa noturna de São Paulo frequentada pelo povo do surf.	A eclética seleção, feita pelo DJ Racinha, é de alta eficiência nas pistas. Inclui o clássico "Misirlou", tema de abertura do filme *Pulp Fiction*.
BREGA MIX (Paradoxx)	Astros do brega, como Genival Lacerda, Sidney Magal, Fernando Mendes e Reginaldo Rossi.	Em hits trash como "Cadeira De Rodas" e "Sandra Rosa Madalena" remixados pelo aloprado produtor Mr. Sam (inventor de Gretchen).	As músicas originais já eram hilariantes. Remixadas, servem para dançar, rindo – ou chorando. Você decide.



REVISTA SHOWBIZZ
PARA ANUNCIAR AQUI LIGUE
TEL (011) 3037-6860
FAX (011) 3037-4909

Ao Vivo

Festa no subúrbio

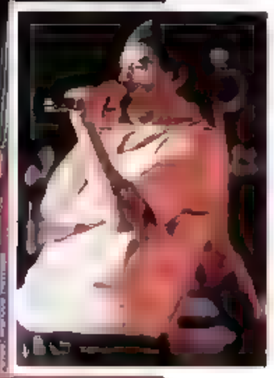
Raimundos, Charlie Brown Jr. e Ostheobaldo

Melo Tênis Clube (Rio), 5/6

Nada como um bom patrocínio. Graças à boa vontade de uma rádio, que comemorava aniversário, a população do bairro carioca da Vila da Penha pôde pagar razoáveis 7 reais para ver três das maiores bandas brasileiras de rock pesado. Empolgada com o evento, a galera lotou o campo de futebol do Melo e pulou feito pipoca até alta madrugada.

Antes das 23h subiram ao palco Johnny Léo Romão, PG e Bahia, com a pegada de sempre. Apesar de não ter emplacado seu último disco, *Passa O Corredor*, Ostheobaldo ganhou os 5 mil presentes com sua tradicional competência ao vivo. "Amasa Quarteirão" e "No Sleep 'Til Brooklyn", dos Beastie Boys, foram momentos altos do show.

Já era quase meia-noite quando Fred na bateria, mandou a batidinha forrozeira de "Fome De Cão" e os Raimundos entraram com a corda toda em seu primeiro show após quase seis meses dedicados ao lançamento e divulgação do novo disco, *Só No Forevis*. A simples presença do quarteto ao som de uma música agitada instalou de vez o pogo na galera, que nem se importava de não conhecer a canção. A recompensa foi farta, porque a partir daí vieram só sucessos. "Tora Tora", "Wipe Out" e "Nega Jurema" foram cantadas com o público por vezes abafando a voz de Rodolfo – principalmente nos trechos mais melosos, é claro. Apenas mais duas músicas do novo álbum estiveram no repertório, o sucesso "Mulher De Fases" e "Aquela Prosa".



Rodolfo esmurrou a guitarra e Chorão comandou a massa na Vila da Penha

"Esta foi a primeira vez que tocamos nos subúrbios do Rio, concentramos o set nos sucessos", comentou Canisso ao fim da apresentação.

"Quem é de correr, vai correr", anunciou Chorão, ao começar a apresentação do Charlie Brown Jr., que fechou a noite. Mesmo sofrendo com uma gripe, o vocalista suou a camisa, pulou, berrou e andou de skate, ganhando amplo reconhecimento do público. "Tudo Que Ela Gosta", "Corra Vagabundo" e "Beat Box" foram as primeiras, antes de "Confisco", a primeira do novo disco, *Preço Curto, Prazo Longo*, a ser apresentada. O CBJ mostrou sete novas canções e contou com as participações de Rodolfo (em "Bons Alunos") e do lendário skatista Lúcio Flávio. Apesar da hora avançada, o público agitou e cantou junto com "Comme O Anel", "Proibida Pra Mim", "Quinta-Feira" e a inédita versão para "Killin' In The Name Of...", do Rage Against The Machine.

Bernardo Araújo

Bob Marley e Roberta Flack ajudaram no show de Lauryn Hill em Londres

Lady Lauryn

Lauryn Hill

Wembley Arena (Londres) 30/5

Com cinco prêmios Grammy na bagagem, fruto de seu álbum de estréia, *The Miseducation Of Lauryn Hill*, a vocalista do Fugees desembarcou na Inglaterra no fim de maio para duas noites de casa cheia na Wembley Arena. Apesar de estar bastante rouca, Lauryn fez um show para ninguém botar defeito. Apadrinhada por uma banda de dezesseis integrantes, incluindo três cantoras, três tecladistas, dois DJs e um naipe de metais eficientíssimo, a cantora teve presença está praticamente confirmada como a principal atração do Free Jazz) nem deu bola para a péssima acústica da arena e levou o público ao nirvana com sucessos como "Everything Is Everything" e "Doo Wop".

O show começou apenas com o DJ no palco, mandando "Songs Of Freedom", uma homenagem ao ídolo e sogro de Lauryn, Bob Marley, enquanto a banda entrava com "Superstar", uma das melhores músicas de *The Miseducation*.

Logo no começo do espetáculo a cantora mandou um *medley* de sucessos do Fugees e algumas das músicas mais bonitas de seu álbum solo, como "To Zion" e "Lost Ones". Na metade do show veio um duelo entre a banda e os DJs, talvez pelo excesso de duração da brincadeira (cerca de 20 minutos), foi o momento mais morno da noite. Mas nem isso serviu para estragar a beleza das composições ou a perícia da banda, principalmente em números como "Killing Me Softly", sucesso de Roberta Flack regravado pelo Fugees que a cantora guardou para o bis.

Luciano Vianna

Herbert Vianna, todo de vermelho

Banquinhos chacoalhando

Paralamas Do Sucesso

Parque Lage (Rio de Janeiro), 5/6

Parodiando um sucesso do grupo argentino Sumo, pode-se dizer que os Paralamas quiseram um *Acústico MTV* "*a su manera*". Muito mais do que reunir sucessos em versões mais palatáveis aos gostos conservadores, o programa e o CD que o grupo gravou em duas chuvosas noites realmente mostram uma face diversa do seu trabalho. O que a MTV exibe dia 29 de julho pode não ser o Viagra mercadológico que foram as recentes edições do projeto com Titãs, Gal Costa e Rita Lee, mas é musicalmente bem mais interessante.

Encorpado pelos habituais João Fera (piano), Eduardo Lyra (percussão), Monteiro Jr. (sax), Bidu Cordoura (trombone) e Bezerra (trompete), mais o violão de Dado-Vila-Lobos ("convidado de vida e de existência", conforme definiu Herbert Vianna), o trio dispensou orquestras e violoncelos. A opção realçou ainda mais a excelência rítmica do Comando Vermelho (todos os músicos vestiam roupas dessa cor). Diante de uma platéia majoritariamente formada por galeras de fãs-clubes ("Isso aqui não é pra VIP que fica virando de costas e tomando cerveja"), os Paralamas tocaram algumas das faixas menos ouvidas de seus discos (tipo "Um Amor Um Lugar", de *Bora Bora*), estrearam a inédita "Sincero Breu" e evitaram os hits. Pode-se duvidar do apelo comercial de um CD assim, mas, pela qualidade, pelo menos "Feira Moderna", de Beto Guedes, tem tudo para virar sucesso.

Pedro Só

O Gamma Ray, de Kai Hansen, esquentou a madrugada paulistana

Alan Soares

Metal über älles

Gamma Ray, Roland Grapow Band e Symbols

Tom Brasil (São Paulo) 8/6

"Casa acostumada à MPB se rende ao heavy metal", dizem os jornais ao anunciar que o rock pesado alemão era a atração na casa paulistana que mistura Tom Jobim e Brasil com seu nome. Sacrilégio? A palavra não deve ter passado pela cabeça dos sócios da casa ao ver a pista e os camarotes lotados de rapazes e moças de cabelos compridos e camisetas pretas.

Tudo bem que no Brasil todo atraso, mas foi um erro começar às 22h (o horário marcado era uma hora mais cedo) um show com três bandas. O grupo paulistano Symbols entrou meio espremido na parte do palco que lhe cabia e mandou bala. O som dos rapazes ainda é muito calcado no estilo do Helloween, Angra e outros artistas de speed metal dos anos 80, mas sobra garra e competência para, no futuro, encontrar um estilo mais pessoal e ir longe. A galera aprovou.

Depois de um longo intervalo (outro erro: os auto-falantes despejavam música em um volume excessivamente alto, que provocou queixas de quem foi exposto a ele por muito tempo), um estrondo de guitarra e bateria anunciou a entrada da Roland Grapow Band, projeto solo do guitarrista do Helloween. Para lançar seu segundo disco, o moço reuniu o cantor americano Mike Vescera e integrantes de bandas como o Grave Digger e o Rough Silk. Com isso, sobrou competência no palco, além de Roland assumir um papel importante que não lhe cabe no Helloween, onde apenas o baterista aparece menos do que ele. No entanto, as canções do rapaz não chegam aos pés das de sua banda. O público vibrou, com animação e alguma paciência, mas só delirou mesmo na última canção, não por acaso "Dr Stein", do Helloween.

Mais intervalo, mais barulho e mais espera. Finalmente, à 1h da matina (de uma quinta-feira!) surge o cenário de ficção científica do disco *Power Plant* e lá está o Gamma Ray, com o baixote (que lembra uma bruxa de fábula) Kai Hansen e sua guitarra Jackson Flying V à frente. A base do show – já que a banda havia visitado São Paulo em 1997 – é o disco novo, com canções como "Razorblade Sigh", "Hand Of Fate" e "Heavy Metal Universe", esta mais chegada ao metal tradicional de bandas como o Manowar. Antes de tocar a versão que fez para "It's A Sin", dos Pet Shop Boys, Kai anunciou: "Vamos tocar esta música, alguns de vocês podem gostar, outros podem odiar, não estamos nem aí". Mas como os fãs de metal dos anos 90 sabem quando uma música é boa, apenas alguns mais protestaram pela "traição". Ao longo do show foi possível notar que o Gamma Ray é uma versão mais pesada do Helloween, com mais personalidade e menos concessões. A galera cantava cada palavra com Kai (e olha que o sotaque dele não é fácil!), principalmente no final, quando veio o hino "R de 'The Sky'" do disco *Walls Of Jericho*, do Helloween. Para o bis veio Rolland (que substituiu o Kai no quinteto germânico), e o anúncio: "Vamos tocar com três guitarras. Nem o Iron Maiden fez isso ainda!". Claro que vieram duas músicas de uma certa banda: "I Want Out" e "Future World", para delírio do público.

Bernardo Araujo

Bloodvessel sacudiu a Argentina

O peso do ska

Bad Manners

Marquee (Buenos Aires), 12/6

A fama dele é de Tim Maia do ska. Com seu peso generoso, vozeirão grosso e uma vida quase marginal, Mr Bloodvessel e sua trupe derrubaram impressões pessimistas e mostraram aos portenhos seu *feeling* jamaicano.

Depois da abertura, onde se destacaram o reggae de Los Cafres e a mais querida banda de ska argentina, Sattelite Kingston, o Bad Manners inaugurava tardiamente ouvidos atentos que há muito esperavam por tal oportunidade. A festa começou com a instrumental "Echo 4+2", uma mistura do melhor dos Skatalites com uma boa dose de sangue. Daí em diante foi loucura total, ska, reggae e rocksteady pra todos os gostos. O tradicional tema de Millie Small dos anos 60, "My Boy (Girl) Lollipop"; "Wolly Bully" e "Black Night" do Deep Purple, iniciavam ouvidos bicões. E as pratas da casa, "Inner London Violence", "Special Brew", um tributo à mais podrona das cervejas inglesas, "Walkin' In The Sunshine", "Lorraine" e "Skaville UK", botavam sapatos bicolores, Dr. Martens e tênis furados para pular.

O vocalista Buster Bloodvessel era o único remanescente da primeira formação, de 1976, mas o gás da "nova" banda era gigantesco e a formação exótica dos metais, com o tradicional sax tenor, dando espaço ao barítono, engordou o som.

Bruno Lancellotti

Muy locos de amor

The Pretenders

Sound Republic (Londres), 29/4

Reza a sabedoria alcoólica que, quanto mais velho o uísque, melhor o sabor. Mas a comparação não serve para Chrissie Hynde: o sangue caubói da roqueira de 47 anos não envelhece, mas não precisa. Ela continua boa como sempre. A guitarra de mais de duas décadas, a voz agridoce e até a indefectível franjona que virou marca registrada da mulher mais durona do rock funcionam a perfeição, como sempre, e descem como um bom e comprido bourbon.

O *pocket show* dos Pretenders no Sound Republic, em Londres – o primeiro da turnê do novo disco da banda, *Viva El Amor* –, foi bom como voltar para casa depois de um longo dia de trabalho, colocar um par de chinelos e beber uma dose em frente à lareira. Os Pretenders Chrissie (voz, guitarra e gaita), Adam Seymour (guitarra), Martin Chambers (bateria) e Andy Hobson (baixo) – demoraram cinco anos para voltar para os palcos.

Chrissie, vestida de preto sob um berrante blazer rosa-choque, abriu com a nova "Pop Star", música que compôs para um ex-namorado que a trocou por uma jovem aspirante a estrela. "Todos os *designers* lhe mandam roupas novas/ Ela se parece com Kylie Minogue../ Já não se fazem mais (pop stars) como antigamente". Depois veio o resto do repertório novo, passando pela baladona rápida "Nails In The Road", a romântica "Biker" e o novo single, "Human". Foi mais ou menos nessa hora que Chrissie soltou o seu espanhol: "Ahora voy a cantar una canción de Silvio Rodrigues". A platéia de jornalistas ingleses não entendeu nada, mas todos gostaram da versão da melódica "Rabo Da Nube". Tudo influência do novo marido da cantora, um colombiano chamado Lucho que é a cara de Che Guevara.

O que era para ter sido um show de 45 minutos para apresentar o disco novo de doze canções à imprensa acabou se transformando num grande café concerto na hora do bis. Disseram que eram só 45 minutos, mas dane-se", chegou avisando Chrissie para logo depois mandar "Don't Get Me Wrong". O resto do bis foi comandado pela platéia, que pediu "Brass In Pocket". "Eu acho essa música uma m... Tem certeza que a gente tem que tocar? Tudo bem, mas só se deixarem a gente tocar outra coisa depois", negociou a cantora. Para lavar a alma, quando a banda encerrou com "Middle Of The Road", os jornalistas deixaram o trabalho de lado para fazer o corinho "ô-ô-ô-ô".

Valeria Rossi

Chrissie ignorou o tempo regulamentar e mandou um showzão

Vicky Wood

Você entende os críticos?

Meça sua capacidade de compreender essas criaturas incompreendidas e incompreensíveis e seu vocabulário maravilhoso

1 **Dizer que X é "o *hype* do ano na cena pós trip-hop e hip house de Bristol" significa que**
a) esse projeto do cara que lavava os carros do pessoal do Massive Attack vendeu cem cópias na Inglaterra (e tomara que nenhuma delas jamais chegue ao Brasil)
b) esse projeto da garota que saía com o DJ que tocava na festa de aniversário dos filhos daquele ex-integrante do Massive Attack não vai dar certo
c) esse DJ costuma tocar para catorze pessoas toda quinta numa boca fedorenta de uma triste e feia cidadezinha inglesa – sendo que cinco acabam dormindo no sofá
d) dois fanzines de uma triste e feia cidadezinha inglesa gostam dessa bagaça, fadada ao esquecimento em dois meses

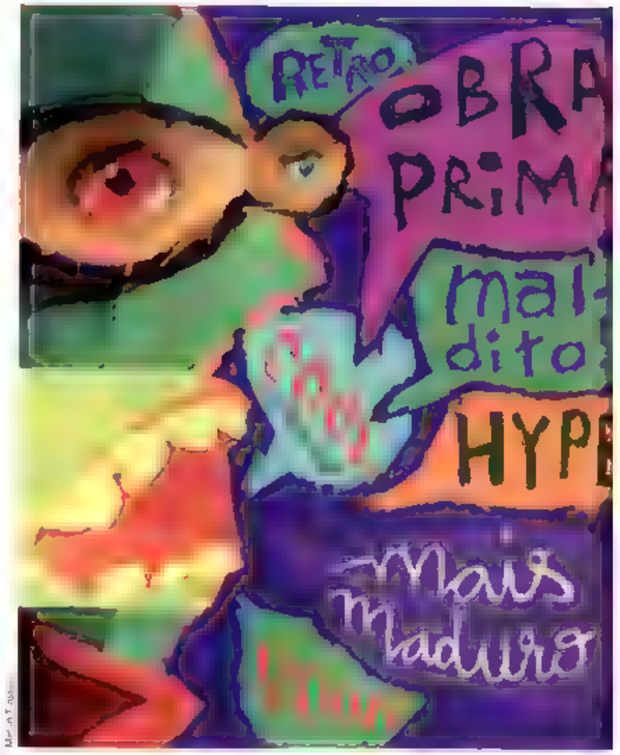
2 **"Atormentado, maldito e genial, esse seminal talento do folk gravou apenas dois singles, mas poderia ter mudado o mundo..."**
a) se não fosse fanho, se soubesse tocar mais de três acordes no violão, se trocasse o nome de Pinkleton Donnisburg III para Bob Louisiana e se tivesse mais de quatro dentes na arcada superior
b) se Gram Parsons tivesse honrado o trato de lhe dar uma vaga em sua banda em troca de 30 gramas de heroína
c) se o planeta inteiro tomasse o mesmo ácido que deixou Stephen Stills completamente zozo na noite em que o viu tocar num bar e recomendou para a gravadora Elektra
d) se mais de trinta pessoas tivessem ouvido seus insuportáveis discos, uma onda de agressividade seria iniciada, desencadeando em uma semana a Terceira Guerra Mundial

3 **"O disco mostra a banda em um momento mais maduro." Isso que dizer que**
a) o crítico achou uma droga, mas o pessoal da banda é gente boa e a gravadora pagou várias cervejas na tarde da entrevista
b) o vocalista fez um implante, o baterista sofre de problemas de coluna e o empresário está contratando um proctologista para trabalhar como *roadie* na próxima excursão
c) que a qualidade vai desabar feito jaca no próximo trabalho
d) o editor chicoteou o crítico e disse que precisava da resenha pronta em dois minutos

4 **"Sem grandes voos criativos, a banda faz um som honesto." Isso quer dizer que**
a) o crítico achou tudo uma m..., mas não quer se comprometer
b) o crítico é uma m... e não quer se comprometer
c) o vocalista e o guitarrista são uma m..., como artistas, mas poderiam trabalhar em casas de família – afinal, também são bem limpinhos
d) a banda e o crítico se merecem

5 **"Com grooves bacanas e vocais bem legais, este é o CD mais *cool* do momento." Dá para acreditar?**
a) Até dá. Mas uma coisa é certa: o sujeito que escreveu isso é um tremendo "coolzão"
b) Sim. O disco é tão bom que deixou o crítico tesado no questo vocabulário.
c) Não. Quem escreve assim não entende nada de música
d) Acred tar... Bacana... legal cool... Crítico *feletubbie*!

6 **"A pegada mais pop pôs a estética gay para fora dos planos do cantor." O que é isso?**



7 **"Os vocais idiossincráticos de José Das Couves traduzem as dificuldades por que passou em sua infância desassistida." Se prepare, porque**

a) O crítico foi bolinado e teve problemas intestinais que sujaram seu texto
b) O crítico não entende nada de música e é preconceituoso
c) Não dá para saber, mas que está errado, está. Afinal, "estética gay", só se for "pra dentro"
d) Sei lá, mil coisas. Deve ser impactante e instigante

a) o pobre-diabo não canta nada – o *New York Times* diria "*the motherfucker can't sing for fuck*"
b) trata-se de um desafinado cara-de-pau
c) o texto diz que o tal mala é um gênio e ele vai aparecer em todos os cadernos de cultura durante dois anos, até ser esquecido
d) seus ouvidos irão pagar pelos problemas sociais brasileiros

Respostas: Todas as opções podem estar, rigorosamente certas

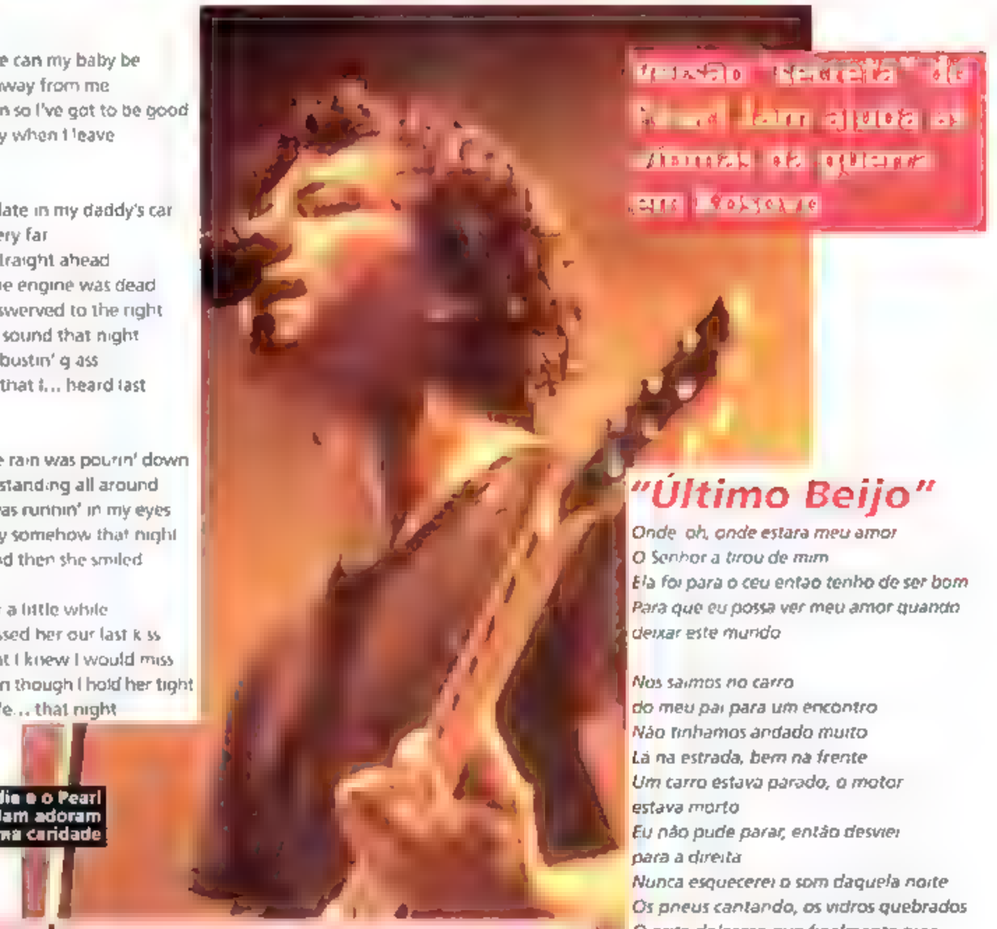
"Last Kiss"

(Wayne Cochran)

Oh, where oh where can my baby be
The Lord took her away from me
She's gone to heaven so I've got to be good
So I can see my baby when I leave
this world

We were out on a date in my daddy's car
We hadn't driven very far
There in the road, straight ahead
A car was stalled, the engine was dead
I couldn't stop, so I swerved to the right
I'll never forget the sound that night
The cry n' tires, the bustin' g ass
The painful scream that I... heard last

(Refrão)
When I woke up the rain was pourin' down
There were people standing all around
Something warm was runnin' in my eyes
But I found my baby somehow that night
I raised her head, and then she smiled
and said
Hold me darling for a little while
I held her close, I kissed her our last k ss
I found the love that I knew I would miss
Now she's gone, even though I hold her tight
I lost my love, my life... that night



Em nome do amor

Como fazem todo Natal, Eddie Vedder e sua trupe gravaram um single no fim de 1998 para dar de presente para seu fã-clube oficial. No lado A, "Last Kiss", música gravada pelo grupo J. Frank Wilson & The Cavaliers, que atingiu o segundo posto da parada *Billboard* em 1964. No lado B, uma obscura música também dos anos 60, "Soldier Of Love", de Arthur Alexander. Reza a lenda que Vedder teria comprado o viral com "Last Kiss" numa loja de antiguidades de Seattle. Sempre disposto a se engajar em qualquer causa político-social, em junho passado, Vedder resolveu lançar o single comercialmente nos Estados Unidos e doar a renda para o C.A.R.E., entidade norte-americana que cuida, entre outras coisas, dos refugiados de Kosovo. A gravadora Sony Music seguiu seu exemplo e está lançando o CD *No Boundaries*, que, além do Pearl Jam, traz Neil Young, Oasis, Black Sabbath, Alanis Morissette, Bush, Jamiroquai, Tori Amos e outros. Segundo a Sony, o CD, que no Brasil terá o título *Sem Fronteiras*, deve sair por aqui ainda neste mês. Na versão nacional há participação do Mestre Ambrósio, com "Esperança (Na Mata Eu Tenho)", e do Dread Lion, em "Por Que Não Paz"

"Último Beijo"

Onde, oh, onde estara meu amor
O Senhor a tirou de mim
Ela foi para o ceu entao tenho de ser bom
Para que eu possa ver meu amor quando
deixar este mundo

Nos saimos no carro
do meu pai para um encontro
Não tinhamos andado muito
Lá na estrada, bem na frente
Um carro estava parado, o motor
estava morto
Eu não pude parar, então desviei
para a direita
Nunca esquecerei o som daquela noite
Os pneus cantando, os vidros quebrados
O grito doloroso que finalmente ouvi

(Refrão)
Quando acordei chovia torrencialmente
Havia pessoas por todos os lados
Algo quente estava caindo nos meus olhos
Mas de algum modo achei meu amor
naquela noite
Levantei sua cabeça e então ela sorriu e disse
Abrace-me, quando, por um tempo
Abrace-a forte e a beijei no nosso
ultimo beijo
Encontrei o amor que sabia que sentiria falta
Agora ela se foi, mesmo que a tenha
abraçado forte
Perdi meu amor, minha vida... naquela noite

© Todos os direitos reservados à Fort Knox Music e Trio Music Co

Entre Leitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Beatles, Iron e Oasis: Gabriel Mury – Rua Oiapoque, 44 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21715-270

Black Sabbath e Silverchair: Juliane de Santana – Rua Silveira Nóbrega, 147 – São Miguel Paulista, SP – CEP 08071-020

Bossa Nova: Anselmo Araújo – Rua Manuel Donizete Cruzeiro 27, ap. 301 – Aracaju, SE – CEP 49043-050

Gloria Gaynor e Donna Summer: Ivan Carlos Francelino – Rua Tiradentes, 179 – Ruy Barbosa, BA – CEP 46800-000

Kid Abelha: Carlos Eduardo Silva – Rua Ruy Barbosa, 113, fundos, ap. 101 – Nilópolis, RJ – CEP 26530-220 – Tel. (021) 242-4799/5997

Kiss: Iris Alves – Rua da Glória, 228, ap. 402 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20241-180 – Tel. (021) 852-2189

Raimundos: Michelle A. Zanini – Rua Prof. Clemente Pinto, 700 – Porto Alegre, RS – CEP 90870-220 – Tel. (051) 231-4432

R.E.M.: Selma Araújo – Rua Utrapuru, 30 – São Paulo, SP – CEP 08550-000

Zélia Duncan: Fabiana Cid Meira – Rua Augusto Steembock, 939 – Curitiba, PR – CEP 81550-080

Zélia Duncan é amada no Paraná

MÚSICOS

Aerosmith cover: Vocalista procura banda para formação cover e futura carreira – Simão Mendes Júnior – Rua S-5, quadra S-20, lote 02 – Bela Vista – Goiânia, GO – CEP 74823-460 – Tel. (062) 255-2394

Baterista: Banda Massa Crítica com material próprio e experiência em shows, procura baterista – Nelson Ferreira – Tels (011) 817-7432 e 3758-0026 – E-mail: ferreira@net.ipen.br

BRock anos 80: Procuro guitarrista, baixista e baterista que curtam rock nacional dos anos 80, como Plebe Rude, Capital Inicial e Legião Urbana – Mike – Rio de Janeiro, RJ – E-mail mike@mailbr.com.br

Nirvana/Legião/Cure: Banda procura guitarrista, baixista e tecladista, entre 16 e 20 anos, para trabalho sério – Mario Rubens – Rua Mario Pederneiras, 10, ap. 124 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22261-020 – Tel. (021) 286-6620

Qualquer Estilo: Toco piano, gaita, flauta, estou aprendendo violão e procuro banda – Soraia Alcântara – Av. Bispo, 14, IAPI, Jardim Vera Cruz – Salvador, BA – CEP 40440-470

Rock: Precisa-se de tecladista, vocalista e baterista da região do Vale do Aço para formar banda – Frederico Mendes – Rua José de Alencar, 79 – Ipatinga, MG – CEP 35160-229

TROCO

Guns por Offspring. CD pirata do Guns N' Roses *(Live In New York)* por Radiohead *(Ok Computer)* ou Offspring *(Ixnay On The Hombre)* – Graziele Oliveira – Rua Dr. Melo Viana, 389 – Luz, MG – CEP 35595-000 – Tel. (037) 421-3264

Madonna e Michael Jackson. Revistas, pôsteres e VHS – Dennys Silva – Rua Goiás, Coelho 8, ap. 34 – Santos, SP – CEP 11050-130

Vários por Bon Jovi: Material do Doors, Led Zeppelin, Alanis, Bush, Prodigy, Raimundos. Troco por qualquer do Bon Jovi – Renatha Ribeiro – Rua Wilson Vallin, 67, ap. 41 – São Paulo, SP – CEP 04651-150 – Tel. (011) 5678-5705

Vários por Kid e Madonna: Guilherme Alves – Rua Jardim Botânico, bloco 28, ap. 104 – Natal, RN – CEP 58000-470

Vários por vários I: CDs do Oasis *(Be Here Now)*, Alanis Morissette *(Supposed Former...)*, The Doors (SHOWBIZZ) e o vídeo *The Immaculate Collection*, da Madonna, por CDs do U2, Smiths, Hole, Björk – Joyce Emmanuelle – Av. Capitão Mor Gouveia, 140 – Natal, RN – CEP 59063-400

Vários por vários II: CDs do U2 *(Pop)*, Legião Urbana *(Dois)*, Fleetwood Mac *(The Dance)* e INXS *(Elegantly Wasted)* por CDs do Extreme, Mr. Big, Ugly Kid Joe, Raimundos e outros – Luciana Ferreira – Rua Jorge Alves Ferreira, 93 – São Paulo, SP – CEP 05625-100 – Tel. (011) 843-8144

PROCURO

All Saints: Material da banda nacional ou importado – Sonia Sakan – Rua Águas Virtuosas, 840 – São Paulo, SP – CEP 02532-000

Dave Matthews Band: Fotos e reportagens, se possível gravação do Free Jazz 1998 – Vagner Agostinho Junior – Rua dos Abacateiros, 352 – Diadema, SP – CEP 09941-310 – Tel. (011) 745-2620 – E-mail junior_ma@uol.com.br

Doors: Edição dos 25 anos da morte de Jim Morrison e as letras traduzidas de "Soul Kitchen", "Spanish Caravan" e "Alabama Song" – Fábio Gorgonha – Rua Lincoln Neves Pinto, 45 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 23045-330 – Tel. (021) 415-1909

Mariah Carey: Material diverso da cantora e, particularmente, a gravação do MTV Europe 1998 – Maely Araújo – Rua 79, quadra 57, bloco 03, ap. 207 – Paulista, PE – CEP 53421-060 – Tel. (081) 437-8068

New Kids On The Block: Jordan Knight no *Domingo Legal* (5/99), no *Programa Livre* (5/99) ou na Transamérica (5/99), e tudo sobre o New Kids – Sara O. Tani – Rua Pereira de Morais, 295 – Recife, PE – CEP 50630-610 – Tel. (081) 228-2288

Paralamas: Vídeos, fotos, reportagens, revistas BIZZ e SHOWBIZZ – Letícia M. Zimmer – Rua Jalur da Silva Veiga, 298 – Canela, RS – CEP 95680-000 – Tel. (054) 282-4066

O Prodigy é popular em Minas

Prodigy: Qualquer material e também endereço de fã-clube – Bruno Gomes Silva – Rua Matias Cardoso, 245 – Francisco Sá, MG – CEP 39580-000

Racionais MC's: Revistas, vídeos, fotos, tudo sobre eles – Nataly Caldas – Rua Epitácio Martins, 221 – Santos, SP – CEP 11030-161 – (013) 261-2771

Smashing Pumpkins: Fotos, reportagens ou qualquer tipo de material – Patrícia Xavier – Rua Gustavo Budag, 512, ap. 304 – Blumenau, SC – CEP 89036-500 – Tel. (047) 328-0612

Tupac Shakur: Fita de vídeo de algum show do rapper – Claelson Jorge – Av. José Miguel Ackel, 429 – Guarulhos, SP – CEP 07272-140 – Tels. (011) 6481-7076 e 9960-5417

VENDO

BIZZ/SHOWBIZZ: Coleção de janeiro de 1991 a dezembro de 1998, intacta, inclusive com encartes especiais. 3 reais por exemplar avulso, ou a coleção inteira a 2 reais cada exemplar – Juliano Campos – juliano.23@zipmail.com.br

Bon Jovi: Revistas-pôsteres, fotos, reportagens e CDs – Aline Magalhães – Rua Muzambinho, 330, ap. 101 – Belo Horizonte, MG – CEP 30310-280 – Tel. (031) 225-4365

Hanson: Mais de 350 revistas nacionais e importadas, pôsteres, adesivos, vídeo *Tulsa, Tokyo And The Middle Of Nowhere*, mais de 150 fotos da Internet – Bia Garcia – Rua Marchanjo Bianchini, 37 – Curitiba, PR – CEP 82020-560 – E-mail biaf@zaz.com.br

Letras Traduzidas/BIZZ: Edições de 1990 a 1993 (3 reais cada) – Walter Oliveira Silva – Rua Conselheiro Antonio Carlos, 586 – Campinas, SP – CEP 13082-610 – Tel. (019) 227-0347

Paralamas: Lata Polvora com oito CDs da banda. Dois terços do valor original mais desconto – Fernando Benites – Rua João de Seixas, 73 – São Paulo, SP – CEP 04693-160 – Tels (011) 5631-4571 e 9973-1495

Punk Rock: Vídeos das principais bandas punks dos anos 70, 80 e 90, além do filme *Punk Rock Movie* e *UK/DK*, sobre punks e skinheads – Euvaldes Amigo – Caixa Postal 01-0301 – Vitória, ES – CEP 29001-970

Smashing e Prodigy: CDs, VHS, pôsteres, reportagens, tudo em ótimo estado – Julia Fonseca – Rua São Sebastião do Paraíso, 1060 – Franca, SP – CEP 14405-010

Vários I: Material importado do Pearl Jam, Nirvana, Aerosmith e outros. Solicite catálogo com Emerson Feola – Rua Prof. ... de A. Campos, 1001 – Limeira, SP – CEP 13485-050 – Tel. (019) 442-4764

Vários II. CDs da Alanis Morissette *(Jagged Little Pill)*, No Doubt *(Tragic Kingdom)*, Bon Jovi *(Crossroads)* e Cidade Negra *(Sobre Todas As Forças)* – Ana Paula Candido – Rua Bom Jesus, 96 – São Paulo, SP – CEP 03344-000 – Tel. (011) 6694-6543

FÃS-CLUBES

Bush: o pós-grunge em Niterói

Bush: Bush's Hits Fan Club – Rua Almirante Tefé, 645, sobreloja 1.205 – Niterói, RJ – CEP 24030-000

Purple: Deep Purple In Rock Fan Club – Rua Albano Fragoso, 19 – São Paulo, SP – CEP 02561-010

Laura Finocchiaro: Fã-clube Gata da Rua – Caixa Postal 10589-9 – São Paulo, SP – CEP 03097-970

Maria Bacana: Fã-clube Bem Pensado – Condomínio Santo Antonio, 46 – Santo Antônio de Jesus, BA – CEP 44570-000

No Doubt: Anaheim's Doubt Fan Club – Rua General Osório, 477 – Presidente Venceslau, SP – CEP 19400-000 – E-mail k.caio@uol.com.br

Pato Fu: Sobre O Tempo Clube – Rua Nascimento Teixeira, 789 – Contagem, MG – CEP ...310 – Tels (031) 385-...

Paul McCartney: Paul Is Live – Estrada da Cooperativa, 213 – São Bernardo do Campo, SP – CEP 09850-480

Smiths e Morrissey: The Smiths And Morrissey Club – Caixa Postal 31024 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20732-970

FANZINE

Elton John: *Goodbye Yellow Brick Road And Other Things* – Caixa Postal 44001 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22062-970 – E-mail gybraot@hotmail.com

Música, cinema e TV: *Velvet Zine* – Rua 24 de Maio, 116, loja 26 – São Paulo, SP – CEP 01041-000 – Tel. (011) 221-8947 – E-mail velvetzine@...com.br

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

EDITORA Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas ... São Paulo – SP

Representantes no Brasil
Rio de Janeiro ... Bahia ... Brasília ... Campinas ... Ceará ... Minas Gerais ... Paraná ... Recife ... Ribeirão Preto ... Rio Grande do Sul ... Santa Catarina ...

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
Interesse Geral
Economia e Negócios
Automobilismo e Turismo
Esporte
Masculinas
Femininas
Decoração e Arquitetura
Entretenimento

Revista Showbizz, Edição ... julho de 1999 ...
São Paulo

ANER
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Lulu e Spices seguram a ponta

Nacional

É viva o pop. Luís Maurício Pragana dos Santos e Arnolpho Lima Filho, também conhecidos por **Lulu Santos** e Liminha, conseguiram emplacar uma vitória do pop sobre o rock, com a permanência de "Fogo De Palha" na primeira posição. E pela primeira vez as guitarras distorcidas dão um espaço a batidas mais dançantes, como as dos reggaes "Zóio D Lua", do Charlie Brown Jr., e "Eu Também Quero Beijar", versão do Cidade Negra para o sucesso de Pepeu Gomes, e os sucessos do Skank, Jota Quest e Maurício Manieri.

		mês anterior
1º	"Fogo De Palha" / Lulu Santos	1º
2º	"Zóio D Lua" / Charlie Brown Jr.	4º
3º	"Eu Também Quero Beijar" / Cidade Negra	10º
4º	"Sempre Assim" / Jota Quest	3º
5º	"Mandrake E Os Cubanos" / Skank	11º
6º	"Minha Menina" / Maurício Manieri	5º
7º	"Mulher De Fases (A Linda)" / Raimundos	7º
8º	"Nada A Declarar" / Ultraje A Rigor	20º
9º	"Canção Pra Você Viver Mais" / Pato Fu	6º
10º	"Eu Que Não Amo Você" / Engenheiros Do Hawaii	8º
11º	"Como Se Fosse A Primeira Vez" / Paulo Ricardo	•
12º	"Eu Vou Estar" / Capital Inicial	14º
13º	"Dois" / Paulo Ricardo	12º
14º	"Tudo Por Nada" / Paulo Ricardo	17º
15º	"Maio" / Kid Abelha	•
16º	"Fácil" / Jota Quest	16º
17º	"Quero Que Vá Tudo Pro Inferno" / Memê & Jota Quest	•
18º	"Sou Você" / Toni Garrido	•
19º	"Resposta" / Milton Nascimento & Ló Borges	•
20º	"Liberdade Pra Dentro Da Cabeça" / Nativus	18º

Internacional

Te-tra-cam-pe-ãs! Ninguém tira as **Spice Girls**, com ou sem Geri (que ainda não debutou entre os vinte mais), do lugar mais alto do pódio. E afora o bonitão Ricky Martin, que subiu nove posições e está em sétimo, ninguém parece ameaçar o reinado do quarteto. Poucas novidades agitaram a parada internacional: os roqueiros do Aerosmith em "Full Circle"; o pós-grunge do Creed, com "What's This Life For"; uma de suas inspirações, o Pearl Jam (*veja Letra Traduzida*) e o rap malvado de 2 Pac Shakur ("Changes") foram algumas.

		mês anterior
1º	"Goodbye" / Spice Girls	1º
2º	"You Get What You Give" / New Radicals	2º
3º	"Why Don't You Get A Job" / Offspring	3º
4º	"Every Morning" / Sugar Ray	4º
5º	"We Are One" / Kiss	7º
6º	"Never There" / Cake	5º
7º	"Livin' La Vida Loca" / Ricky Martin	16º
8º	"Fly Away" / Lenny Kravitz	19º
9º	"The Last Kiss" / Pearl Jam	•
10º	"The Masterplan" / Oasis	8º
11º	"Pretty Fly (For A White Guy)" / Offspring	6º
12º	"Secret Smile" / Semisonic	10º
13º	"Full Circle" / Aerosmith	•
14º	"Maria" / Blondie	13º
15º	"Praise You" / Fatboy Slim	20º
16º	"Changes" / 2 Pac Shakur	•
17º	"What's This Life For" / Creed	•
18º	"Anthem For The Year 2000" / Silverchair	17º
19º	"Whiskey In The Jar" / Metallica	15º
20º	"Millennium" / Robbie Williams	•

Fotos Divulgação

*estréia

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em doze rádios FM do Rio de Janeiro e doze rádios FM de São Paulo, no período de 10 de maio a 9 de junho de 1999. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização. CBAB

Plugue-se como puder

Conforto, praticidade e preço devem ser levados em conta na hora de escolher um **headphone**

Os *headphones* (ou fones de ouvido) vão com todo mundo, acompanham diferentes aparelhos. Além do óbvio uso vinculado a walkman e CD-man, eles também pode ser plugados em minisystems, televisores ou computadores. E continuam sendo fabricados em modelos cada vez mais diversos.
Leticia Calmon

O **SBCHL110**, da Philips e dotado com haste dobrável, tem uma grande vantagem: o preço (R$ 18). Sem falar no fone que cobre a orelha, mais confortável do que os menores.

Outro modelo básico é o fone de ouvido sem fio. O **SBCHC100** (R$ 80), da Philips, alcança até 7 metros (sem obstáculos) e funciona por meio da emissão de raios infravermelhos. Adaptável a equipamentos de som e televisores, tem ajuste automático de volume e utiliza duas pilhas tipo AAA. É recarregável tanto em 110 como em 220V.

Da Pioneer, o diferencial do modelo **SE-A40** (R$ 68) é sua apresentação, com a cor cinza metálica. O fone tem diâmetro grande (33 milímetros), vem com suporte de cabeça duplo e mecanismo de ajuste esférico.

No essencial quesito conforto (que sempre tem seu preço), o modelo **HA-V550**, da JVC (em média R$ 50), não tem muitos concorrentes. Com um poderoso revestimento de couro no lado que fica em contato com a orelha, ele vem ainda com controle de volume e 3 metros de fio, sem pesar quase nada (122 g).

Da geração dobrável (que facilita o transporte), o modelo **HA-P75** (em torno de R$ 85) vem com 1,5 metro de cabo e seu miniplugue, em forma de "L", é banhado a ouro.

Seguindo a tendência ergonômica no design de objetos e aparelhos, o divertido **SBCHS280** (R$ 22), da Philips, é ideal para fazer esporte e, de quebra, ainda proporciona conforto – o fone se encaixa perfeitamente no ouvido. O comprimento de seu fio é de 1,2 metro.

Onde encontrar

JVC - (011) 5505-0939
Philips - CIC (Centro de Informações ao Consumidor) 0800-123123
Pioneer - Importador e Distribuidor da marca no Brasil (011) 289-5260

Fotos Divulgação

Vida inteligente no blues

A charmosa musicalidade da gaita de Flávio Guimarães

Já se vão treze anos desde que o Blues Etílicos começou a entornar doses do gênero que lhe dá nome por bares e casas noturnas do Rio e de São Paulo. Tempo suficiente para Flávio Guimarães, gaitista e fundador da banda, medir sua importância pessoal no cenário brasileiro do estilo e, particularmente, do instrumento. "Acho que ajudei a popularizar muito a gaita", diz Flávio. "Quando comecei a tocar, entre 1983 e 84, tinha o Zé Da Gaita *(veterano do curto-circuito carioca de shows de blues)*, mais um ou outro. Hoje, deve ter uns 600 garotos por aí, entre Rio e São Paulo, e, honestamente, é difícil citar um que não tenha ouvido nada meu, que não tenha um disco meu."

Presunção? Seria, se não fosse a mais pura verdade. Com seis discos à frente do Blues Etílicos, mais um solo (*Little Blues*, de 1995; o segundo está pronto, à espera de uma gravadora), Flávio é top de linha indiscutível no país. Titãs, Ed Motta, Kid Abelha, Cássia Eller, Fernanda Abreu, Gabriel O Pensador, Luiz Melodia, Paulo Ricardo atestam. Por preferência pessoal ou sugestão de produtor, o fato é que todos já o requisitaram e à sua fiel diatônica para incrementar arranjos.

Flávio é unanimidade no pop rock nacional

Fotos: Ricardo Figueiredo

Dia o quê? Calma...a gente explica. **Diatônica** é um dos dois tipos básicos de gaita (ou harmônica: é tudo a mesma coisa), e a preferida dos músicos de blues, rock e country, por se basear nas escalas mais usadas nesses estilos, como a pentatônica. Sua prima, a gaita **cromática** (que se caracteriza pela pequena chave do lado direito, por meio da qual se obtêm notas bemóis e sustenidas, ou, como Flávio os chama, os "acidentes"), é mais apropriada para música clássica, jazz, bossa nova, chorinho. "Tem um som mais certinho, as notas são dispostas de forma mais organizada", explica ele. "A diatônica é menor e tem um som mais quente, com mais volume, amplifica melhor."

Por sinal, as diatônicas Hering Blues e Hohner Special 20 de Flávio têm um companheiro fiel no amplificador valvulado Fender Super Reverb, relíquia de 1971. "Sou um dos poucos que amplifica a gaita por aqui. O fraseado muda por completo, se confunde com o da guitarra", diz ele (de fato, a gaita que Flávio acrescentou à nova versão de "Lugar Nenhum", dos Titãs, para o CD *Volume Dois*, passa como guitarra para ouvidos desatentos).

Mas a semelhança não fica por aí. Flávio é o primeiro a admitir que jovens gaitistas, assim como jovens guitarristas, tendem a achar que velocidade é tudo. "Os garotos mais novos, começando, têm que tomar cuidado com essa coisa meio masturbatória do solo rápido", observa ele. "Eu também já dei valor a isso, é natural quando se é adolescente, você aparece mais. Mas, à medida que você fica mais velho, vê um pouco de presepada nisso. Muitas vezes esses caras nem interagem bem com o resto da banda."

Essa discussão nos leva a outra: é fácil enganar com a gaita? "Bom, ela tem um certo charme", admite Flávio. "Por isso, não deixa de ser fácil tirar um som agradável, 'curtível', sem grandes dificuldades, e causar sensação. A gaita do Midnight Oil, por exemplo, é uma m... Chegar a tocar bem já é difícil".

O que não significa que não haja bons gaitistas no pop. "Stevie Wonder, para mim, é um dos cinco melhores do mundo na cromática. Você ouve ele tocar e sabe que é ele. E mesmo o Bob Dylan, que a maioria dos gaitistas diz que não toca nada... eu não concordo. Acho que ele tem técnica e um estilo próprio." Os favoritos de Flávio, porém, estão no blues: os mestres Sugar Blue e Charlie Musselwhite. E, o que é motivo de orgulho para o mais talentoso discípulo brasileiro da dupla, cada um participa de um de seus discos solo.

Para encerrar a conversa, uma curiosidade: gaita se empresta? Sabe como é, um instrumento que se toca com a boca... "De jeito nenhum", atesta Flávio. "É como escova de dente, moto e mulher: cada um que tenha a sua."

Jaime Biaggio

A sua revista de cinema e vídeo.

A magia Disney. Uma selva digital. E um grande herói numa aventura alucinante. Desbrave os mistérios de Tarzan, o desenho animado do ano. E mais: o sucesso de Julia Roberts, a beleza de Salma Hayek e um pacotaço de cinema e vídeo para as férias da garotada. Revista SET. **Nas bancas.**

EDITORA PEIXES

Alturas inatingíveis

Em momento de crise, o Echo & The Bunnymen gravou um marco dos anos 80

A tensão inspirou Ian McCulloch, Pete De Freitas, Les Pattinson e Will Sergeant

Porcupine

Echo & The Bunnymen

O Echo & The Bunnymen desenvolveu um trabalho tão bom que, apesar de amado por todos os que se iniciaram no rock durante a década passada, tem poucos discípulos. Discos como este, terceiro de sua carreira, realmente intimidam possíveis seguidores. *Porcupine*, porém, é uma escolha polêmica entre os fãs do grupo, que apreciam bastante o primeiro álbum, *Crocodiles*, de 1980, e mais ainda o quarto, *Ocean Rain*, de 1984. Para tirar a teima, ninguém melhor do que a própria voz de Ian McCulloch (vocalista e líder da banda), em recente entrevista: "Este é provavelmente o melhor disco do Echo. Foi horrível de fazer, mas é o melhor".

Estamos diante de um daqueles álbuns que merecem ser escutados a fundo dezenas de vezes, em épocas diferentes da vida. Em 1982, Ian, Will Sergeant (guitarrista), Les Pattinson (baixista) e Pete De Freitas (bateria) jamais poderiam ter se permitido passear pelo mundo da fantasia de canções ultra-românticas como "Killing Moon" e "Crystal Days", do belíssimo *Ocean Rain*.

Depois de lançar dois discos cultuados, eles ainda perseguiam a sobrevivência: tiravam 25 libras (cerca de 100 reais) por semana. O sucesso não vinha e o clima na banda era de desconfiança. "Estamos perdendo o sentido da nossa missão", verso da faixa-título, "Porcupine", não era endereçado a nenhuma musa.

"Era *Apocalypse Now* na hora em que Marlon Brando sai retalhando porcos e faz sua pintura de guerra. Foi a fase mais claustrofóbica da minha vida", lembra hoje o cantor. Os arranjos do disco, porém, jogam sempre para cima, para o épico. Somados às letras, eles denotam uma adorável arrogância de Napoleão de hospício.

Poucas vezes uma cozinha (Pattinson e De Freitas) tão limitada tecnicamente rendeu tanto, segura nas variações de dinâmica aprendidas ouvindo Velvet Underground. Raros são encontros como o do guitarrista Will Sergeant (versátil e sempre inventivo – talvez a grande estrela do álbum) com o do violinista indiano L. Shankar, convidado especial.

Ficha técnica

Ano de lançamento: 1983
Produção: Kingbird
Músicas: "The Cutter" • "The Back Of Love" • "My White Devil" • "Clay" • "Porcupine" • "Heads Will Roll" • "Ripeness" • "Higher Hell" • "Gods Will Be Gods" • "In Bluer Skies"
Por trás do pseudônimo Kingbird está o produtor Ian Broudie, ex-amigo de Ian McCulloch dos tempos de Liverpool e hoje líder da banda pop Lightning Seeds. Para fazer a foto da capa, os *bunnymen* viajaram até uma paisagem assustadoramente bonita na Islândia. "The Back Of Love" saiu antes, em 1982, ano em que aconteceram as gravações de *Porcupine*. O álbum foi lançado em fevereiro de 1983 e chegou ao segundo lugar na parada inglesa.

Em "The Cutter", com introdução chupada de "Matthew And Son", de Cat Stevens, até os trompetes sintetizados incluídos por "sugestão" da gravadora funcionam. Essa canção e "The Back Of Love", encorpada com celos, deram ao Echo os hits que lhe faltavam. Mas o disco tem muitos outros momentos inspirados.

Na dramática "Clay" ("quando eu me fiz em pedaços, não era feito de areia/ quando você se arrasou, o barro se esfacelou em minhas mãos") e na lindíssima "Porcupine", Ian McCulloch tira o rock do beco-sem-saída pós-punk, recuperando ambições jim-morrisonianas em canções sempre concisas (grande vantagem em relação aos Doors). Seu lirismo atinge o auge na última faixa, a ciranda psicodélica "In Bluer Skies": "Estou contando com seu coração pesado/ Será que ele me impediria de me dilacerar?"

Pedro Só

"O Echo me alucinou completamente. Fui morar em Liverpool para conhecer os caras que fizeram *Porcupine*."
Courtney Love

CÁSSIA ELLER

– COM VOCÊ... MEU MUNDO FICA COMPLETO

NOVO CD
INCLUINDO O SUCESSO
"O SEGUNDO SOL"

UNIVERSAL
MUSIC